

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

Bio-Manguinhos:
auto-suficiência
em vacinas

Volta Redonda:
Privatização
e crise

Países do Sul:
O desafio
da Ciência

Che
Guevara
Especial

ISSN 0101-7993 Nº 202 • R\$ 5,00

ISSN 0101-7993



Já à venda



Faça o seu pedido !

Editora Terceiro Mundo LTDA.

Depto. de Assinaturas: Rua da Glória, 122 / sl. 105 e 106 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-180

E-mail: caderno@ax.apc.org / Telefone: (021) 221-7511 / Fax: (021) 252-8455

**EDITORA
TERCEIRO MUNDO**

DIRETOR FUNDADOR: Neiva Moreira
DIRETORA EXECUTIVA: Beatriz Bissio
DIRETOR ADMINISTRATIVO: Altair Campos

**CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO**

ISSN 0101-7993 Nº 202 Set/Out- 1997

Publicação com informação e análise
das realidades dos países emergentes

DIRETORA: Beatriz Bissio

DIRETOR-ADJUNTO: Pablo Piacentini

EDITORES: Marcelo Monteiro e Procópio Mineiro

CONSULTORES: Darcy Ribeiro (*in memoriam*)
Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano (Uru-
guai) e Juan Somavia (Chile)

REDAÇÃO: Beth von Zuben (Rio), Roberto Bardini
(Argentina), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina
Canoura (Uruguai)

REVISÃO: Valdenir Peixoto

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Sílvia Arruda (chefia),
Marco André Balloussier, Mônica Pérez e Leila Câmara

ARTE E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Nazareno
de Souza (chefia) e Sheila Cristina Massapust

RESPONSÁVEL WEB: Macário Costa

GERENTE COMERCIAL: Cléber Saboya

GERENTE DE CIRCULAÇÃO: Francisco Távora

GERENTE ADMINISTRATIVO: Jonas Bezerra da Silva

ASSINATURAS: Izabel Nascimento (supervisora),
Francisca Antonia, Sidnei de Souza; Carlos Alberto de
Souza e Hilário Brambilla (circulação)

Tel: (5521) 221-7511 / Fax: (5521) 252-8455

PAGAMENTOS: cheque nominal, vale postal
(Agência Lapa- Rio) e cartão de crédito

E-mail: caderno@ax.apc.org

FOTOS: Agence France Presse (AFP)

SUCURSAL EM LISBOA: Artur Baptista (diretor)

Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro 10/1º
andar - Lisboa, 1200 - Tel.: 32-0650

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP
(Angola), AIM (Moçambique), INA (Irake), IPS (Inter
Press Service), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA
(Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos
Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas:
África News (EUA), Altercom (Ité-México-Chile), Third
World Network (Malásia) e Against the Current (EUA)

REPRESENTANTES DE ASSINATURAS:

Amapá: Misael Santana - (096) 242-5853 / **Bahia:**

Carlos Filho Rep. Ltda. - (075) 223-4109 / **Mara-**

nhão: Via Publicidade - (098) 232-1325 / **Minas**

Gerais: SHS Representant.Ltda. - (031) 274-8600 /

Pará: José Maria R. de Souza - (091) 244-3617 /

Rio Grande do Sul: Com.e Repres. Kuffner Ltda. -

(051) 593-8465/594-3633

DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia - Tel: (021) 575-7766

NÚMEROS ATRASADOS: ao preço do último exem-
plar, desde que disponível no estoque. Solicitar envio ao
Departamento de Assinaturas acrescentando 30% ao
valor do pedido para despesas de postagem ou adquire-
los diretamente na sede da Editora.

EDITORA TERCEIRO MUNDO

Rua da Glória 122, Grupos 105/106, Glória

Cep: 20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel. PABX: (5521) 221-7511 / Fax: 252-8455

E-Mail: caderno@ax.apc.org

Internet: <http://etm.com.br>

Filiada à **ANER**

Associação Nacional dos Editores de Revistas

**Ao
leitor**

O resgate da ética



há trinta anos tombava nas selvas boli-
vianas o lendário comandante Ernesto
Che Guevara. Mas, só agora começam a
ficar claras as circunstâncias de sua morte,
a partir da investigação que permitiu que os
seus restos fossem encontrados, tras-
ladados a Cuba e enterrados no mauso-
léu que o governo da ilha construiu na ci-
dade de Santa Clara, que ele e os homens
de sua coluna libertaram da ditadura de Fulgêncio Batista,
nas batalhas que antecederam a Revolução de 1959.

Mas, se a respeito de sua morte havia muitas lacunas, a
sua vida, pensamento e exemplo também ficaram por
muito tempo em forçado esquecimento ou foram detur-
pados pela "história oficial" e pela mídia do sistema, no
marco dos trágicos regimes militares que abalaram os
nossos países durante os anos 70 e 80.

O fato de terem sido encontrados os seus restos, justa-
mente na véspera de se completarem 30 anos de seu as-
sassinato, fez com que o seu legado político, ideológico
e, sobretudo, ético tenham adquirido renovado interesse,
em particular para os jovens que nem eram nascidos na
época em que o comandante Che Guevara foi morto.

Num período em que nossos povos sofrem com a falta de
normas éticas de muitos governantes, lembrar o exemplo
de desprendimento pessoal, o devotamento à causa
popular e o altruísmo de Che é importante.

Com tal objetivo, e também como forma de homenagem
a essa extraordinária figura, a equipe de **cadernos do ter-
ceiro mundo** resolveu dedicar-lhe esta edição especial.

Esperamos que, assim como para nós foi um grande
prazer e uma renovada fonte de reflexão trabalhar com
os textos que aqui publicamos, os leitores também des-
frutem com a leitura dos depoimentos de companheiros
de luta e de personalidades da nossa América Latina,
alguns deles escritos há três décadas, ainda sob o impac-
sto da notícia de sua morte.

Os editores

Sumário

Set/Out - 1997 - Nº 202 - Ano XXII

3 CARTAS

5 PANORAMA NACIONAL

11 PLANALTO

DIPLOMACIA

14 Um "satélite privilegiado" nas nossas fronteiras

Argentina se sensibiliza com os acenos de Washington

POLÍTICA

16 A atualidade de Getúlio

Nos 43 anos de sua morte, senadora relembra obra do estadista

ECONOMIA

19 O protesto da CSN

Desemprego, após privatização da CSN, abala Volta Redonda

SOCIEDADE

21 Profissionalização de crianças de rua

Projetos procuram o resgate social dos filhos do abandono

23 Aids entre os índios

Mal chega às comunidades indígenas

SAÚDE

26 Um sonho possível

Bio-Manguinhos perto de dar ao Brasil a auto-suficiência em vacinas

ENTREVISTA

30 A arte da Ciência nos países pobres

Presidentes da Academia Brasileira de Ciências e da SBPC, Eduardo Krieger e Sérgio Ferreira, analisam o panorama brasileiro

MÚSICA POPULAR

34 A força do choro

Em 1997, o chorinho recupera o fôlego

ESPAÇO DO LIVRO

36 Viagem no texto: Giocondo, um retrato do Partido Comunista

37 Com a palavra, o autor: Em busca de Macondo

38 PANORAMA INTERNACIONAL

PÁGINA ABERTA

80 Piratas da vida amazônica

Contrabando comercial e científico faz parte do dia a dia da região



14



21



26

Capa



CHE GUEVARA



ESPECIAL

A VIDA

Uma biografia revolucionária	44
Trinta e nove anos de paixão social	50
Biografia revela um perfil de líder de carne e osso	52
'S. Ernesto de La Higuera '	54

LEMBRANÇAS

O Che que eu conheço	58
Uma cultura de libertação	59
Pequenos, fixos, penetrantes olhos	60
A partir de Yara	62

ANÁLISES

Homem do século XXI	65
A grande lição	66
Che, em nosso mundo hoje	68
A ética da unidade	70
Uma madrugada de fevereiro	73
O nascedor	74
Está para acabar	74
CHE	74

ARTE

Che 1997	76
Na tela, os dias finais	76

Parabéns

Desde o seu nascimento, na cidade de Buenos Aires, até hoje, *cadernos do terceiro mundo* tem sido uma verdadeira e imensa vertente, contínua e inesgotável fonte de consulta sobre os acontecimentos nacionais e internacionais, permitindo ao povo brasileiro tomar conhecimento dos mais importantes fatos ocorridos, principalmente nos países do Terceiro Mundo.

Cadernos do terceiro mundo tem proporcionado, não só aos alunos como também aos professores, uma oportunidade de, em suas pesquisas, aumentarem seus conhecimentos. Principalmente quando falamos da edição especial, o número 200. É como aqueles livros que, quando se começa a ler, não se consegue mais parar, terminando a leitura somente na última linha da última página.

Parabéns aos jornalistas Neiva Moreira e Beatriz Bissio e a sua eficiente e dedicada equipe.

Nicolau Marinho Debiáze

Rio de Janeiro - RJ

Como não poderia deixar de ser, eu bato palmas para a revista *cadernos do terceiro mundo*. Gosto muito de conhecimento geral e por isso leio a publicação de trás para frente, por causa das reportagens sobre outros países e informações mais direcionadas. Gostei muito do material da impressão. Ficou mais agradável aos olhos. Só espero que isto não venha a dificultar o acesso à informação das pessoas, no sentido de aumentar o preço da revista.

Gostaria de fazer umas pequenas observações: sou americano, pois nasci na América, no Brasil. Por isso peço que nos textos da revista seja substituído o termo norte-americano por estadunidense, pois quem nasce nos Estados Unidos é estadunidense.

Paulo Arnaldo Fantin

Estudante de Física

Universidade Federal do Espírito Santo

Por E-mail

Aula inaugural

Em nome do Centro Acadêmico de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e de toda a escola, quero agradecer carinhosamente a Beatriz Bissio pela excelente aula inaugural no início do segundo semestre.

Quando recebi a responsabilidade de organizar uma palestra de recepção para os novos alunos da Escola de Comunicação, esperava ter de enfrentar mais um atarefado profissional da área que não daria tanta importância a um convite como o que eu tinha para fazer.

Longe disso, encontrei na redação de *cadernos do terceiro mundo* não um amontoado de jornalistas estressados, mas uma família, amigos trabalhando por um objetivo comum. Um nobre e difícil objetivo, diga-se de passagem, que eu, mais novo que a revista, fico realizado ao ver que foi levado adiante, como prova o recente nº 200.

Uma lição de vida, com certeza; a de que um trabalho unido e feito com a própria vida é o que prospera, apesar de qualquer dificuldade.

E também, como ficou evidente no caso da Beatriz, uma lição sobre o que é ter uma carreira - na verdade uma vida - completa, tão plena que não cessam as histórias, belas ou tristes, mas todas elas humanas.

É de se admirar que, mesmo assim, a vontade de continuar e fazer cada vez mais não pare de crescer; isso o pique de Beatriz torna impossível não ver. Não é à toa o seu sucesso, de todos vocês. Obrigado por tudo e espero que pessoas assim sejam cada dia mais numerosas e inspirem aqueles que, como nós, ainda estão pondo na profissão o segundo pé.

Fausto José Oliveira

Centro Acadêmico de Comunicação da UFRJ

Rio de Janeiro - RJ



Fogueira das vaidades

As "relações carnavais" recentemente mantidas entre os Estados Unidos e a Argentina tiveram um objetivo claro, nítido, pré-anunciado: inserir no ventre da nação portenha o deformado feto da cizânia, abalando o maior obstáculo à hegemonia continental do Tio Sam, a união do Cone-Sul. Não poderiam ser mais eficientes. Ao afagar o ego argentino com a duvidosa carícia do aliado íntimo, os EUA sabiam perfeitamente que provocariam o Chile, adversário ancestral da Casa Rosada, que ainda não consegue digerir com facilidade as questões da Patagônia e Terra do Fogo. Não poderiam ser mais baixos. Por extensão, forneceram aos nacionalistas argentinos, em temporada pré-eleitoral, o combustível para reativar a adormecida brasa da disputa com o Brasil. Em pauta, não mais Itaipu, mas uma inútil vaga no Conselho de Segurança da ONU.

A cartorial e burocrática tupiniquim fez-se de avestruz no primeiro momento, mantendo silêncio, enquanto o Chile estrilava. Foi apenas quando a pedra de toque, a menina dos olhos do Itamarati, foi ameaçada que nossas brilhantes hostes resolveram pronunciar-se. Como de costume, mal.

Não poderiam ser mais tolos. Fizemos exatamente o que o big brother previra: rangemos dentes, quando deveríamos estar apertando as mãos.

Ao contrário, se nossos diplomatas não fossem afeitos a escapadas melancólicas de embaixadas seqüestradas, se soubessem perceber a direção dos ventos, como nosso mestre Rui Barbosa o fazia, teria sido outra a situação.

No momento do anúncio norte-americano, elevando a Argentina a aliada íntima, nossos diplomatas deveriam ter corrido o continente, tecendo uma rede de apoio incondicional e nominando a Argentina "protetora das nações do Mercosul contra as ameaças do Norte". E, de pronto, colocaríamos a questão das Malvinas na pauta, esperando para ver quem seria o aliado mais íntimo de Washington: Buenos Aires ou Londres. Poderíamos ser mais inteligentes.

Ruiter Bandeira
Brasília - DF

Política do petróleo

Proposta indecente. É assim que classifico o substitutivo do deputado Eliseu Resende (PFL-MG) que pretende regulamentar a nova política para o petróleo brasileiro. O deputado mineiro conseguiu a proeza de tornar, ainda pior, o projeto de lei que o Executivo enviou ao Congresso Nacional para disciplinar a matéria.

O projeto aprovado cria uma Agência Nacional do Petróleo (ANP), com poderes imperiais. O Congresso Nacional perde o controle sobre a política do petróleo, limitando-se a aprovar os nomes para a diretoria da Agência.

Poderá autorizar grupos privado, inclusive estrangeiros, a construir e operar refinarias, em empreendimentos de bilhões de dólares, mediante simples autorização, sem licitação. Imoralidade. À ANP caberá decidir, unilateralmente, sobre a capacidade financeira da Petrobras. Se julgar que a nossa maior empresa não tem condições financeiras para desenvolver uma jazida - por exemplo, o Campo de Roncador, Bacia de Campos, com reservas da ordem de três bilhões de barris, poderá exigir da Petrobras sua devolução, para entregá-lo às multinacionais.

O substitutivo de Eliseu Resende não prevê mecanismos de controle sobre as importações de derivados de petróleo. Desconsidera a grande capacidade ociosa de refino existente no exterior. A importação desenfreada de derivados transferirá a ociosidade para nosso parque de refino, provocando o fechamento de unidades. Mais desemprego e déficit na deficitária balança comercial.

Também não há controle sobre as exportações de petróleo. Poderemos ter um rápido aumento de produção, obtido às custas da depredação das jazidas, com o comprometimento futuro do nosso quadro energético. As multinacionais precisam exportar o petróleo brasileiro para complementar as necessidades do G-7, o grupo de sete países mais ricos do mundo, dramaticamente dependentes deste produto estratégico.

Ricardo Maranhão
Vice-presidente da Aepet
Rio de Janeiro - RJ

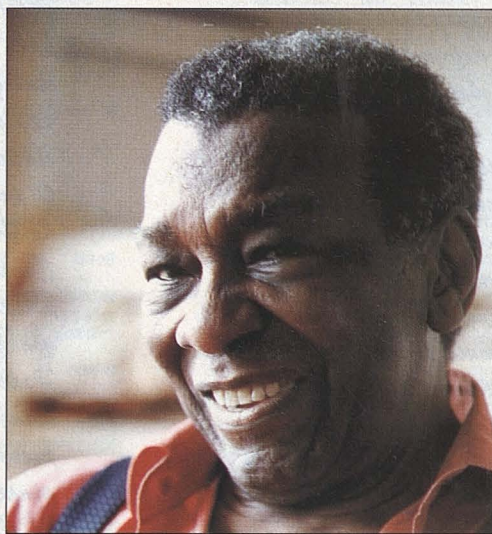
Elogio do pensamento

No dia 28 de agosto, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo concedeu o título de Professor Emérito ao geógrafo Milton Santos, um pensador social e humanista. O título coroa uma carreira dedicada à reflexão científica sobre os seres humanos, seu quando e seu onde, e os destinos melhores que poderiam ter.

Na edição 200 de **cadernos do terceiro mundo**, o professor Milton Santos foi uma das personalidades que compuseram o painel de reflexão sobre nossos tempos, na matéria principal da revista, ao lado de D. Paulo Evaristo Arns, Juan Somavía, Adolfo Vásquez e René Dreifuss.

Milton Santos, em seu mais recente livro (*Técnica,*

Milton Santos trabalha com uma reflexão de futuro e esperança e acredita nas voltas da história



espaço, tempo - globalização e meio técnico-científico informacional, lançado pela Editora Hucitec, 1996, formato de bolso, 190 páginas), cita uma frase do pensador Herbert Marcuse, uma pérola para qualquer lutador social: "Hoje temos a capacidade de transformar o mun-

do em um inferno e estamos a caminho de fazê-lo. Mas também temos a capacidade de fazer exatamente o contrário."

"O grande risco, no entanto, é que a recusa à coragem e a falta de crença se convertam em rotina", adverte Milton Santos.

Solidariedade

Fugindo para as férias e o verão europeu, um grupo de jovens franceses passou o mês de agosto no interior fluminense, em atividades de solidariedade e de contato com uma realidade de Terceiro Mundo. Os rapazes e moças (estudantes de diversas áreas e alguns profissionais de agronomia) participaram do Projeto Chantier (Mutirão), promovido por organizações não-governamentais francesas e brasileiras.

O Projeto Chantier existe desde 1988 e, neste mesmo ano, o objetivo principal foi o de levantar uma casa de farinha, para produção diária de 250 quilos, na localidade de São José da Boa Morte, em Cachoeiras de Macacu (RJ), em apoio a 52 famílias.

Advertência oportuna

O ex-ministro de Minas e Energia, Antônio Dias Leite, anda inquieto com o que vê acontecer no setor. Ele desabafou seus temores, em recente conferência no Conselho de Energia da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan).

Em primeiro lugar, considerou que o BNDES fez concessões imprudentes nas privatizações já realizadas, como a da Light, no Rio de Janeiro. O ex-ministro assina-

lou a queda de qualidade do serviço, desde que assumiram os novos acionistas. Há maior número de cortes de energia e maior demora nos reparos. Aliás, os funcionários da Light já tinham advertido para isso, ante as milhares de demissões efetuadas após a privatização.

O ex-ministro reclamou também da falta de investimentos por parte dos novos concessionários, uma obrigação que qualquer edital

mais sério teria exigido.

Dias Leite apontou, ainda, um aspecto crucial, que torna uma temeridade o programa de privatizações de setores estratégicos por parte do governo federal. Ele se referiu aos órgãos de regulação e fiscalização, entidades que servem, na verdade, de argumento para o Planalto dizer que as necessidades nacionais não serão descuidadas. Pela teoria, vão-se as empresas, mas o

Estado manteria o "controle de qualidade" da sua atuação, através dos regulamentos e da fiscalização dos serviços. Assim, uma agência nacional do petróleo, uma agência nacional de telecomunicações, outra de eletricidade, etc., seriam controles suficientes. Com sua experiência, Dias Leite reconheceu que regular e fiscalizar (fazer valer a regulação) não é exatamente o forte da administração. Ainda mais com um BNDES, gestor da privatização, altamente condescendente.

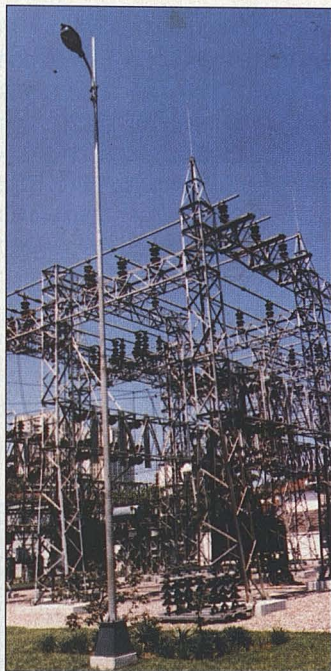
Dependência energética

Com um sistema instalado de quase 60 mil megawatts e apesar dos milhões de megawatts que ainda dormem em seus rios, o Brasil corre atrás de energia que já esteja à mão, para evitar uma escassez danosa ao desenvolvimento. A integração proporcionada pelo Mercosul vem solucionar, em grande parte, este problema. Assim, o país está passando também a grande mercado importador de energia dos seus parceiros, os quais já o têm como importador indispensável de seus produtos agrícolas e industriais.

O acordo de agosto passado permitirá a importação de mil megawatts de eletricidade argentina, a partir de 1999, e, proxima-mente, também o Uruguai poderá fornecer certa quantidade de energia. O Paraguai, sócio em Itaipu, já destina metade de sua parte no empreendimento para o consumo brasileiro.

Em breve, também a Venezuela estará exportando eletricidade, abastecendo a Região Amazônica, enquanto a Bolívia estará, em dois anos, fornecendo o gás natural para o Sudeste e o Sul, para uso, em parte, na geração termelétrica.

As regiões mais industrializadas do país, o Su-



deste e o Sul, têm à disposição um total de 42 mil megawatts, limite quase atingido este ano, quando o consumo na região já chegou aos 40,2 mil megawatts.

A previsão é de que o país necessite aumentar sua capacidade energética em 1,35 mil megawatts, a cada ano, o que corresponde a uma Usina de Itaipu por década, ou, ainda, a investimentos anuais de US\$ 2 bilhões.

As mais de duas dezenas de hidrelétricas com obras paralisadas comprovam a gravidade da situação. Para sustentar sua demanda crescente, o Brasil passa a depender cada vez mais da eletricidade importada, o que, a longo prazo, poderá não ser confortável.

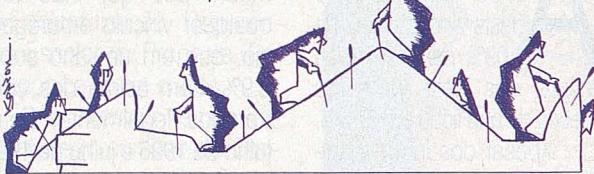
Biopirataria

Enquanto o projeto da senadora Marina Silva (PT-AC), de regulamentação da Convenção sobre Biodiversidade, aguarda aprovação, a secular pirataria dos recursos amazônicos prossegue. O único dado positivo, no momento, é que se começa a tomar providências contra dois contrabandistas, segundo as denúncias que apontam a tradicional empresa Channel e a organização não-governamental Selva Viva, do suíço Rudiger von Renighaus, como envolvidas em biopirataria.

O suíço e sua ONG-empresa são acusados pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e pela União das Nações Indígenas (UNI) de negociarem dados científicos sobre espécies

amazônicas para transnacionais farmacêuticas, como Ciba-Geigy, Hoechst, Sandoz, Lilly e Johnson & Johnson. Renighaus passava-se por pesquisador, colhia informações sobre a farmacopéia indígena, relacionando os princípios ativos dos vegetais utilizados pelos índios e vendia esse conhecimento aos grandes laboratórios internacionais, que os patenteiam, estabelecendo o monopólio da aplicação desses princípios em produtos.

Já a Casa Channel é apontada, pelos ecologistas franceses do grupo Robin des Bois (Robin Hood), como a pirata do pau-rosa, de cuja essência é feita o seu perfume mais vendido, o Channel número 5. Os lucros e a patente ficam, é claro, com os franceses, a ameaça de extinção do pau-rosa fica conosco.



Processo kafkiano

Ao fecharmos esta edição, ainda não se decidira se o processo contra José Rainha, um dos líderes do Movimento dos Sem Terra, voltaria a ser julgado na cidade de Pedro Canário, no interior capixaba, ou se seria deslocado para a capital, Vitória.

Como se sabe, José Rainha é acusado de um crime, que ocorreu quando ele estava a 2 mil quilômetros de distância. A pressão da UDR torna improvável a isenção necessária ao júri.

Indústria nacional e concorrência

Desde o dia 21 de agosto, a Herbitécnica, de Londrina, está produzindo dois novos herbicidas indicados para a lavoura de soja, o Topgan e o Vezir, o primeiro já com registro nos ministérios da Saúde, Agricultura e Meio Ambiente, neste através do Ibama, e o segundo com registro a sair em dias. A fábrica, construída em cinco meses, inteiramente automatizada e gerida por software, custou US\$ 7 milhões e visa a abastecer o mercado nacional e os vizinhos integrantes do Mercosul.

Segundo o vice-presidente-executivo da Herbitécnica, José Antônio Fontes, os novos produtos da indústria brasileira vão concorrer com produtos que utilizam os princípios ativos Imazaquin e Imazatapyr, um mercado anual de US\$ 200 milhões no âmbito do Mercosul (só o Brasil representa US\$ 100 milhões/ano).

Por conta desse mercado, até agora monopólio de indústrias químicas européias e norte-americanas, "a concorrência fez de tudo, na esfera administrativa, para impedir que tivéssemos o nosso registro", expli-

cou o presidente da Herbitécnica, Oswaldo Pitó. "A concorrência sabia que não poderia nos impedir de fabricar os produtos, mas tentava ganhar tempo, para que não os tivéssemos para esta próxima safra".

A multinacional Cyanamid chegou a mover ações judiciais na Argentina e Paraguai, para impedir a comercialização dos dois produtos da Herbitécnica. "No Paraguai, fomos acusados de pirataria pela embaixada americana. Mas ficou provado que temos agido de forma idônea".



Mercado informal em alta

A taxa de desemprego entre junho e julho deste ano passou de 6,09% para 5,97%. A média dos sete primeiros meses do ano ficou em 5,78%.

Apesar dos índices animadores, o mercado formal de trabalho encolhe cada vez mais. Dados do IBGE apontam um crescimento de 3% no número de pessoas que trabalham por conta própria, contra 1,4% dos que têm carteira de trabalho assinada e 0,3% de trabalhadores autônomos no mesmo período.

Técnicos do instituto creditam a mudança ao

aumento do rendimento médio dos que não têm qualquer vínculo empregatício, que em um ano subiu 3,9%, bem acima dos contratados legalmente. Entre julho de 1996 e julho de 1997 os que possuem carteira assinada tiveram um aumento de 2,4% em sua renda, enquanto os ganhos dos que não têm permaneceu estável.



Produção industrial lenta

Segue lenta a retomada do ritmo da produção industrial. Um aumento de 1,8% aliviou um pouco o desapontamento do setor em recessão, mas a análise da produção entre janeiro e julho (5,3%) mostra que há uma desaceleração do setor, se comparado o índice ao do fechamento do primeiro semestre, (dezembro a junho), que ficou em 5,9%.

Os setores de bens intermediários, produzidos para abastecer grandes indústrias, e de bens de capital (maquinário pesado) foram os responsáveis pela alta nas taxas de crescimento da indústria no período julho de

1996/julho de 97. Com índices de 3,8 % e 2,4% respectivamente, estes segmentos ficaram bem à frente do de bens de consumo duráveis, semiduráveis e não-duráveis, que apresentaram queda acentuada. A confecção de produtos duráveis chegou a cair 6,5% em um mês, sendo que a produção de eletrodomésticos baixou 27,8%.

As áreas que alavancaram o crescimento da produção industrial em julho deste ano e o mesmo mês em 1996 foram as indústrias produtoras de insumos e matérias-primas, como a de extrativismo mineral (11,1%) e a de fumo (78%).

Universo profissional

O Centro Acadêmico da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a cada semestre promove a Semana de Calouros, uma forma de dar as boas vindas aos novos estudantes e

inserir-los no mundo universitário. Entre as atividades que são realizadas, como brincadeiras, gincanas, há também uma aula inaugural, na qual sempre é convidado um jornalista para passar aos calouros a sua experiência profissional.

No segundo semestre deste ano, a revista **cadernos do terceiro mundo**, que comemorou a sua edição nº 200, foi escolhida pelos estudantes do curso de jornalismo. Cerca de 150 alunos assistiram à palestra concedida por Beatriz Bissio, dire-

tora da publicação. "A Editora Terceiro Mundo fornece à sociedade informações que em geral a grande imprensa não dá. Na UFRJ, há muitas pessoas que colecionam a revista como se fosse um troféu, enfim, algo muito importante", exalta Fausto José de Oliveira, do Centro Acadêmico da Escola de Comunicação UFRJ.

No evento, Beatriz contou toda a trajetória de **cadernos**, as suas conquistas e os obstáculos que enfrentaram para continuar existindo até os dias de hoje. "O nosso capital nunca foi o dinheiro e sim a nossa experiência profissional. Sentimos a necessidade de fazer **cadernos** porque existia uma lacuna na temática internacional, justamente num momento em que o processo final de descolonização acontecia na África e a ditadura fervilhava na América Latina", disse Beatriz Bissio.



Beatriz Bissio falou aos futuros jornalistas sobre sua experiência profissional e a trajetória da revista

Lei Darcy Ribeiro

A té o dia 20 de dezembro deste ano serão regulamentados os dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o que representará grande mudança no sistema educacional no Brasil. Após a regulamentação, cada estado terá que organizar seu sistema educativo à luz dessa lei.

Segundo a presidente em exercício do Conselho Estadual de Educação (CEE) do Rio de Janeiro, Regina Pereira Mendes, será conce-

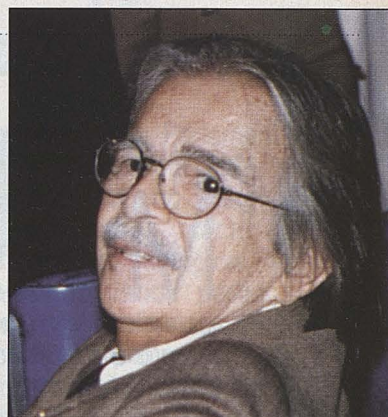
dido prazo para que as escolas, públicas e privadas, sejam regulamentadas. "Provavelmente até 1999", diz Regina.

Nos dias 8, 9 e 10 de outubro, será realizado, em Florianópolis, o fórum nacional para discutir a LDB. Os Conselhos Estaduais de Educação de todo o país estão participando das reuniões preparatórias para o fórum nacional, quando serão debatidos temas polêmicos, como Progressão Parcial e Progressão Conti-

nuada, Ensino Médio e Profissionalizante, Classificação e Reclassificação, Regimento Escolar e Proposta Pedagógica, entre outros.

Ao mesmo tempo, acontecem reuniões do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (Consed), com o objetivo de buscar alternativas para executar os dispositivos da LDB.

"O CEE do Rio de Janeiro está se reunindo todas as terças-feiras, subdividido em comissões, para o estudo e a normatização da LDB, sempre subsidiado pela assessoria técnica do



A LDB foi uma das últimas batalhas do educador e senador Darcy Ribeiro, falecido em fevereiro

CEE e pelas informações que os conselheiros trazem de vários encontros, dos fóruns estaduais e do Consed", diz Paulo Sampaio, conselheiro do CEE/RJ.

Os conselhos de Fishlow

O economista estadunidense Albert Fishlow esteve no Brasil no final de agosto, em nova rodada de conferências e entrevistas. Uma de suas falas foi na Escola Superior de Guerra. Em essência, Fishlow, que foi professor do ministro da Fazenda Pedro Malan, defendeu a macropolítica neoliberal, elogiou o projeto da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), defendida por Washington, propôs déficit zero para os Estados, mas não para a União, e considera aconselhável aumentar as importações, que já dão um déficit assustador. Considera que a sobrevalorização do real em relação ao dólar, que calcula em torno de 15%, não provoca problemas, e que é

mais importante buscar maior produtividade, citando como exemplo a Argentina, onde, aliás, o desemprego oficialmente admitido chega aos 17% da população ativa.

Seu ar plácido ajuda a transmitir a tranquilidade que ele vê no quadro econômico brasileiro, pois não vê também qualquer problema no déficit externo de 4,5% do PIB. Os investidores internacionais cobrem o buraco, disse ele, pois a economia brasileira desperta confiança. O otimismo do professor Fishlow é tão grande que ele prevê crescimento anual do PIB em 6%, dentro de dois anos, caso, naturalmente, os ganhos de produtividade, à moda argentina, permitirem crescimento de exportações em torno de 10% ao ano.

Sua receita social é de que se invista mais no ensino primário e secundário e se tire uma prioridade que ele vê destinada ao ensino superior.

Como ciência e tecnologia só se desenvolvem com ensino superior forte, e como não pode haver prioridades excludentes entre os diversos níveis de ensino, esta parece outra receita perigosa. Algo como dizer que uma casa de altos estudos como a Escola Superior de Guerra poderia ser trocada, com vantagens, por mais meia dúzia de escolas primárias ou por outro tanto de escolas de especialização de sargentos.



Enfim, há muito tempo o Terceiro Mundo descobriu que é essencial alfabetizar e profissionalizar - apesar de tantos governos relapsos - mas que só isso não basta para o salto do desenvolvimento. A fórmula de braços bem treinados não pode excluir a de cérebros criativos, função da universidade.

Chaga exposta

Mais uma série de envolvimento de policiais militares com as atividades criminosas - seqüestros e assassinato - reabre o debate sobre as corporações de segurança, a cidadania e o futuro.

O seqüestro da menina Cleucy, filha do empresário e deputado brasileiro Luís Estêvão, da tropa de choque de Fernando Collor, acabou de forma feliz: a menina libertada e os soldados e oficiais da PM de Brasília envolvidos, presos.

Já o seqüestro do menino Ives Yoshiaki Ota acabou mal: a criança de 8 anos foi executada friamente,

pois poderia reconhecer seus captores, policiais militares paulistas que faziam bico como segurança das lojas do pai do menino, Massataka Ota, um pequeno empresário que não teve fôlego para arranjar logo os 800 mil reais pedidos pelos seqüestradores.

Diante deste e de outros inúmeros casos de banditismo dos homens da lei, não deixa de ser razoável o debate sobre o destino dos aparatos de segurança, civis ou militares. Mas, qualquer milagrosa solução corporativa que se descubra não eliminará as raízes de todos os males da convulsão social

em que se debatem as grandes cidades e que geram os policiais-bandidos, as crianças-bandidas, os jovens e adultos-bandidos.

Massataka Ota, afundado numa dor sem remédio, não teve dificuldade em apontar a raiz do mal: recuou em seu grito inicial pela pena de morte e culpou as políticas que produzem desempregados, destroçam o sistema educacional, tornam nulo o atendimento em saúde e consideram secundária a questão da segurança. A miséria está produzindo essa escalada da violência no país, disse Massataka, numa condenação implícita ao modelo neoliberal.



Dep. Gervásio Oliveira (PDT-AP)

Projeto remarca terra dos índios por causa dos minérios

Tramita, na Câmara, projeto do deputado Salomão Cruz (PFL-RR) sob o número 945/95, que manda remarcar todas as áreas indígenas onde seja detectada a presença de minérios no subsolo.

Como quase toda a Amazônia é farta em minérios das mais variadas espécies, o deputado Gervásio Oliveira (PDT-AP) está identificando na proposta, que seria de inspiração governamental, uma séria ameaça, não apenas aos índios, como também ao próprio ecossistema da região.

Gervásio acha que a efetivação do projeto (já foi aprovado a toque de caixa na Comissão de Defesa Nacional), propiciaria que as grandes mineradoras devorasse as áreas indígenas e acelerassem a devastação de nosso meio ambiente.

Outro prejuízo apontado pelo deputado amapaense é que, com o projeto, as áreas já demar-

cadas poderão ter suas dimensões reduzidas em decorrência da existência deste ou daquele minério.

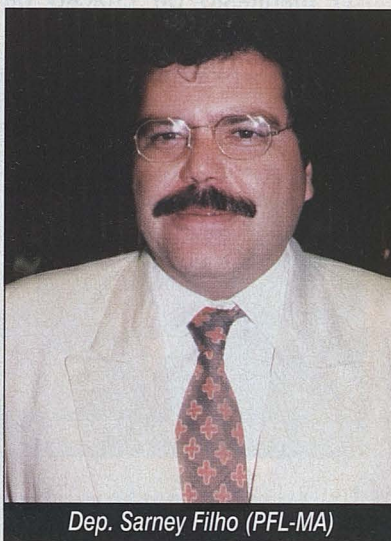
Ele também rebate os argumentos oficiais de que a exploração mineral, em terras indígenas, estimularia o desenvolvimento de uma região caracteristicamente pobre, sobretudo por se situar em área isolada e distante dos centros de decisão.

Gervásio argumenta que a exploração do subsolo não será nunca a tábua de salvação, principalmente dos estados do norte do país: "Isso está patente", diz ele, "com a aprovação da Lei Kandir, que desonera do ICMS os produtos semi-elaborados que se destinam à exportação.

Com a aprovação desta lei, o Pará, por exemplo, que arrecadava cerca de R\$ 5 milhões com ICMS, somente da Vale do Rio Doce, passou agora a arrecadar não mais que R\$ 300 mil", protestou o deputado Gervásio Oliveira.

Frente Ambientalista

Grupo suprapartidário quer dar urgência à agenda preservacionista



Dep. Sarney Filho (PFL-MA)

Uma Frente Parlamentar Ambientalista está se formando no Congresso para atacar a questão ecológica. Parlamentares de vários partidos, inclusive os governistas, estão preocupados com o grau de devastação das florestas e a exploração predatória de seus recursos, assim como a poluição e o trânsito infernal na maioria das cidades. O grupo, encabeçado pelo deputado Sarney Filho (PFL-MA), e tendo como principais signatários Fernando Gabeira (PV-RJ), Hélio Bicudo (PT-SP), Augusto Carvalho (PPS-DF), Neiva Moreira (PDT-MA), Paulo Lustosa

(PMDB-CE), Adroaldo Streck (PSDB-RS) e Bonifácio de Andrada (PTB-MG), ainda denuncia: "A prometida ajuda internacional, a chamada "transferência Norte-Sul", alardeada na Rio-92, foi reduzida drasticamente: enquanto o Banco Mundial financia projetos ambientais de U\$ 110 milhões anuais e despende de 2 a 3 bilhões em outros projetos que aumentam as alterações".

O manifesto de criação da

Frente Ambientalista ainda reclama: "A emissão de dióxido de carbono pelos países em desenvolvimento saltou em 25% desde a Rio-92, sendo que parte dessa emissão, advinda da queima das florestas tropicais, atingiu picos recordistas." Finalmente, o documento dos ambientalistas pontua que "cada americano está consumindo hoje o equivalente a 18 toneladas anuais de materiais vindos de todas as partes do mundo".



Dep. Franco Montoro (PSDB-SP)

Os parlamentaristas estão chegando

O deputado Franco Montoro ficou nervoso no início, porque a afluência não era das mais representativas. Mas, pouco depois de aberta a reunião na Câmara dos Deputados, na manhã de 3 de setembro, para deflagrar um novo movimento parlamentarista, foi aparecendo o que se pode chamar a nata do parlamentarismo. Lá compareceram o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), o senador Pedro Simon (PMDB-RS), o governador de Minas, Eduardo Azeredo, e os senadores José Serra e José Roberto Ar-

ruda (PSDB), os deputados petistas José Genuíno e Luiz Gushiken e o senador pefelista Guilherme Palmeira.

Montoro, um tucano que já foi governador de São Paulo e que ainda esbanja energia aos 81 anos, acha que já deu o primeiro passo para a retomada do parlamentarismo, o único sistema de governo que ele considera capaz de debelar nossos problemas mais prementes, sobretudo aqueles envolvendo ética e estabilidade política.

Os parlamentaristas querem agora tomar carona numa emenda já em tramitação, a de número 20/95, de autoria do petista Eduardo Jorge, subscrita por mais de 200 deputados e até aprovada pela Comissão de Justiça. A emenda estabelece um parlamentarismo semelhante ao da França e de Portugal, com um presidente da República eleito pelo povo, mas com atribuições cerimoniais de chefe de Estado, ficando o governo por conta de um primeiro-ministro e de um gabinete nomeados pelo presidente, mas sujeitos à aprovação da Câmara dos Deputados.

Projeto cria estatuto do idoso

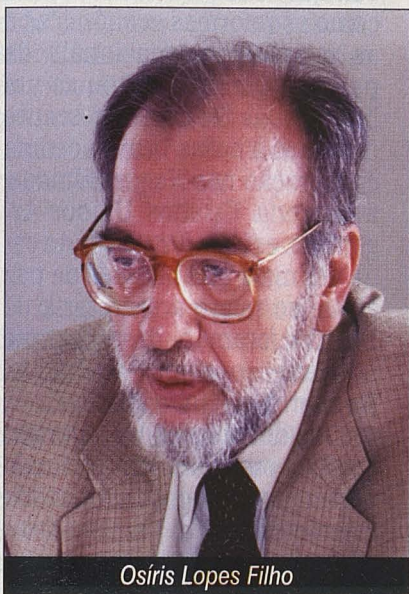


Num país que aumenta sua proporção de velhos, o governo aumenta o desamparo

Projeto instituindo o Estatuto do Idoso, que procura contemplar os direitos de aposentados e não-aposentados, inclusive com assistência jurídica, foi apresentado na Câmara pelo deputado Paulo Paim (PT-RS). O projeto ainda cria os Conselhos do Idoso, com o objetivo de fiscalizar o atendimento aos direitos básicos das pessoas da terceira idade, bem como a garantia de assistência social e previdência condignas. Paim quer agora que a Câmara aprove o regime de urgência para votação do projeto, elaborado com base nos debates com lideranças dos movimentos de aposentados e pensionistas, dirigentes de grupos de terceira idade e idosos de várias camadas socioeconômicas, ainda este ano.

Osiris, da Receita ao Senado

O ex-xerife do Fisco prepara-se para dar sua contribuição na arena política



Osiris Lopes Filho

Depois de afiar as garras do leão do imposto de renda no Governo Itamar Franco, o advogado Osiris Lopes Filho decide abandonar a vida de tecnocrata e tentar uma cadeira no Senado. Esta é pelo menos a intenção do ex-secretário da Receita Federal, que também ganhou fama de ter suavizado a mordida do leão, na medida que procurou taxar mais o capital e um pouquinho menos o trabalho, naquilo que ele chamou de "opção pelos ricos", para fins de fiscalização. Ele já elegeu como principal bandeira de campanha a "proteção ao contribuinte", slogan lançado no ato de sua inscrição no PDT do Distrito Federal.

Deputados começam a acessar a Internet

Com dois anos de atraso em relação ao Senado, os 513 deputados federais chegam agora à Internet. Sem as mordomias dos senadores, que ganharam cada um uma *home page*, além de acesso automático através de cabo, os deputados terão de se virar para fazerem eles próprios as páginas. Eles também dependerão do telefone para acessar a web, o que significa muitos minutos de espera. Não obstante, os deputados estão satisfeitos e alguns deles contrairam o vício da Net, já comparado por cientistas ao uso da cocaína. Os sites mais pesquisados são a Receita Federal e o orçamento da União, mas há procuras na CIA, em jornais norte-americanos e franceses e, pelo menos no início de setembro, na BBC de Londres, por causa da morte de Lady Di.



Um milhão de aposentadorias canceladas

Um milhão de trabalhadores rurais tiveram seus pedidos de aposentadoria recusados ou engavetados, por causa de exigências burocráticas e do número insuficiente de funcionários. A denúncia foi feita da tribuna da Câmara pelo deputado Candinho Mattos

(PSDB-RJ), para quem "está se perpetuando verdadeira injustiça contra cidadãos humildes e desinformados, analfabetos em sua maioria". O deputado ainda rebateu a alegação do ministério público, de que aposentadoria rural enseja elevado número de fraudes.

Um "satélite privilegiado"



Menem tem criado freqüentes embaraços nas relações com seus parceiros sul-americanos

Neiva Moreira

O presidente Carlos Menem passou por cima do Mercosul e resolveu recorrer às velhas pretensões hegemônicas da oligarquia político-militar argentina para assumir uma posição de "satélite privilegiado" dos Estados Unidos. Seu primeiro ato foi opor-se à eleição do Brasil para membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Mais ainda: há tempos seu governo vinha pleiteando de Washington que incluísse o país na condição de MNNA, ou seja, *major non-Nato ally*, que se atribui aos países *muy amigos* que não são membros da

Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, o Nato, em sua sigla inglesa), tais como Japão, Israel e Coréia do Sul. A secretária de Estado norte-americana, Madeleine Albright, fez essa comunicação em Washington diretamente ao chanceler argentino, Guido Di Tella que recentemente classificou de "carnais" as relações da Argentina com a Casa Branca. Ela foi muito explícita nas suas razões.

Vale a pena deter-nos nas palavras da secretária de Estado, que são muito esclarecedoras. Disse ela: "Essa é uma categoria de nossa lei que tem o objetivo de reconhecer uma relação política especial (de certos países) com os Estados Unidos, que contém alguns benefícios militares limitados."

Albright considera a Argentina "um dos aliados mais próximos dos Estados Unidos neste hemisfério e no mundo". E destacou que "em áreas tão diversas como as reformas econômicas e as missões internacionais de paz, a Argentina tornou-se um líder global. De nosso crescente comércio à nossa bem-sucedida cooperação nas Nações Unidas, a parceria Estados Unidos-Argentina está se fortalecendo cada vez mais". As missões de paz a que se refere a secretária de Estado foram o desembarque no Haiti e o ataque ao Iraque, na guerra do Golfo Pérsico.

As declarações de Albright contêm omissões em profundo desacordo com o que a história recente registra. A primeira delas foi a oposição, na década de 50, dos Estados Unidos contra o peronismo, em cuja bandeira o Sr. Menem se abriga. Mas há mais. Nos anos 80, quando a Argentina mais precisava de um gesto dos Estados Unidos em seu apoio, na guerra das Malvinas, o governo Reagan mobilizou recursos políticos, diplomáticos e militares a favor da Inglaterra. Jogou no lixo a velha doutrina Monroe e o que foi estabelecido pelo Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar), assinado pelo Governo de Washington e os países latino-americanos que, em emergências como aquela, define para os Estados Unidos o dever de defender as nações do continente contra ataques externos.

Está amplamente comprovado que foram as informações

nas nossas fronteiras

de Inteligência do Pentágono que permitiram aos ingleses localizar e destruir redutos militares argentinos nas Malvinas e forças navais, inclusive o poderoso cruzador *Belgrano*, com a perda de 323 oficiais e marinheiros, afundado pelo submarino inglês *Conqueror*. Mas essas são águas passadas que o Sr. Menem já borrou da memória.

Os desafios da crise econômica

O governo argentino está desafiado por novas e graves dificuldades que, inevitavelmente, desembocarão numa crise tipo México e Tailândia. Só o Fundo Monetário e o Banco Mundial, controlados pelos Estados Unidos, poderão ir em seu socorro. Necessita, assim, do apoio econômico norte-americano para sobreviver.

Nada melhor que assumir de público o papel de "satélite privilegiado", para receber novos empréstimos, vender mais carne, lã, produtos siderúrgicos e couro e tentar fortalecer sua posição interna com vistas às próximas eleições e externa em relação aos seus vizinhos, sobretudo Brasil e Chile.

Nas primeiras pesquisas de opinião depois de formada a aliança da oposição entre a União Cívica Radical e a Frepaso-Frente País Solidário, o oficialismo já perde por mais de dez pontos na decisiva província de Buenos Aires.

Devemos, no entanto, analisar outros motivos que levaram

Menem a essa posição que, inevitavelmente, provocaria, como já ocorreu, reações de suspeita no resto da América Latina.

Não estaria Menem sendo forçado pelo governo norte-americano a criar com essas posições dificuldades ao Mercosul, para substituir o pacto regional pela Alca que enfeudaria a economia dos países latino-americanos aos Estados Unidos?

A verdade é que só uma imposição dessa natureza poderia explicar as atitudes de Menem apesar dos reflexos negativos nas relações políticas e econômicas, que são a base do Mercosul.

A Argentina tem sido o país mais beneficiado pelo Mercosul. Os dados a respeito são indiscutíveis. A posição brasileira tem sido condescendente com aquele país. A recente taxação do açúcar brasileiro foi um ato que não se enquadra na linha de reciprocidade que orienta o Tratado e até agora não se conhece uma represália brasileira, por exemplo, sobre o trigo argentino.

Corrida armamentista

Mais grave ainda é a Argentina entrar, com o apoio político e militar de Washington, ou melhor diríamos, como "satélite privilegiado", em uma corrida armamentista que forçaria os demais países do continente a armar-se.

Essa corrida armamentista pode aumentar as dificuldades financeiras dos nossos países e encerra riscos de confrontos



Clinton: decidido a implodir o pólo político e econômico em gestação no Mercosul

inteiramente fora do contexto nas relações amistosas hoje predominantes no hemisfério sul do continente americano.

Esse problema provocou reações no Congresso brasileiro e o próprio titular do Itamarati, Luis Felipe Lampreia, teve de comparecer à Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados para dar explicações a respeito.

Um fato positivo foi a reação dos partidos argentinos de centro-esquerda que se opuseram a essa perigosa política do governo Menem. Esses partidos estão a caminho de uma expressiva vitória eleitoral em outubro próximo, podendo invalidar pela repercussão da vitória oposicionista as manobras divisionistas norte-americanas e os atos de dependência da Argentina aos Estados Unidos.

Mas isso não exclui, por parte da diplomacia brasileira, uma permanente vigilância sobre essas manobras, que têm sede em Washington e situam na Argentina seu principal campo de atuação. □



Getúlio Vargas lançou um vasto programa de desenvolvimento nacional, no qual tem destaque a siderurgia

A atualidade de Getúlio

Senadora relembra os 43 anos de morte do estadista que criou o Brasil moderno e deixou sua marca no campo dos direitos civis, sociais e trabalhistas

Emília Fernandes

Brasil encontra-se em um dos momentos de maior desafio de sua história, exigindo de todos os brasileiros profunda reflexão sobre o seu presente, e sobre o futuro enquanto nação. Nesse sentido, torna-se fundamental não apenas resgatar a obra do ex-presidente Getúlio Vargas, mas, principalmente, afirmar a dimensão patriótica, estratégica e cada vez mais atual que a sua lembrança impõe.

O que a história batizou como a Era Vargas inaugurou

um novo tempo na vida, plantando as bases do desenvolvimento econômico, com soberania nas relações internacionais, fortalecimento da produção nacional, promoção dos direitos sociais e valorização dos trabalhadores.

Hoje, passado mais de meio século, são as conquistas, as realizações e as obras daquelas décadas que não apenas vertebram a nação brasileira, sob todos os aspectos, mas que, em várias situações, se mostram insuperadas em seus resultados econômicos e sociais.

Com base na experiência histórica bem-sucedida, a Era Vargas evidencia a possibili-

dade de promover o desenvolvimento com respeito e valorização do ser humano desmascarando a tenta"

Era de progresso

A maior demonstração da importância da Era Vargas é o fato de que a economia brasileira registrou, durante cinco décadas de vigência da política varguista, uma taxa média anual de crescimento de 7%, chegando a atingir, entre 1933 e 1939, a taxa de 11,2%. Segundo o IBGE que teve sua origem no primeiro Governo de Getúlio Vargas, o Brasil atual não só enfrenta dificuldades de alcançar aquele patamar de desenvolvimento, como ainda vem registrando quedas das taxas de crescimento do PIB, que decresceu de 5,98% em 94, para 4,29% em 95, chegando a apenas 2,98% no ano passado.

Na esteira da era de progresso inaugurada por Vargas na década de 30, a indústria paulista, por exemplo, apresentou um crescimento de 14%, diferente da realidade atual, quando os jornais anunciam que, pelo menos, 17 setores da indústria deverão reduzir de 2% a 3% a produção do segundo semestre, comparada com igual período do ano anterior.

Hoje, o entreguismo

De acordo com a revista *Exame*, apenas nos últimos cinco anos, 567 grandes empresas públicas e privadas nacionais foram vendidas, fazendo com que, entre 1994 e 1996, a participação do capital externo nas receitas empresariais crescesse de 32% para

44%, enquanto a presença nacional se reduziu de 24% para 20%.

No entanto, tal fato não significa aumento de investimentos no setor produtivo nacional, mas sim a implementação crescente de uma política de compra de estatais estratégicas, monopólios e empresas privadas brasileiras de grande porte, já instaladas, com mercado definido, geralmente interno e rentabilidade segura, sem riscos.

Ainda em decorrência da atual política econômica, enquanto por um lado lembramos que Getúlio Vargas promoveu três moratórias na década de 30, assistimos hoje a dívida externa saltar para US\$ 211 bilhões, e a dívida interna para US\$ 195 bilhões, em junho deste ano - como resultado, principalmente da dependência ao capital especulativo internacional e às maiores taxas praticadas no mundo.

Por outro lado, acompanhando o crescimento econômico e contrariando a realidade atual de desemprego e arrocho salarial, a Era Vargas foi responsável pelos maiores índices de oferta de emprego da história do país bem como pelo incremento do poder aquisitivo dos trabalhadores, especialmente por meio da valorização do salário mínimo - inscrito na Carta de 34, instituído em 1936 e posto em vigor em 1940.

Tais conquistas se deram a partir da participação efetiva do Estado, organizado por Getúlio Vargas sob o princípio de estar a serviço da nação como um todo, e não de ser um aparelho utilizado apenas para fazer valer as propostas dos grupos econômicos ocasional-



Senadora Emilia Fernandes

Ao contrário de representar o passado, a obra de Getúlio Vargas, revigorada com a visão do ano 2000, é um instrumento cada vez mais atual para a construção soberana da nacionalidade

mente no poder.

Aliado a essa política de construção e fortalecimento da economia nacional, o governo de Vargas, em vários momentos, também implantou rodovias, ferrovias, hidrelétricas, portos e siderúrgicas, além de centros científicos e tecnológicos fundamentais para o desenvolvimento independente de um país.

Integração nacional

Com a mesma visão, e como resultado da luta patriótica do Exército Brasileiro e do Congresso Nacional, Getúlio Vargas implantou o Centro de Pesquisas da Amazônia, durante o seu segundo Governo, como instrumento de defesa da soberania do Brasil sobre aquele território - atualmente alvo de privatização aos lotes, e com sua população quase jogada à própria sorte.

Com a política implementada por Vargas, e hoje atacada como algo a ser destruído, eliminado da vida nacional, o Brasil atingiu o posto de oitava economia do mundo, alcançando patamares de desenvolvimento invejáveis em diversos setores, sem que os brasileiros, particularmente os trabalhadores, fossem abandonados à margem do progresso.

A par de ter sido o mentor e gestor do crescimento econômico e da industrialização, Getúlio Vargas foi quem resgatou para os brasileiros o sentido da verdadeira cidadania, deixando sua marca no campo dos direitos civis, sociais e trabalhistas, consolidando importantes e fundamentais conquistas, mui-

tas das quais, infelizmente, hoje, se encontram ameaçadas.

Por outro lado, a implantação do voto secreto, pondo fim ao controle dos coronéis, a institucionalização da Justiça Eleitoral e do voto feminino, grandes conquistas no campo democrático e da igualdade foram obtidos durante os primeiros anos de Getúlio no poder, atestando a sensibilidade para reivindicações populares antigas, até então consideradas pela República Velha.

E, por fim, entre os direitos sociais conquistados na Era Vargas, é talvez o direito à aposentadoria digna e justa, depois aperfeiçoado na Constituinte de 88, aquele que mais honra aos que apostam nos ensinamentos de Getúlio Vargas que, antes de mais nada, demonstrou respeitar o ser humano, de forma especial aquele que entrega a sua vida na construção do país.

Memória e futuro

Portanto, no 43º ano da morte de Getúlio, reafirmo a convicção de que, ao contrário de representar o passado, sua obra, revigorada com a visão do ano 2000, é instrumento cada vez mais atual para a construção soberana da nacionalidade.

Um país que não tem memória ou, mais grave ainda, que renega a sua história, as suas experiências, os seus legados e os seus heróis, é um país sem projetos, sem esperanças, sem futuro - um país vazio, desprovido de identidade, aberto à

Tais conquistas se deram a partir da participação efetiva do Estado, organizado por Getúlio Vargas sob o princípio de estar a serviço da nação como um todo, e não de ser um aparelho utilizado apenas para fazer valer as propostas dos grupos econômicos ocasionalmente no poder

ocupação ideológica, política e, até mesmo, física dos oportunistas de ocasião.

É preciso, cada vez mais, honrar o sacrifício de Getúlio Vargas, reafirmar o seu nome como bandeira de luta e continuar sua obra nacionalista, combinado desenvolvimento econômico com respeito ao ser humano, à soberania das nações e à verdadeira integração entre todos os povos do mundo.

Emília Fernandes é Senadora pelo PDT do Rio Grande do Sul



Desemprego afeta economia de Volta Redonda, que perdeu parceria com a siderúrgica privatizada

O protesto da CSN

Nina Velasco e Cruz

A necessidade da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) foi colocada como uma obviedade, quando se iniciou o processo de desestatização do governo Fernando Henrique Cardoso. Em épocas de globalização e dentro da nova ordem mundial, a existência de uma siderúrgica estatal parecia um anacronismo. Hoje, dois anos depois do leilão da empresa, a sociedade faz um balanço da experiência da privatização e constata que essa mudança nem sempre vem acompanhada de benefícios para a comunidade.

Os números, a princípio,

parecem testemunhar a favor da iniciativa privada. Efetivamente, o lucro da siderúrgica, que no ano da privatização estava muito baixo em relação às expectativas de uma empresa de seu porte, tem crescido de forma progressiva. Em 93, o lucro líquido da CSN foi de apenas R\$ 38 milhões, e, em 97, a estimativa é que esse número cresça para R\$ 320 milhões. No entanto, se compararmos estes dados a outros números, constata-se o que há por trás desse milagre econômico.

Desemprego e retração na economia

Para cortar gastos, e assim aumentar o lucro, a empresa vem implantando uma política de demissão em massa, deixando uma multidão de desempregados que não consegue ser absorvida na dinâmica da

cidade de Volta Redonda, que sempre girou em torno da siderúrgica. Em 1990, quando a empresa começou seu processo de saneamento para ser privatizada, trabalhavam na siderúrgica 23 mil operários. Hoje a empresa conta com 11 mil funcionários, o que significa que mais da metade do contingente de trabalhadores da empresa foi colocado na rua.

O comércio é o primeiro a sentir as consequências do aumento da população desempregada na cidade. A cada onda de demissão, os comerciantes sofrem perda imediata de 20% de seu movimento. Várias lojas já estão sendo levadas a fechar as portas, em decorrência da queda excessiva de vendas.

Esta situação afeta até a arrecadação da prefeitura, que caiu R\$ 20 milhões, somente este ano. Com a arrecadação



A vice-prefeita de Volta Redonda, Cida Diogo, denunciou as pesadas consequências sociais impostas à cidade pelos novos donos da CSN

menor, torna-se difícil arcar com os gastos sociais básicos da cidade e a prefeitura já começa a ter dificuldade em manter os postos de saúde e as escolas municipais em condições satisfatórias. Isso sem contar com a ausência da ajuda da usina, que antes ocupava um importante papel social e hoje, com o corte do orçamento, deixou de investir nessa área.

Busca de soluções

Este quadro leva vários setores da comunidade a se preocuparem com o futuro da cidade, a se organizarem em busca de soluções e a fazerem um alerta à sociedade sobre a situação de Volta Redonda.

O Sindicato dos Engenheiros da CSN (Senge), que no princípio foi a favor da privatização e teve um papel importante no processo, hoje está divulgando um dossiê detalhado da situação da empresa: demonstra os números de demissão, produção e lucro, e faz uma crítica à atual política da administração da empresa.

Com base no dossiê, um grupo liderado pela Associação Comercial, Industrial e Agropecuária (Aciap), em conjunto com a Igreja Católica, o próprio

Senge e outras entidades, criou o movimento "Repensando Volta Redonda", que pretende apresentar propostas à diretoria da empresa, de forma a buscar uma solução para a equação do lucro da empresa frente ao ganho social da cidade. Representantes deste grupo já conseguiram uma primeira reunião com Benjamin Steimbruch, presidente da siderúrgica, abrindo um diálogo inicial entre a sociedade e a empresa. Outro grupo, que lidera um movimento de oposição à política de demissões da CSN, é a Oposição Sindical, formada pelos dissidentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, que deixaram a entidade na época da privatização, por sustentarem posição contrária à venda da siderúrgica.

Com o intuito de chamar a população a se manifestar contra as demissões, esses grupos, com o apoio do bispo D. Waldir Calheiros, organizaram o ato "Grita, Volta Redonda!" A manifestação, no dia 29 de agosto, teve dois momentos: de manhã, reuniu cerca de mil estudantes, liderados pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas, que marcharam em passeata até a Praça Juarez Antunes, em frente à sede da empresa.

À tarde, foi a vez da população se manifestar, fazendo o mesmo trajeto, culminando o ato com um comício na praça.

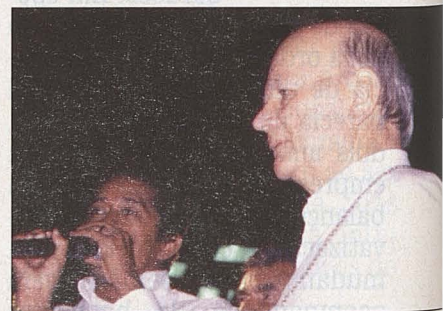
O protesto contou com a presença de representantes do poder público municipal, como

a vice-prefeita petista Cida Diogo e a prefeita de Barra Mansa, Inês Pandelo, além de vários representantes da Câmara dos Vereadores. Também compareceram o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Vicentinho, e vários representantes do movimento sindical.

Mas a estrela da noite foi Dom Waldir Calheiros, que fechou o comício com um discurso enfático contra a política da CSN: "Ao venderem a empresa, venderam Volta Redonda. Agora, eles cuidam muito bem do lucro, mas se esquecem da cidade". O comício surpreendeu quem está acostumado a ouvir gritos antigos, vindos de militantes de plantão.

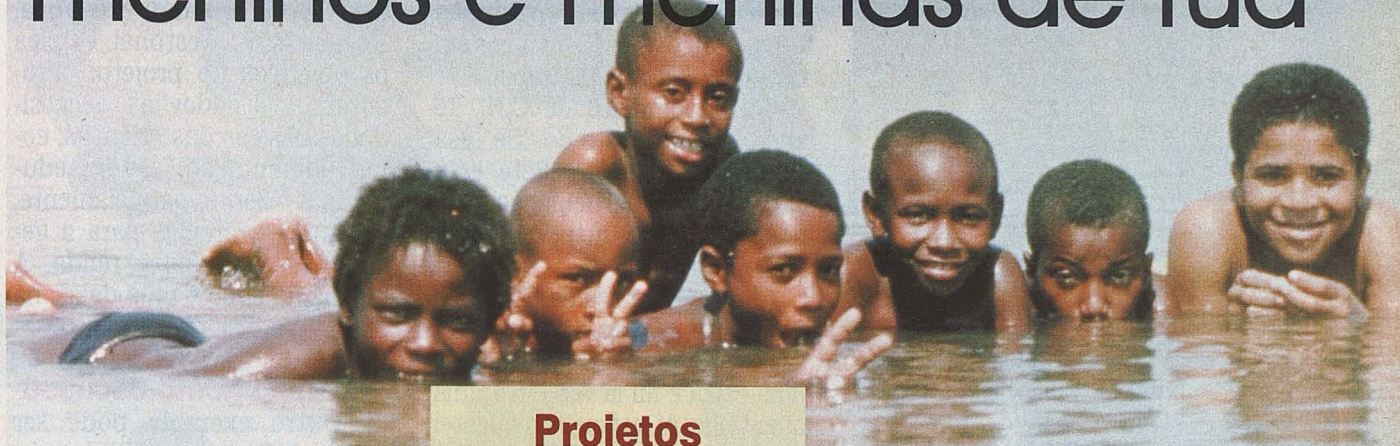
A presença maciça das comunidades católicas se fazia perceber através de hinos que entoavam: "Igreja é povo que se organiza, gente oprimida buscando a libertação", ou na declaração de amor à cidade: "Volta Redonda, te amo".

O ato teve uma grande importância na vida política de Volta Redonda, que não presenciava nenhuma manifestação de base popular desde a morte do prefeito Juarez Antunes. □



D. Waldir Calheiros e Vicentinho participaram do protesto popular contra os maus efeitos da privatização

A profissionalização de meninos e meninas de rua



Projetos procuram oferecer oportunidades de resgate social a meninos e meninas de rua

Marcos Zarahi*

Olência, miséria, exploração, tráfico de drogas - que outras imagens podem ser associadas aos meninos e meninas de rua? Carregando sobre si o estigma da delinquência e da degradação, enfrentam eles dupla discriminação: racial e social. São negros e mestiços, moradores das favelas da cidade. Vivem constantemente sob ameaças de aniquilação física, as quais, quando consumadas, resultam em chacinas, como a da Candelária.

Entretanto, algumas ações estão em curso para resgatar a cidadania desses grupos sociais. Focalizaremos uma dessas iniciativas: o projeto "Se essa rua fosse minha".

Com o declínio do Estado assistencialista e ante a crise econômica, é fundamental perceber qual o significado e a importância das estratégias das organizações não-governamentais

(ONGs) na geração de trabalho e renda para esses grupos.

Mutirão pela profissionalização

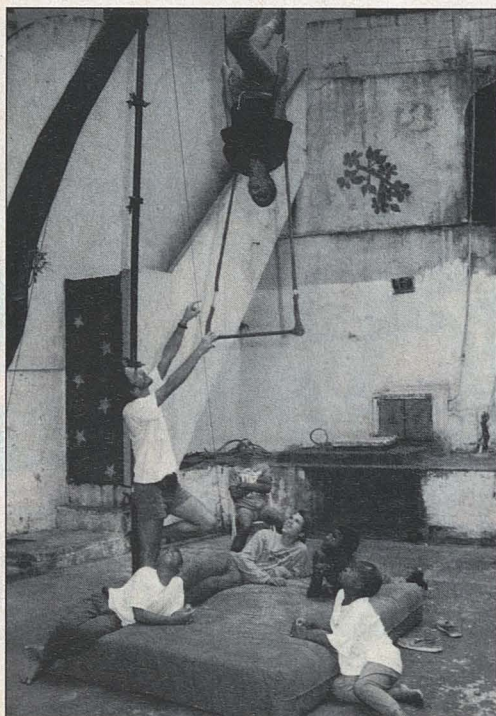
Primeiramente, as ONGs impõem-se como alternativa ao poder público, por criarem espaços de articulação entre as unidades de atendimento social/assistencial e as populações marginalizadas. Participam, na qualidade de conselheiros municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, na formulação e execução de programas de atendimento.

Em segundo lugar, é necessário compreender que a base jurídica dessa nova prática

de atendimento é o resultado da inclusão, na Constituição Federal, de teses defendidas por dezenas de grupos políticos de proteção à criança e ao adolescente e que se consumou nos artigos 227 e 228, e sua posterior regulamentação através da Lei Federal nº 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente. Logo, sua intervenção é eminentemente política.

Aqui tão-somente nos interessa como o Estatuto ambiciona tratar o tema da profissionalização dessas populações. Com efeito, a idéia básica é permitir que ações governamentais e não-governamentais ofereçam a formação técnico-profissional associada ao ensino regular.

O "Se essa rua" é uma das iniciativas mais interessantes desse tipo de instituição. A idéia era mobilizar a classe artística, para apoiar um trabalho de atendimento de meninos e meninas de rua. Um disco foi gravado com a participação de grandes nomes da Música Popular Brasileira e o dinheiro



O treinamento acrobático abre possibilidades profissionais para as crianças

arrecadado serviu para dar início ao projeto. Herbert de Souza, o Betinho, articulou a participação da Fase, Ibase, Idac e Iser, para materializar a idéia de Aquiles Reis, do grupo MPB-4.

Agilidade no atendimento

Iniciando com um estudo para localizar os principais pontos de concentração de crianças de rua, o "Se essa rua" começou suas abordagens nos bairros de Copacabana e Leblon, zona sul do Rio, em 1992. Teatro, desenho, literatura, capoeira, esportes e circo, essas oficinas sensibilizadoras e não-profissionalizantes tinham como objetivos investir na auto-estima, autopreservação, organização de sentimentos e nas relações interpessoais. Eleitos para o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, em 1993/94, e reeleitos para o biênio 95/96, o projeto pas-

sou a atendê-los em sua sede, em Laranjeiras e, articulado com a Prefeitura do Rio de Janeiro, ofereceu abrigo para 25 meninos em uma casa-lar, em Vila Isabel.

O depoimento de C.N., 16 anos, participante do "Se essa rua fosse minha", reflete essa capacidade de articulação para o atendimento integral, previsto no Estatuto.

"Foi lá na praça da Cobal, no Leblon. Eu parava lá, não ia pra casa e ficava cheirando cola. Eu vi uma caixa e fui lá ver, e era uma quentinha. Aí eu fiquei, frequentei um ano e depois fui para Laranjeiras. Entrei para acrobacia e vim para a casa da Vila. Agora, eu trabalho na Imprensa da Cidade, estudo no Ciep Samuel Wainer, namoro e vou ao baile."

Hoje, já como uma ONG autônoma, a ênfase está nas estratégias para geração de trabalho e renda. E, entre as oficinas profissionalizantes, uma merece destaque: a oficina de circo.

Em 1994, o "Se essa rua" foi escolhido para, em parceria com as canadenses Cirque Du Soleil e Jeunesse Du Monde, desenvolver a linguagem circense com adolescentes. Instrutores do Cirque, financiados pela Jeunesse, vieram para iniciar o treinamento dos adolescentes e estimular artistas circenses brasileiros a se engajarem na proposta. Após um ano de parceria, o convênio foi renovado por mais dois anos, 95 e 96.

Neste ano de 1997, com o apoio da Fase e do Instituto Marista de Solidariedade, uma nova parceria foi incluída - a ONG brasileira Afro Reggae -, pela qual 20 adolescentes (10 do "Se essa rua", 10 do Afro Reggae) receberão uma bolsa-auxílio mensal para o

desenvolvimento profissional em linguagem circense.

A coordenadora-executiva, Regene Brito Westphal, explica os objetivos do projeto: "Procuramos atender as necessidades básicas das crianças, como alimentação, saúde, educação e lazer; e, paralelamente, criamos estratégias para a geração de trabalho e renda. A oficina de circo é uma delas, há outras em desenvolvimento."

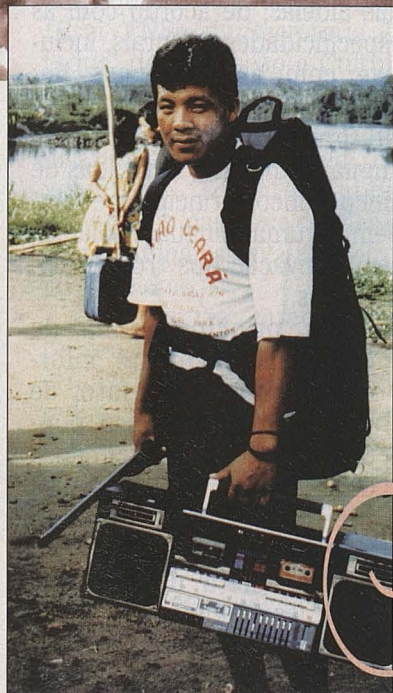
Financiamento escasso

Outro exemplo pode ser citado: o Curso de Restauração de Documentos, em parceria com o Arquivo Nacional, que beneficia quatro meninos com treinamento profissionalizante.

O projeto já atendeu cerca de 400 crianças e adolescentes, entre 6 e 17 anos, desde a sua criação. De fato, em diversos encontros com dirigentes do projeto, percebemos que o problema está na extrema fragilidade dos esquemas de financiamento da organização.

As instituições de apoio financeiro, nacionais e internacionais, vêm diminuindo gradativamente seus repasses, com o objetivo de que tais demandas gerem pressões políticas de caráter redistributivo da renda nacional, escandalosamente concentrada. Esta orientação resulta mais no enfraquecimento das ONGs do que naquilo que era esperado, pois as teses redistributivas de renda enfrentam um poder político secular na defesa de seus interesses e privilégios. □

* Fotógrafo, licenciado em Filosofia e realiza pesquisa sobre profissionalização



Aids entre os índios

Antonio Marcos da Costa

Segundo dados do Ministério da Saúde, entre dezembro de 1996 e fevereiro deste ano surgiram 9.709 novos casos de Aids no Brasil, 2.676 casos a mais do que no trimestre anterior. O número total de casos passou de 94.997 para 103.262. E agora também os índios já começam a ser contaminados.

Além de pegarem doenças, como a gripe e a tuberculose, através de nós, agora também contraem a Aids, o que os coloca frente a uma realidade desconhecida. "Há muita coisa que nós, índios, ainda não sabemos sobre a Aids. A gente sabe que vem do branco", diz João Batista Xerente, professor da Aldeia Bela Vista, em Tocantins.

Trata-se de um problema

que não é de hoje. Os primeiros casos de Aids entre índios começaram a ocorrer há oito anos, aproximadamente.

"A gente tem que falar sobre a Aids, para a comunidade ficar sabendo. A tribo fica perto da cidade, há muito contato com pessoas de fora e a gente fica preocupado com isso", observa Rosalina Xerente, professora da aldeia Porteira.

31 casos conhecidos

Segundo o Ministério da Saúde, 31 casos da doença foram diagnosticados entre índios, tendo ocorrido várias mortes. O que se está querendo conhecer agora é quantos índios infectados existem, porque, para cada diagnóstico, calcula-se que haja número muito maior de soropositivos que ainda não manifestaram o mal.

"O conhecimento desses 31 casos é como se fosse a ponta

Casos de Aids continuam a crescer no país e a doença já chegou às comunidades indígenas

de um *iceberg*. É um alarme para que se procurem soluções, antes que seja tarde demais", alerta Maria Stella de Castro Lobo, epidemiologista que trabalha com populações indígenas desde 1990, principalmente com os ianomâmis de Roraima, onde o principal problema é a invasão dos garimpeiros.

A Aids vem se disseminando nas áreas rurais. Assim, o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/Aids), do Ministério da Saúde, vem criando iniciativas para o combate a essas doenças, junto às populações do interior, inclusive as indígenas.

Em abril, houve a primeira reunião do Comitê Assessor para Povos Indígenas, com o objetivo de traçar diretrizes e metas do programa. Pretende-se que as diretrizes e metas incluam as especificidades de cada região brasileira.

O Ministério da Saúde também está financiando pequenos projetos de organizações não-governamentais, principalmente para atividades de informação em saúde.

Trabalham nos projetos médicos, enfermeiros, auxiliares, guardas de endemia (ou guardas sanitários), psicólogos, profissionais da área de educação, antropólogos e sociólogos, e também representantes indígenas, entre outros.

O programa para os povos indígenas contará também com monitores e agentes de saúde, que estão sendo

treinados para levar informações básicas de prevenção às escolas e aldeias.

"Eles contaram para nós sobre a Aids, disseram que era para não sairmos da aldeia e para tomarmos cuidado, quando formos à cidade. É o que nós estamos falando para as meninas", diz Lúcia Xerente, que é solteira e nunca foi à cidade.

Cartilha ensina

A assessoria técnica do Programa Nacional DST/Aids para Populações Indígenas prevê, entre outras medidas, a elaboração de cartilha ilustrada, que será traduzida nas diferentes línguas indígenas, para educar e prevenir sobre a doença.

De 23 a 27 de junho, técnicos das áreas de saúde e edu-

cação indígena reuniram-se em Brasília, para discutir a elaboração da cartilha. Esse meio de instrução tem como principal alvo os professores e os agentes indígenas de saúde que, a partir dele, irão multiplicar a informação e desenvolver atividades nas próprias comunidades.

A partir de um conteúdo básico e sugestões de dinâmicas e discussões, a tendência é que a cartilha seja reelaborada nas aldeias, de acordo com as especificidades culturais, inclusive com as diferenças linguísticas.

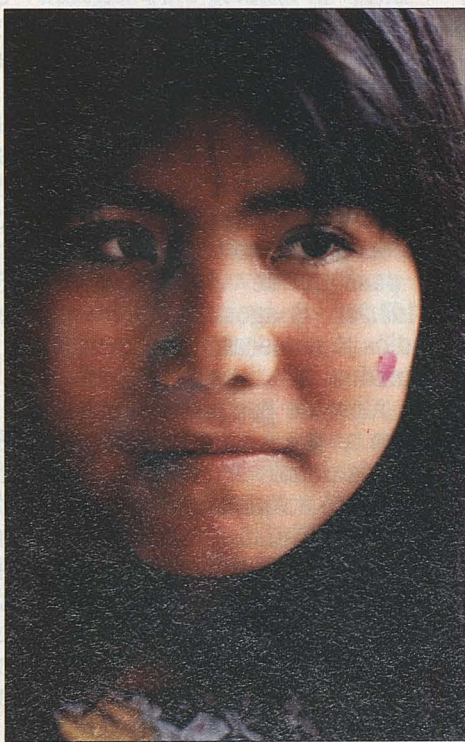
No Brasil, existem cerca de 170 línguas indígenas, derivadas de cinco troncos principais, e também algumas línguas isoladas, sem derivação dos troncos conhecidos.

"A principal arma de prevenção, agora, é informação. O primeiro fator de vulnerabilidade dessa população é o desconhecimento da doença", explica Maria Stella, que também participará dos trabalhos.

Na coleta de informações, as línguas podem se tornar uma barreira.

Há também outros problemas, como os diferentes sistemas de contagem: "Há estimativas de idade, mas nem sempre a informação exata dessa idade, pois muitos grupos não têm calendário, aniversário, etc.", explica a epidemiologista Maria Stella.

Embora ainda esteja em fase embrionária, o programa de prevenção às DST/Aids entre os índios já vem sendo



A aculturação dissemina Aids nas tribos

realizado em alguns estados brasileiros, entre eles o de Tocantins. Lá as atenções se voltam principalmente para as populações carajás e xerentes, tribos mais ameaçadas pela doença.

O perigo vem da vizinhança

O DST/Aids de Tocantins reúne técnicos da Fundação Nacional de Assistência ao Índio (Funai), das Equipes de Saúde Indígena (Esaí/ FNS), da Secretaria Estadual de Educação e Cultura, bem como professores, monitores de saúde e agentes comunitários indígenas. Além dos xerentes, Tocantins abriga também os carajás e carajás do norte, apinaíes, avá-canoeiros, javaés e craós.

Uma outra característica presente em várias dessas etnias é a poligamia, o que requer um cuidado especial no trabalho de prevenção sexual, uma vez que este mexe diretamente com o comportamento e a cultura indígenas. Estudos antropológicos se fazem necessários para facilitar abordagem da sexualidade, sempre com a preocupação de não intervir de forma desrespeitosa na cultura local.

Até agora, o único caso concreto de Aids, que a Secretaria de Saúde de Tocantins tem relatado, é o de uma índia carajá, que morreu na década passada. Também nos municípios de Tocantínea e Lajeado, que estão dentro da própria reserva, existem casos de Aids e de soropositivos. Os técnicos consideram, portan-



A Aids já preocupa também os índios da Amazônia peruana, que acreditam poder achar um remédio apropriado contra o mal no cipó unha-de-gato

to, que o risco da doença se alastrar nessas comunidades é real: "A Aids já é uma epidemia. Chegar a essas populações é só uma questão de tempo", alerta Perciliana Joaquina Bezerra, coordenadora do programa de prevenção em Tocantins.

Obter adesão

Para Perciliana Bezerra, o contato com o não-índio e o forte processo de aculturação aumentam riscos: "A aculturação xerente é uma realidade muito presente. Os índios frequentam muito o município de Tocantínea e já foram relatados, inclusive, casos de prostituição infantil de índias, no município de Miracema", denuncia ela.

Como acontece com qualquer outra população, a principal forma de contaminação dos índios é a sexual, através da relação com pessoas de fora das aldeias.

No que diz respeito às áreas consideradas de maior risco, estão aquelas com aldeias ou reservas próximas a grandes projetos (madeireiras, mineradoras, garimpos, hidrelétricas, rodovias) e aldeias ou reservas próximas a fronteiras,

onde os índios se deslocam com frequência para os centros urbanos e vice-versa.

Como indicadores externos de vulnerabilidade são apontados a exploração de recursos florestais, mineração, estradas e ferrovias, arrendamento da terra indígena, projetos do setor elétrico, invasões, núcleos rurais, presença de agências indígenas e ocorrência de viajantes regulares.

Como indicadores internos, são apontados os níveis de poder aquisitivo e político, aparência estética, equilíbrio do arranjo sexual, nível de conhecimento das doenças, moradores fixos extragrupais, inter-relações grupais, presença indígena em núcleos urbanos, situações institucionais, situação de regularização da terra, existência de índios funcionários e existência de projetos de desenvolvimento comunitário. Como explicam os técnicos indígenas, a presença dessas situações implica maior risco de que a doença ocorra.

Ao todo, no Brasil, existem 206 povos indígenas, fora as subdivisões. Desses, aproximadamente 60% concentram-se na Amazônia Legal. □

Um sonho possível

A busca da auto-suficiência na produção de vacinas pode estar mais próxima com a construção da fábrica da Bio-Manguinhos



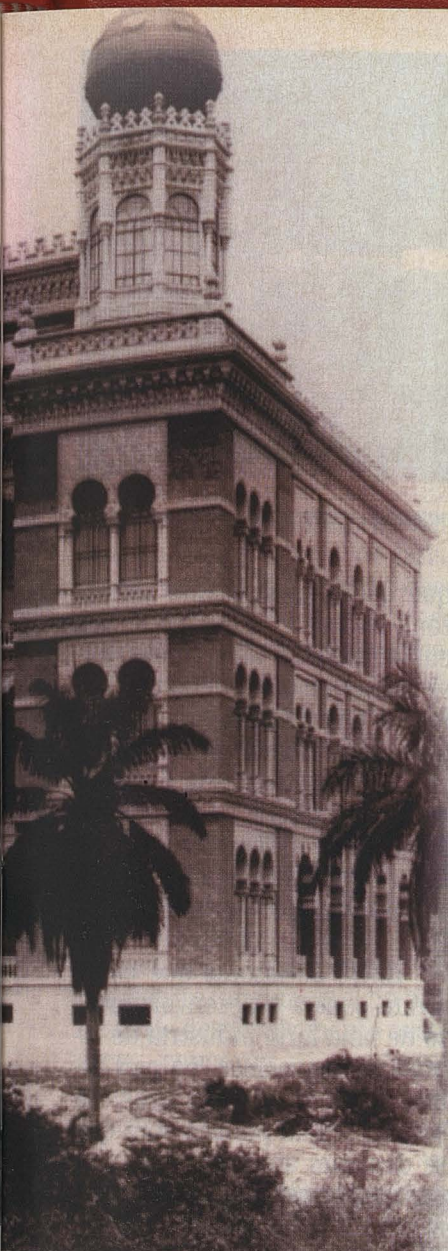
Em seu último ano à frente da Bio-Manguinhos, um dos maiores centros produtores de vacinas do país pertencente à Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), o diretor da instituição, João Quental, tem um sonho: transformá-la num centro exportador de produtos imunobiológicos e num dos esteios da auto-suficiência brasileira no setor.

Funcionário há dez anos da Fiocruz, eleito democraticamente por seus pares, Quental vê expirar em dezembro próxi-

mo um mandato que teve como ponto mais importante o término da construção de uma nova fábrica que vai viabilizar o seu sonho. O cronograma original do projeto dizia que seriam necessários quatro anos para a conclusão do projeto, mas lá se vão dez anos de obras e correções de rota, já que o avanço tecnológico exigiu constantes adaptações para aperfeiçoar a planta. Os gastos chegam a R\$ 63 milhões, e outros R\$ 10 milhões devem ser obtidos nos próximos anos para dar o arre-

mate à nova fábrica.

Hoje a produção da instituição está voltada para um só cliente, o Ministério da Saúde. Isso faz com que as vacinas fabricadas sejam aquelas que constam de grandes campanhas de vacinação de alcance nacional. Febre amarela (80% da produção mundial), sarampo, pólio e meningite, tipos A e C, são algumas das doenças que são combatidas com produtos da Bio-Manguinhos. Esta relação que aparentemente esconde o estigma da dependência entre pro-



A Fiocruz é uma das unidades de excelência da pesquisa científica brasileira, mas sofre com a contenção de recursos

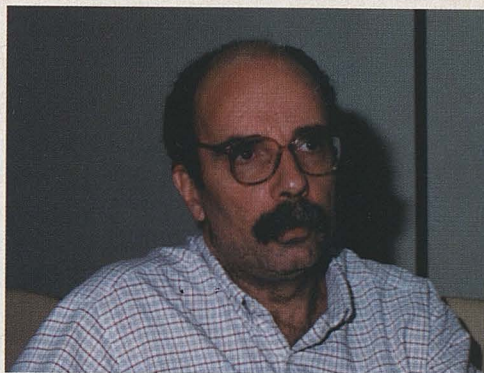
dutor e consumidor, é responsável, no entanto, pela chamada economia em escala: o aumento da produção é proporcional ao barateamento do produto, tornando mais fácil o acesso a ele por um maior número de pessoas.

US\$ 30 milhões

É este aspecto quantitativo da produção que pesou também na elaboração do projeto da nova unidade. Será possível a expansão que levará não só à auto-suficiência do país na fabricação das vacinas ditas clássicas (contra a tuberculose, sarampo, poliomielite, meningite e triplice bacteriana - difteria, tétano e coqueluche), mas também na produção de novas vacinas e a sua exportação numa segunda etapa.

"Aos poucos, o Ministério da Saúde começa a introduzir vacinas como a contra a hepatite B, em certas regiões. Muitos outros produtos já existentes são acessíveis a camadas da população que podem pagar um preço mais elevado por eles. Logo, os profissionais que cuidam dessas pessoas e que trabalham na rede pública de saúde começam a pressionar o governo para a adoção da vacina em larga escala. É uma pressão natural que acaba por determinar a fabricação do produto em unidades nacionais", esclarece Quental.

Segundo ele, isto aconteceu recentemente com a Tríplice Viral (imuniza contra caxumba, rubéola e sarampo) e também com o produto que combate a meningite.



João Quental: fábrica multiplica a produção

Os números da Bio-Manguinhos impressionam. Sem concorrente na produção de itens desta verdadeira cesta básica de vacinas, já que os laboratórios particulares não vêm vantagens na exploração comercial deles, a instituição produz em média trinta milhões de doses anualmente. Só contra o sarampo, estão sendo produzidas este ano dez milhões de doses. A produção para imunizar contra a meningite dos tipos A e C será bem abaixo da capacidade instalada, que é de 6 milhões de vacinas, pois o Ministério da Saúde tem grande quantidade do produto em estoque.

Nova Fábrica

As doses da antipólio é a que chama mais a atenção: 20 milhões para este ano e 40 milhões encomendadas para 98. A capacidade de fabricação chega a 70 milhões. O potencial industrial será aumentado significativamente com a entrada em funcionamento da nova fábrica, elevando para 300 milhões o total de doses produzidas pela Bio-Manguinhos.

Por enquanto os setores em funcionamento na nova planta são a embalagem e rotulagem das vacinas e a revisão de diluentes (algumas vacinas têm to-



da a sua água retirada, ficando uma pastilha; posteriormente ela é reconstituída com diluente). Esta é a última fase do processo de fabricação e corresponde a 2/3 do espaço físico da unidade.

"Até novembro pretendo inaugurar o que chamamos de processamento final, o setor responsável pelo envase das vacinas e pela liofilização (secagem e eliminação de substâncias voláteis). Para isto eu não preciso de verba alguma. Já tenho instrumentos e equipamentos, falta somente o dinheiro para o custeio normal do dia a dia", informa o diretor.

Ele vê o momento atual como delicado, no que diz respeito a questões orçamentárias da fundação. Por isso mostra alívio ao constatar que serão necessários poucos recursos para colocar a fábrica em operação.

Fica restando ainda 1/3, correspondente à fabricação de matéria-prima para vacinas bacterianas (Tríplice Bacteriana e contra meningite - que vai sair das instalações antigas para as novas). São estes os próximos R\$ 10 milhões que darão fecho a uma obra que vai fazer a produção em Bio-Manguinhos saltar de 50 milhões para uma capacidade máxima de 300 milhões de doses. Como a demanda nacional é de 150 milhões, sobra o equivalente à metade da produção para ser canalizada para a exportação. Mas para se chegar a este patamar serão necessários mais alguns anos. Os técnicos calculam que a fábrica alcance a sua capacidade plena por volta de 2002.



A Bio-Manguinhos aguarda recursos de manutenção verba para operar a fábrica

Terceiro Mundo

A partir da entrada em operação da nova planta, começa a busca de novos mercados. Estudos para viabilizar as novas conquistas deverão ser feitos por consultores contratados pela instituição.

"Nosso mercado preferencial é o Terceiro Mundo, em especial os países do Mercosul e a África, muito desassistida pelos grandes laboratórios internacionais, que não têm capacidade exportadora para suprir este mercado tão vasto", acredita Quental, para quem esta parte do sonho é perfeitamente possível no próximo século. Para isto, resta trilhar os caminhos da auto-suficiência na produção de imunobiológicos, lembra o diretor da Bio-Manguinhos. A escolha da estratégia para alcançar esta meta passa por estudos rigorosos que apontarão para uma das várias opções existentes. A primeira diz respeito à associação da instituição com laboratórios particulares e institutos de pesquisa para desenvolvimento de tecnologia. Um outro estratégia é buscar parcerias com quem tem *know how* de ponta, os laboratórios internacionais.

"Já há uma sondagem junto a empresas do Japão e da Suíça. Este é um dos caminhos, já

que o desenvolvimento autócotone leva dez anos e pode nos custar até US\$ 150 milhões para cada vacina produzida", informa Quental, acrescentando que o processo de pesquisa para a fabricação própria é lento e a compra direta de tecnologia acarreta o desembolso de dinheiro referente a direitos de comercialização para os laboratórios estrangeiros.

Entre os fatores que conspiram contra o desenvolvimento de uma forte indústria de fabricação de vacinas no país estão também as amarras da administração pública com que se deparam até mesmo os dirigentes de instituições de setores delicados, como o de Saúde.

"É muito complicado você gerenciar a atividade de produção e desenvolvimento tecnológico debaixo das regras do setor público. Uma indústria como a nossa, porque a Bio-Manguinhos no fundo é uma indústria, tem que ter agilidade, competência gerencial, flexibilidade para escapar à legislação vigente, que está muito mais preocupada com o processo do que com o resultado", queixa-se o cientista.

Dá, em seguida, um exemplo corriqueiro. "Você imagina isto numa planta industrial funcionando, onde ocorre um

defeito qualquer numa máquina liofilizadora. Eu tenho que ter na hora um telefone e um talão de cheques. Tem que haver agilidade para pagar no ato. Depois se prestam contas", diz, esclarecendo que o objetivo não é escapar da prestação de satisfações ao governo, mas se chegar a um ponto em que se cruzem as linhas do gerenciamento mais eficaz e as da função social, que é a base de todo o serviço público.

Intercâmbio

Um dos objetivos sempre em pauta nas instituições que têm por base de suas atividades a pesquisa é o intercâmbio. A troca de informações científicas é parte fundamental do processo de desenvolvimento nesta área, concorda o professor Quental. É com tristeza, portanto, que vê a dura realidade

da escassez de verbas para viagens de estudiosos brasileiros. "O intercâmbio não se dá entre países, mas entre instituições, por isto ainda é tão incipiente. Nós mandamos profissionais para treinamento em países como o Chile e México, França e Itália, e até mesmo para o Japão. Para lá sempre mandamos alguém todo ano", diz.

Flexibilidade

Este país também é o patrocinador de um curso financiado pela Bio-Manguinhos a países do Terceiro Mundo. "Temos um curso que está no décimo ano, patrocinado pela Jai-ka, uma agência de cooperação técnica de controle de qualidade japonesa, voltada para o que eles chamam de terceiros países: nações da América Latina e da África de língua portuguesa". São, em média, dez alunos que usufruem anualmente os conhecimentos passados por pesquisadores daqui.

Há também programas de cooperação com instituições latino-americanas, muitos deles patrocinados pela Organização Panamericana de Saúde (Opas) ou levados adiante com verbas próprias da Fiocruz", reconhece. Alguns destes projetos são a esperança de grandes segmentos das populações carentes do continente. São programas desenvolvidos para a criação de vacinas contra doenças endêmicas e epidêmicas bastante conhecidas, como a febre tifóide (em parceria com o Chile e a Argentina) ou contra os pneumococos causadores da tuberculose (associação com Chile, Ar-

gentina, México e Cuba), ainda hoje causadoras de grandes estragos entre os mais pobres.

Dificuldades

São muitos os passos a serem dados na direção do sonho de João Quental. Alguns passam próximo ao inatingível.

"Nós vemos grande evasão de quadros qualificados e não conseguimos o retorno destes profissionais, já bem situados em setores que remuneram melhor, como a indústria", reclama. Em 97 um concurso convocado para preenchimento de seis vagas de nível superior foi desastroso. Apenas um candidato foi aprovado, o que mostra, segundo o diretor da instituição, o baixo poder de atração do setor público para os pesquisadores mais qualificados.

Os planos já forma alterados. "Eu agora quero contratar o pessoal já aposentado, que aceita um salário mais baixo", informa Quental.

Estes e outros mecanismos criativos estão na ordem do dia para atingir a meta da auto-suficiência em vacinas. Outros aspectos se somam se somam para a consecução do sonho. Além da resolução da questão salarial, uma maior autonomia que livre das amarras burocráticas o gerenciamento da instituição. Perguntado se o sonho, apesar de tantos entraves, é possível, Quental é peremptório: "Acho perfeitamente viável chegar a este objetivo, sem abrir mão da missão social a nós destinada. Os passos já estão sendo dados neste sentido", revela confiante. □ (Maurício Dantas)



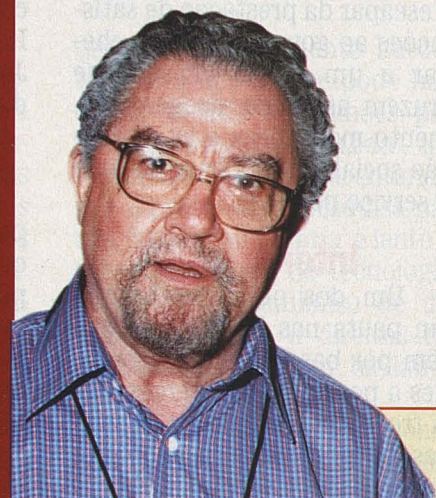
Parte da produção será exportada

A arte da Ciência nos países pobres



Eduardo Krieger, da ABC

A Academia de Ciências do Terceiro Mundo debateu, no Rio, o conhecimento e a tecnologia para o desenvolvimento



Sérgio Ferreira, da SBPC

Maurício Dantas

A Sexta Conferência Geral da Academia de Ciências do Terceiro Mundo reuniu, entre 6 a 11 setembro, cerca de 400 cientistas de 70 países no Rio de Janeiro, e serviu para apontar caminhos para uma maior integração das comunidades científicas dos países do Sul. Mas mostrou também a face dura da contenção de gastos no setor de pesquisa. Pelo menos para os cientistas brasileiros, que assistiram com uma ponta de decepção ao discurso de abertura do encontro, proferi-

do pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, ele mesmo membro da Academia. O pronunciamento passou longe do principal objetivo: aliviar as tensas relações entre o meio acadêmico em um governo que mandou para o Congresso uma proposta de orçamento que tira R\$ 100 milhões da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) e R\$ 25 milhões do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), entidades que concedem bolsas de pós-graduação. Sobre o significado político do encontro para o país, que sediou pela primeira vez a conferência, e a dura realidade da ciência no

Brasil e Terceiro Mundo falam, a seguir, os professores Eduardo Krieger, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), e Sérgio Ferreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Qual o significado desta conferência para a integração das comunidades científicas dos países do Terceiro Mundo?

Sérgio Ferreira - A Academia de Ciências do Terceiro Mundo está se firmando como um elo entre os cientistas dos países do Hemisfério Sul e serve como vitrine para mostrar que

os cientistas daqui não são de Terceiro Mundo, mas estão no Terceiro Mundo. A troca de experiências é fundamental.

Eduardo Krieger - Este encontro é uma ótima oportunidade para troca de informações, porque aqui estão representados países com grau de desenvolvimento muito próximo. A ciência nunca teve fronteiras e a comunidade científica brasileira, que tem produção de nível internacional, necessita se integrar ao resto do mundo. Hoje as maiores preocupações são com a atualização da ciência em todos os setores, governamentais ou privados, para

com isso agilizar a transferência imediata dos conhecimentos e avanços tecnológicos e obter mais rápido a melhoria da qualidade de vida para a população.

Nações do Terceiro Mundo encontram muitas dificuldades para ter acesso à tecnologia de ponta, já que os países industrializados usam a transferência de know how politicamente. Como romper esta barreira?

Eduardo Krieger - Há dois aspectos. O primeiro é que todos os países hoje industrializados partiram de base educacional e científica forte. Sem isso não há desenvolvimento

auto-sustentável. A primeira coisa a ser feita é discutir como melhorar as condições de educação e capacitação tecnológica de nossos países. Nós já temos conhecimentos adquiridos que podem ser transferidos para outros países, como os que dizem respeito a solos tropicais. Temos experiências que estão sendo transferidas na área de agronomia. É o caso da experiência da cientista Johanna Dörbereiner, que é a fixação de nitrogênio nas plantas através de bactérias, o que economiza fertilizantes. Países africanos já estão usufruindo da troca de informações nesta área. Estamos aprendendo também.

Mohamed Hassan

Investimento em Ciência ainda é pequeno

Mohamed Hassan é diretor-executivo da Academia de Ciências do Terceiro Mundo (ACTM ou TWAS, na sigla em inglês), um cargo que exige atualização com os progressos de cada país filiado no campo da ciência e tecnologia. Em sua opinião, a situação do Brasil é bastante promissora, já que, ao lado da China, Índia e México, é considerado uma das potências tecnológicas do Terceiro Mundo.

Acrescentou que o motor do crescimento é exatamente a história do contato que se faz com o conhecimento científico, pois de nada vale a tecnologia sem base sólida para o desenvolvimento do conhecimento.

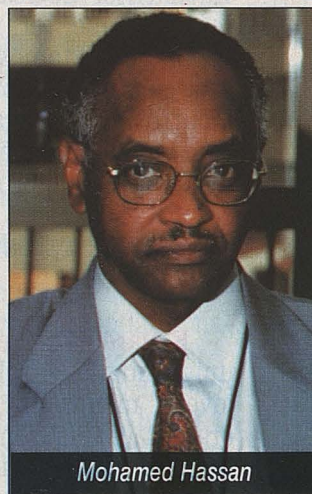
Como cientista, Hassan considera que a diferença entre os países de Primeiro e Terceiro Mundo é a forma como os países adiantados dominaram a ciência, fazendo dela um instrumento para o desenvolvimento social.

Enumera três aspectos, que considera básicos para o bom aproveitamento do conhecimento adquirido e que surgem como desafios para os cientistas dos países em desenvolvimento: 1) como desenvolver a ciência; 2) como manter o estabelecimento científico; 3) como utilizá-lo para a produtividade.

"O desenvolvimento em si não é tão difícil: o pior é conseguir mantê-lo. O Brasil, a China, a Índia e o México têm a ciência em desenvolvimento, mas a utilização de todo este conhecimento ainda não está apropriada", diz Hassan.

O diretor-executivo da ACTM/TWAS assinalou, ainda, que os países mais adiantados investem cerca de 2% a 3% de seu PIB em ciência e tecnologia, enquanto os menos desenvolvidos gastam apenas de 0,2% a 0,3% de seu PIB em pesquisas científicas.

Hassan considera que o mais importante é que os países em fase de crescimento devem parar de investir apenas em soluções a curto prazo. **(Carla Matera)**



Mohamed Hassan

Com a Índia estamos aprendendo a desenvolver o setor de medicamentos através da extração de substâncias, não só de origem vegetal, como também marinha, e procurando, com isto, baratear os custos de produção de remédios.

A Ecologia é hoje tema central das preocupações científicas. Qual a importância do tema no encontro?

Eduardo Krieger - Toda a humanidade está preocupada. Aqui se discute o efeito estufa. O que as comunidades científicas fazem é assumir a responsabilidade de formar quadros humanos qualificados, de ser o elemento que traduz o conhecimento científico internacional para as sociedades locais. A responsabilidade é de todos: países desenvolvidos e em desenvolvimento. Logicamente, nós teremos que ter consciência maior, pois estamos precisando usar com maior rapidez nossos recursos, como no caso da Amazônia. Também não podemos deixar de lado o progresso.

Como vê a produção científica brasileira?

Eduardo Krieger - A nossa universidade é relativamente jovem, menos de 80 anos. A organização da ciência também é jovem. Nós tivemos uma tradição de colônia portuguesa que não favorecia a criação de universidades. A nossa academia foi uma das últimas criadas, em comparação até com países latino-americanos. Estamos,

então, numa fase de acelerar os nossos conhecimentos, a nossa produção de ciências, para criar mais universidades e formar recursos humanos qualificados e atacar nossos problemas. Isto faz parte de um contexto de uma ciência em plena evolução, e que precisa crescer bastante para enfrentar desafios que são nossos, intransferíveis.

O que achou do discurso do presidente Fernando Henrique?

Eduardo Krieger - Privilegiar o ensino básico em detrimento da educação de nível superior é sempre um caminho perigoso. Acredito que se possa evitar esta armadilha. Há que se ter cuidado ao interpretar as palavras dos presidentes. Nós da comunidade científica sabemos que todo progresso depende da qualificação de recursos humanos, e evidentemente isto começa no ensino básico. Mas nós não conseguimos também sem o concurso da universidade e da ciência. A pessoa responsável pela educação em 1º e 2º graus é formada na universidade. É lá que se faz pesquisa. Teremos que desenvolver todos os níveis de educação. Reconhecemos que o analfabetismo é grande. Temos que reconhecer que o número de estudantes em universidades é pequeno. Temos 1,7 milhão em universidades, 40 por cento em instituições públicas e o restante em particulares. Destas universidades, só a pública faz alguma pesquisa. O nível de ensino, então, tem que ser melhorado nas universidades. E

isto demanda investimentos.

Sérgio Ferreira - É ponto comum que a educação primária tem que ser prestigiada. Mas só isto não vai garantir a inclusão de alguém no processo produtivo, se não existir trabalho. Quanto à questão das bolsas de pós-graduação, eu acho que o presidente está mal informado. Não tem sentido a crítica dele, porque dá a entender que é um problema, e este não existe.

Os cientistas estão insatisfeitos, então?

Sérgio Ferreira - A proposta de orçamento enviada ao Congresso não contempla a área de ciência e tecnologia com nenhum aumento. Faz algumas alquimias, tirando dinheiro do CNPq e levando para outras áreas. Mas o investimento em pesquisa, por parte do Ministério da Ciência e Tecnologia, não aumentou. Mas houve o corte das bolsas da Capes, o que vai criar sérios problemas de bolsas de estudo no país, que sempre foi admirado em toda a América Latina nesta área.

Eduardo Krieger - Nenhum cientista fica satisfeito com os recursos que são destinados a sua área, embora a gente reconheça o esforço do governo, que arca com 90 por cento de todo o sistema de ciência e tecnologia, já que o setor privado só agora começa a investir. Acharmos que houve, nos últimos 20 anos, a implantação de um sistema de formação de recursos humanos através da pós-graduação, que

tem recebido prioridade do governo - a parte de pesquisa. Mas, achamos que há muito campo. Estamos muito defasados. A defasagem é igual, de uma maneira geral, em todos os setores.

Nosso atraso é excessivo?

Eduardo Krieger - A nossa ciência tem um perfil parecido com a ciência internacional. Quando nós pegamos física, química, elas têm uma produção muito parecida com a internacional. O nosso problema é de quantidade, em todos os setores. Temos uma ciência pequena, mas de boa qualidade, que precisa se expandir em todos os setores. Alguns setores podem fazer projetos que têm um impacto sócio-econômico. Nós fazemos estudos e mandamos ao governo e à sociedade. A questão da energia é analisada nestes estudos. Fizemos um documento sobre o simpósio em São Paulo, está na fase de publicação, que será enviado à sociedade e ao governo. Temos documentos sobre educação e solo tropical.

Este é o papel do cientista, mostrar alternativas, a capacidade que nós temos de biomassa, os custos de exploração. No entanto, a decisão foge à nossa alçada.

Quais os setores importantes para investimentos em ciência e tecnologia?

Sérgio Ferreira - Os setores que têm que receber investimentos são os que levam à agre-

Israel Vargas:

Mais recursos para a Ciência

Qual o significado político do encontro?

- Não se deve encarar como um acontecimento político. Isto é ciência. E não há intercâmbio da nossa comunidade científica com a comunidade aqui representada de 77 países. Neste sentido, há importância política, mas não no sentido de *polis*.

Quais as novidades do plano estratégico?

- São 137 centros de excelência selecionados em todo o mundo, em mais de setenta países. Foram selecionados para receber cientistas do Terceiro Mundo. Estamos pensando em fazer com que estes centros se voltem pra a solução de questões comuns a nossos países. Por exemplo, nossos países têm problemas comuns de doenças tropicais. Queremos concentrar esforços com recursos próprios para a solução destas questões. Outro exemplo diz respeito à Meteorologia e ao Meio Ambiente. Nós estamos colocando à



Ministro Israel Vargas, de Ciência e Tecnologia

disposição de países que têm fronteira conosco, como Bolívia, Peru, Colômbia, e também os africanos, canais de satélite para uso de centros de previsão meteorológica.

Na Agricultura, um brasileiro ganhou um prêmio por combate a lagartas nas plantações de soja. Isto tem implicação para os países tropicais.

Os cientistas reclamam dos recursos limitados para o setor.

- Eu mostrei, em minha palestra, que nós mais do que dobramos

os recursos para Ciência e Tecnologia. Além disso, nos últimos quatro anos, as duas leis de incentivo, a 8.248, que se aplica à informática, e a 8.668, que se aplica a todo o setor industrial, inclusive ao agroindustrial, já geraram investimentos da ordem de 3,2 bilhões de dólares. E, somadas a outras leis de incentivos à importação de equipamentos, de liberação de impostos para drogas e compra de equipamentos novos, tudo isto já gerou 4,4 bilhões de dólares de investimentos, em que o governo deixa de receber 2 bilhões em imposto.

As empresas vêm colocando um outro tanto, ou seja, 1 pra 2, envolvendo cerca de 400 grupos de pesquisa, 25 universidades. As empresas já cobrem 30% dos investimentos em ciência e tecnologia no país. Os estados também aumentam sua participação, já que as constituições estaduais contemplam com 1 ou 2% da renda tributária, o setor de ciência.

gação máxima de valor. Não adianta o país se modernizar, se a modernização se torna obsoleta em dez anos.

É preciso buscar seus nichos de excelência e investir a longo prazo. Esta, aliás, é uma coisa que a indústria não está acostumada. Se a agricultura o faz, é porque todo ano tem colheita.

Isto vai revolucionar o

processo e puxar o sistema acadêmico para a realidade nacional.

São opções o desenvolvimento de alimentos, de medicamentos, através de biotecnologia, e a área de energia baseada em fontes renováveis. E não devemos perder as nossas conquistas na exploração de petróleo em águas profundas.

A força do choro

Em 1997 o choro, entre outros ritmos brasileiros, retoma fôlego



Marcos Souza, jovem talento musical, pianista, radialista e integrante do grupo *Conversa de Cordas*, inicia uma série de artigos sobre a música popular brasileira. A seção pretende ajudar a divulgação de jovens talentos. Os CDs comentados por Marcos Souza poderão ser solicitados, ao preço unitário de R\$ 15,00, conforme instruções na página ao lado.

Em pé, a partir da esquerda: Marcos Souza (piano), Jorginho do Época de Ouro, Mauro Senise (flauta/sax) e Franklim da flauta do Quarteto Pixinguinha, Afonso Machado, bandolim do grupo Galo Preto, Alessandro Valente (cavaquinho) do conjunto Rabo de Lagartixa, Fred da flauta, Sérgio Prata no cavaquinho, André Bellieny no violão de 7 (integrantes do grupo Sarau) e Déo Rian. Agachados, da esquerda para direita: Dom Chacal (percussão), Celsinho do Nó em Pingo D'água, Paulo Heleno (cavaquinho) e Agenor do pandeiro, nos Jardins do Museu da República

Marcos Souza

este ano, pode-se dizer que "o choro volta com toda força". Não que tivesse sumido, mas muita gente está cansada de ouvir barulhos, notas fabricadas como produtos, sem a emoção de passar a identidade de um povo criativo, solidário e carinhoso como o brasileiro. A pseudomúsica se vai e a verdadeira música brasileira fica.

Nossos saudosos Chiquinho do Acordeon, Rafael Rabelo e os atuais guerreiros Altamiro Carrilho, Paulo Moura, Rossini Ferreira, Raul de Barros, Joel do Nascimento, Sivuca, Marco de Pinna, Pedro Amorim, Henrique Cazes, Antonio Adolfo (lança em outubro um CD em homenagem a Chiquinha Gonzaga), Paulo Sérgio Santos,

Maurício Carrilho, Zé da Velha, Mário Pereira, Camilo, Duo 2, Odete Ernest Dias, Carlos Poyares, Maria Antônia, Zé Nogueira, Leandro Braga, Guinga, Cristóvão Bastos e o campeão do I Concurso de Conjuntos de Choro, Amigos do Choro, são alguns dos nomes da nossa música, além das feras da foto acima, sonhadores, que, assim como os três irmãos - Henfil, meu pai Francisco Mário e Betinho - acreditam no Brasil.

O grupo *Conversa de Cordas* (revelação instrumental de 95 pelo *O Globo* e *Estado de S. Paulo*), com uma formação inusitada: Marcello Lessa no violão, Queca Vieira no violino, Dom Chacal na percussão, Paulo Heleno no cavaquinho e Marcos Souza no piano. Lançamos dois CDs, o primeiro *Biscuit*, por enquanto esgotado (três tiragens, esperando verba para fazer mais) e o segundo, *Vou Vivendo de Folia* (disponível

pelo cupom ao lado), aclamado como CD de janeiro de 97 no *Jornal do Brasil*, trazendo parceria inédita do grupo com o sociólogo Betinho (Agora Vai - uma viagem musical pelo exílio), Sofres Porque Queres, de Pixinguinha, Tarancón, música em homenagem ao músico e guerreiro chileno Victor Jara, o samba *A Vaca* foi pro Brejo, o choro Chico Mário, entre outros ritmos brasileiros. Com cinco mil CDs vendidos de mão em mão, feito artesanalmente, o *Conversa de Cordas* vem se apresentando de Macapá ao interior de S. Paulo, mostrando a força do choro no Brasil.

Aqui fica registrado nosso primeiro encontro. Agora, para se aproximar do choro, são várias saídas: adquirir os CDs, guardar os nomes nesta matéria, e duas dicas de revistas: *Música Brasileira* (021-220-4609) e *Roda de Choro* (021-285-3672).

E-601



**GALO
PRETO**

E-602



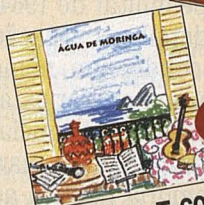
E-603



E-604



E-605



E-606

**Preço
único R\$15**

E-600

E-601

E-602

E-603

F-604

E-605

E-606

O *Água de Moringa* lançou CD na França e Bélgica e mostra impecáveis músicas ("Batueque" e "Turbilhão de Beijos", de Nazaré, "O Gato e o Canário", de Pixinguinha e B. Lacerda), com bandolim, clarinete, percussão, violão, violão de 7 e cavaquinho.

Nome:			
Endereço:			
Bairro:		Cidade:	
Estado:		CEP:	
Profissão:	Tel.:	Fax:	E-mail:

Cartão Nº Validade até /

[illegible]

ACEITAMOS TODOS OS CARTOES DE CRÉDITO

Data: / /

Assinatura do comprador

[illegible]

VALIDADE: até durar o estoque **EDIÇÃO 202**

Preencha o cupom em letra de forma e o envie para a Editora Terceiro Mundo Ltda. Rua da Glória, 122 / 105 e 106 - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20241-180 - Tel.: (021) 221-7511 - FAX: (021) 252-8455 E-mail: caderno@ax.apc.org

Um retrato do Partido Comunista

A história de um militante que dedicou sua vida às causas sociais

Valdenir Peixoto

Giocondo Dias, homem simples, criado na doutrina católica, conhece desde a infância a crueza da vida, tendo que lutar para manter mãe e irmãos. Na maioridade, torna-se militar e descobre o marxismo, integrando-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tem participação destacada na revolução comunista de 1935, em Natal, capital norte-riograndense, e, após amargar anos de prisão, elege-se deputado na Bahia em 1946, voltando à clandestinidade com a cassação do registro do PCB em 1947. Passa a trabalhar diretamente com o líder comunista Luís Carlos Prestes, vindo, mais tarde, a se tornar figura-chave da organização. Visto dessa forma, parece a *story-line* de um roteiro para cinema. Não é ficção. É pura verdade, revelada em *Giocondo Dias, uma vida na clandestinidade*, do historiador Ivan Alves Filho.

Por outro lado, ao se apresentar com esse título, um livro pode indicar três momentos bem particulares: a infância do protagonista, sua militância partidária e sua sobrevivência ideológica ante as condições políticas do país. Na verdade, essa série de depoimentos colhida por Ivan Alves Filho

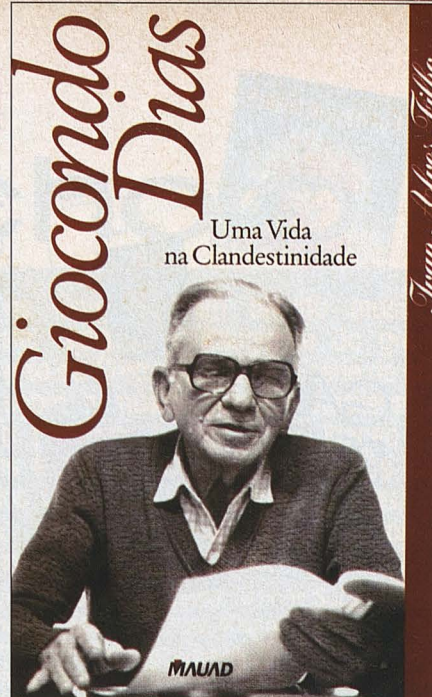
traduz-se num grande acontecimento literário para os leitores ou estudiosos que se interessam pela trajetória do pensamento e da prática comunista no Brasil.

Em seu prefácio, Roberto Freire pergunta: por que publicar um livro desse, se o comunismo vem sendo minado nos vários cantos do Planeta? E ele próprio responde, dizendo que, mesmo sendo uma pessoa ligada ao “aparelho”, Giocondo Gerbasi Alves Dias contestava algumas atitudes do partido.

Quando ingressa nas Forças Armadas, Giocondo Dias é enviado para o 21º Batalhão de Caçadores, uma unidade militar que contrariava os grandes latifundiários baianos. Chegando à corporação, encontra em suas paredes frases de efeito, como “Viva o comunismo” e “Viva Luiz Carlos Prestes”.

A participação revolucionária nos episódios de 1935 leva-o à prisão, onde é mantido incomunicável. Tempos depois, é autorizado a receber as visitas da esposa e de outros familiares. Em 1937, cai na clandestinidade, saindo à vida normal somente em 1945, quando o país retorna à democracia.

O livro de Ivan Alves Filho revela a total dedicação de



Giocondo ao PCB, uma vida quase inteira na adversidade da proscrição política, especialmente dura após o golpe militar de 1964.

Ivan Alves detalha a atuação política de Giocondo, um nome nada conhecido dos operários atuais. A esse ineditismo de iniciativa, soma-se o empenho em alargar a nossa memória política ao lembrar a atuação do PCB e nos revelar um dos articuladores do renascimento do *partidão*.

Um dos dados importantes do livro de Ivan Alves Filho é que oferece inúmeros testemunhos de pessoas que conviveram com Giocondo Dias e com ele participaram das peripécias históricas que marcaram a vida do partido no Brasil, como as lutas internas que deram origem a outras organizações e a própria saída do líder Luís Carlos Prestes, ocasião em que o seu braço direito Giocondo assumiu a liderança.

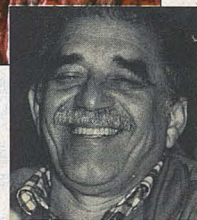
Em sua obra, Ivan Alves Filho demonstra permanente entusiasmo por esse pequeno baiano que dedicou a vida à causa da luta socialista. Nele, o autor identifica um dirigente político com atilado senso de realidade e que soube fazer as análises mais apropriadas para o partido nos vários momentos da vida política nacional.

ESPAÇO DO LIVRO

COM A PALAVRA O AUTOR

Em busca de Macondo

Jornalista percorre cidades que inspiraram o lugarejo onde se passa o enredo de Cem anos de solidão



A apaixonada pela obra de um dos mitos da literatura latino-americana - Gabriel García Márquez e sua obra-prima *Cem anos de solidão* -, a jornalista cubana Lídice Valenzuela resolveu conhecer, pessoalmente, as cidades colombianas em que nasceu e viveu o mestre do realismo-fantástico. O percurso pelas lembranças que construíram o imaginário do escritor acabaram saindo, inicialmente, em matérias e num documentário de TV.

Diretora do escritório da Prensa Latina no Brasil,

desde 1995, a correspondente estrangeira lançou recentemente no país, após sair em seu país natal e no Equador, o livro *Realidade e nostalgia de García Márquez*. Com 106 páginas, editado pela Oficina do Autor, detalha a viagem pelo roteiro de cidades pontilhadas de personagens que lembram Macondo, cidade em torno da qual gira o universo mítico do Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

□ *Quando a senhora leu Cem anos de solidão, qual foi a impressão que lhe provocou?*

Li a obra maior de García Márquez em 1969, logo após ter sido lançada, e tive um impacto muito grande. Ele me ensinou muito, principalmente porque tinha acabado de me formar em Jornalismo. Ele apresentava uma prosa ao mesmo tempo livre e concisa, descritiva, lírica e precisa na construção dos ambientes e personagens. É uma grande obra, não só estilisticamente, como na capacidade que possui de, ao contar uma pequena história, rememorar toda a história de um país.

□ *Como surgiu o projeto de percorrer as cidades em que viveu García Márquez?*

Foi um sonho, que começou quando li as suas obras. Pensei: até que ponto a vida e as lembranças poderiam ser fatores da construção daquela imaginação genial, como teria surgido a idéia de escrever e estruturar *Cem anos de solidão*. Consegui realizá-lo em 1988, quando consegui, durante três semanas, conhecer as cidades em

que viveu o Prêmio Nobel de Literatura e os personagens reais com que ele conviveu desde menino.

□ *Qual foi a impressão que esses lugares e pessoas provocaram?*

Percebi, claramente, que *Cem anos de solidão* só poderia ser escrito por um homem caribenho, ligado a essa cultura tão rica e maleável. Outro é que o livro é fruto de uma técnica fabulosa e de uma poderosa imaginação, que reinventaram todas as histórias que desde menino ele ouvia, junto a todas as pessoas que conheceu. Outro ponto é que, antes de tudo, a sua obra é uma homenagem ao seu povo, do qual nunca esqueceu e que traz sempre com ele, como ocorreu na entrega do Nobel, quando foi vestido com um traje da região e levou um grande grupo de amigos colombianos.

□ *Como é hoje Arataca?*

O curioso é ver como a cidade mudou muito pouco, desde a época de García Márquez. Vi lá um dos povos mais pobres da América Latina, sem água, sem esgoto, nem mesmo pavimen-

tação nas ruas. É como se Macondo fosse real e estivesse vivo. Após a entrega do Nobel, ao ser perguntado pelo presidente colombiano da época sobre o que desejaria como homenagem, ele disse que desejaria obras para sua cidade natal. Parece que até hoje não o ouviram.

□ *Qual a importância que García Márquez tem para a cultura latino-americana?*

É imensa. Não apenas como um gigante da literatura que todos sabem que é, influenciando toda uma geração de escritores, mas também como intelectual e homem. Seu respeito e afeição à cultura de seu povo e país é algo admirável. Outro detalhe importante é sua generosidade: mesmo sendo hoje rico, ele permanece fiel a lutar sempre pelas causas dos pobres e despossuídos. Diria até que, com sua atuação frente à Escola de Cinema de Cuba, que criou, tornou-se mais que um defensor da arte e da alma da América Latina, passando a um criador e pensador do Terceiro Mundo.

Argentina



Os membros da Aliança de Oposição formada na Argentina entre a Frente País Solidário (Frepa) e a União Cívica Radical posaram para os fotógrafos em 6 de agosto passado, quando foi formalizada a coligação para as eleições legislativas de outubro deste ano.

Da esquerda para a direita, o ex-presidente Raúl Alfonsín; o líder do Partido Radical, Rodolfo Terragno; o líder da Frepa, Carlos Alvarez, e a senadora dessa Frente, Graciela Fernandez Meijide



O dirigente socialista chileno Clodomiro Almeyda, ex-vice-presidente do governo de Salvador Allende, faleceu em 25 de agosto, em Santiago do Chile, aos 74 anos.

Ex-embaixador em Moscou, Almeyda foi um brilhante político e intelectual e teve um papel destacado na luta contra a ditadura de Pinochet

Peru



O presidente do Comitê da Cruz Vermelha Internacional, Cornelio Sommaruga(D) acompanha o presidente peruano Alberto Fujimori (à sua direita) que saúda um grupo de estudantes em Lima. Sommaruga reuniu-se com Fujimori com o objetivo de restabelecer as visitas da Cruz Vermelha aos 400 presos políticos do regime peruano. As visitas foram suspensas após a ação do Movimento Revolucionário Túpac Amaru na residência do embaixador do Japão, em 17 de dezembro passado.

Guiana

Pressão neoliberal

A poucos meses das eleições - ainda sem data marcada, mas que devem se realizar até março, o mais tardar - os debates na Guiana põem a economia em primeiro plano. A oposição, liderada pelo conservador Congresso Nacional do Povo (CNP) - que esteve no poder por 28 anos e perdeu a eleição de 1992 -, e a embaixada norte-americana acusam o governo do Partido Popular Progressista (PPP) de resistir à política neoliberal. Eles não se conformam com a atitude crítica do governo em relação às privatizações da administração anterior e aos limites que está colocando à abertura comercial. Essas atitudes, segundo os conservadores, desestimulam os

investidores estrangeiros.

Mas o secretário do gabinete, Roger Luncheon - o nome mais provável do PPP para futuro primeiro-ministro - atribuiu à expectativa eleitoral o recuo dos investidores e a queda dos negócios. Os indicadores econômicos revelam que a economia deve crescer este ano 5,1%, pouco abaixo da metade dos 13,9% registrados no ano passado. Os críticos apontam ainda a queda de 6,6% na produção de açúcar, o que impede o país de exportar toda a sua quota de 200 mil toneladas para os EUA e a Europa. O oposicionista CNP investe contra o PPP, tentando voltar ao governo, durante o qual adotou as práticas neoliberais que promete retomar, em caso de vitória.

Novo 'round' da Texaco versus índios

Nada menos que 112 comunidades indígenas da Amazônia equatoriana entraram na Justiça norte-americana contra a Texaco, pedindo indenização por danos ambientais. Durante 24 anos, a transnacional norte-americana extrai um total de 1,4 bilhão de barris de petróleo na floresta do país, produzindo danos que os 30 mil índios da região calculam valer uma indenização de US\$ 1,5 bilhão. O processo, aberto em Nova Iorque, em 1993, depois de muitas idas e vindas, foi anulado pelo juiz Jed Rackoff em 13 de agosto, alegando que o Estado equatoriano era parte indevida no processo.

"O juiz foi incoerente", declarou o dirigente indígena Sérgio Uchim, esclarecendo que foi o próprio juiz quem insistiu para que

o governo equatoriano entrasse no processo como litigante, sob pena de anulação da queixa. Quando o governo atendeu a sua exigência, o juiz o considerou parte ilegal e anulou o processo.

"O juiz nunca deveria ter exigido uma posição do governo equatoriano no caso, pois o processo contra a empresa petrolífera foi aberto exclusivamente pelas comunidades indígenas", disse o advogado da causa, Cristóbal Bonifaz, que já recorreu da decisão. "Neste caso, interferiram muitas pressões do governo norte-americano, pois o processo envolve grandes interesses econômicos", denunciou Bonifaz. O advogado dos indígenas se diz confiante na vitória final, "pois temos apoio internacional e a razão do nosso lado".

El Salvador Golpe financeiro

Em El Salvador, falências fraudulentas lesaram milhares de pequenos poupadores em 170 milhões de dólares. Todos os envolvidos são nomes do alto empresariado local e conhecidos contribuintes do partido governista, a Arena. Na foto, manifestantes protestam, exigindo providências para devolução do dinheiro e punição dos culpados.



Cuba

Cresce investimento externo

Enquanto o subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos dos EUA, Stuart Eizenstat, percorria a América Central, pedindo maior pressão daquela região sobre o governo de Havana, este, dois anos depois da lei que regula investimentos estrangeiros, recebia os primeiros capitais externos interessados no setor açucareiro.

Eles passaram a formar a companhia Alficsa, que reúne capitais cubanos e espanhóis, e se voltará para a exportação de açúcar e derivados industrializados. Segundo o vice-ministro do setor, Francisco Rodríguez Martínez, a atuação da companhia mista permitirá a fabricação de álcoois finos, valorizando mais a pauta de exportações.

Além do açúcar, os cubanos extraem vários outros produtos da cana, como ração para gado, papel, bebidas, medicamentos e substâncias químicas para fabricação de plásticos e fibras sintéticas. Segundo dados de 1991, 368 fábricas dedicavam-se à produção de derivados de cana, mas o setor tem sido dos mais afe-

tados, devido à queda da produção dos canaviais do país, de 8 milhões de toneladas, nos anos 80, para 3,8 milhões em 1994. Por isso, o turismo alcançou pela primeira vez, em 1996, a liderança como fonte de renda para o país.

Embora se considere que a lei dos investimentos seja restritiva, já existem 260 empresas mistas no país, resultantes da associação com capitais externos oriundos de 50 países e atuantes em 34 setores da economia, principalmente no turismo, extração de petróleo e níquel. O Canadá lidera em quantidade de recursos investidos, enquanto a Espanha lidera em número de negócios. Segundo o Ministro dos Investimentos Estrangeiros, Ibrahim Ferradaz, das 140 novas propostas em estudo, 35 são de empresários espanhóis.

Quanto às pressões norte-americanas sobre os governos da América Central, parecem ter origem no temor de que evoluam os entendimentos em curso para a regularização diplomática entre alguns daqueles países e Cuba.

África do Sul Negros e brancos unidos nas arquibancadas

A classificação da seleção sul-africana de futebol para a Copa do Mundo de 1998, na França, sacudiu o país de uma forma diferente: notou-se maior participação de brancos nas comemorações de um esporte identificado com os negros. Foi um a zero sobre a seleção do Congo-Brazzaville, no jogo realizado em Joanesburgo, no dia 16 de agosto. O gol do craque Phil Masinga desatou "um desconhecido clima de camaradagem entre brancos e pretos nas tribunas do estádio", comentou o torcedor Robert Davies, branco.

Desde o fim do regime racista do *apartheid*, em 1994, a África do Sul voltou às competições esportivas internacionais, apresentando-se com destaque em algumas modalidades, como o futebol (é atual campeã africana), o rugby (é campeã mundial) e o críquete. E os triunfos esportivos começaram a irmanar torcedores de todas as cores, fazendo desaparecer momentaneamente arraigados preconceitos raciais.

O jornal *Star*, de Joanesburgo, frisou que "o gol de Masinga não apenas carimbou o passaporte sul-africano para a França, como também uniu toda a população na festa e na esperança. Pela primeira vez, a reação foi quase idêntica, nos bairros negros e nos bairros brancos."

"O esporte ajuda, mas não será a ferramenta decisiva para promover a democracia racial que é o objetivo do

governo de Nelson Mandela", comentou Shawn Mackay, do Instituto Sul-Africano de Relações Interracialis. "Ainda estamos num processo de criação de uma identidade nacional sul-africana, e o esporte, por si só, não tem o poder de transformar a sociedade. A população demonstra que está cada vez mais disposta a superar as barreiras raciais no campo esportivo, mas não podemos depositar nos desportistas todas as nossas esperanças de surgimento de uma nação multiétnica", completou.

A análise do especialista baseia-se em dados mais amplos. Pesquisa de opinião do instituto Markinor, de março e abril, apontou um apoio de 80% ao Congresso Nacional Africano (CNA), de Mandela, entre os negros que pretendem votar nos candidatos da agremiação nas próximas eleições, mas só 3% dos brancos expressaram a mesma preferência. A popularidade pessoal de Nelson Mandela chega a 83% entre os negros e a 53% entre os brancos.

Estes se dizem pessimistas quanto ao futuro da economia, enquanto a maioria dos negros está confiante.

Enfim, continuam a existir as duas nações raciais sul-africanas impostas pelo regime segregacionista de quase meio século.

Os pouquíssimos anos de retomada da democracia política ainda não reverteram práticas e sentimentos de natureza cultural.

Quênia

Recomeçam os protestos

Neste ano, três ondas de manifestações contra o governo do Quênia sacudiram Nairóbi (a 7 de julho e 8 de agosto, com dez mortes), e a principal cidade costeira e turística, Mombaça. Nesta, no dia 13 de agosto, morreram 29 pessoas.

Entre os presos pelas forças governamentais, acusados de envolvimento com os distúrbios, estão lideranças políticas, como Kelef Kalifa, do partido clandestino Safina, e Ali Chidzondo, presidente da União Democrática Africana; líderes religiosos, como Amari Banda, chefe da mesquita Masjid Jihad, e o funcionário da Comissão de Direitos Humanos, Alamin Mazrui.

Arap Moi enfrenta,

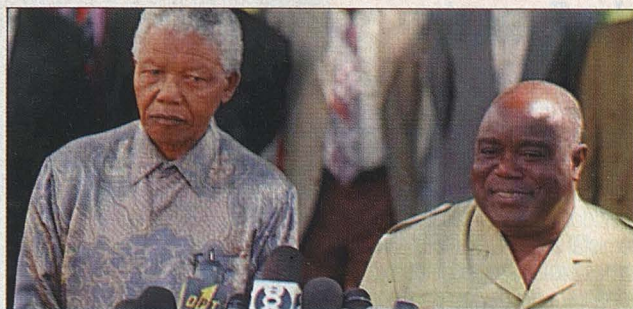
periodicamente, protestos políticos contra seu regime, que segue uma linha identificada com os interesses de Washington. Nos anos 80, cedeu uma base naval aos EUA em Mombaça, contrariando a política de outros países da região, que lutavam pela desmilitarização do Oceano Índico.

Uma União Rebelde divulgou proclamação de guerra, anunciando para breve a derrubada do regime de Arap Moi, contra o qual já existiria um exército clandestino de milhares de homens e a maior parte das forças armadas. "O regime de Moi está chegando ao fim. Estamos comprometidos com a democracia", diz a mensagem rebelde.



A colheita é macabra: 60 mil assassinatos em apenas cinco anos. Esta é a extensão da vingança dos grupos fundamentalistas ligados à Frente Islâmica de Salvação contra o regime revolucionário argelino. Os massacres são contínuos e a foto mostra as poucas famílias que conseguiram escapar de Ben Ali, a 40 km de Argel, onde os terroristas massacraram 64 pessoas em 26 de agosto, na mesma noite em que o governo anunciou guerra total ao terror islâmico.

Sul da África



Os presidentes Nelson Mandela, da África do Sul, e Laurent Kabila, da República Democrática do Congo (ex-Zaire) reuniram-se em Pretória, no final de agosto. Na agenda, a cooperação mútua, visando à reconstrução congoleesa, depois de 32 anos de ditadura de Mobutu Sese Seko, derrotado em maio e falecido no início de setembro.

Nigéria

Continuidade com eleição

A primeiro de outubro de 1998, haverá eleições gerais na Nigéria, inclusive para presidente, mas só existe um concorrente conhecido, o atual presidente, general Sani Abacha, que lidera a ditadura militar. Embora ele não tenha lançado oficialmente a candidatura, já declarou que poderá se submeter às urnas, se seus simpatizantes pedirem. Estes - todo o aparato militar e administrativo - não pede outra coisa há muito tempo.

Seguidos pronunciamentos têm sido feitos por altos comandantes a favor da candidatura de Abacha. O coronel Mohammed Marwa, administrador militar do estado de Lagos, em recente entrevista, apontou-o como o servidor público mais completo da Nigéria e disse que o apoiará em 1998, caso o general se candidate. Já o coronel Ahmed Usman, administrador militar do estado de Oyo, disse que está pronto a abandonar o cargo, se Abacha precisar dele como coordenador da campanha eleitoral.

É comum, ainda, os funcionários públicos portarem na lapela emblemas com a efígie do general. Organizam-se também manifestações de apoio ao militar em todas as cidades e povoações, quando se distribuem suas fotografias e discursos.

"É prematuro falar em campanha eleitoral", nega o almirante Anthony Onyerugbulem, administrador militar do estado de Ondo. "Mas, o general tem todo o direito, como qualquer cidadão livre deste país, em apresentar-se ante o povo para o veredito das urnas."

Diante dessa situação, até agora ninguém se atreveu a desafiá-lo, embora dezenas de políticos já sejam candidatos aos 36 governos estaduais. Segundo o ex-chanceler Joseph Garba, ninguém ainda apareceu para concorrer com Abacha para não estimular os que torcem contra as eleições e gostariam de manter em toda a sua extensão a atual ditadura militar.

Angola

ONU envia ultimato

Até a ONU perdeu a paciência com a guerrilha de direita de Jonas Savimbi, da Unita, que mantém Angola em guerra há 22 anos com o beneplácito dos EUA. O Conselho de Segurança da ONU deu prazo até o último dia de setembro, para que Savimbi se enquadre nos acordos de paz, que sistematicamente rompe, desde a assinatura há três anos.

"Até agora, a Unita não fez nada de significativo para assumir suas obrigações", acusou, no Conselho de Segurança, o embaixador e representante britânico, John Weston. "Agora, terá todo o mês de setembro para se ajustar. Esperamos que a Unita desmobilize suas tropas e passe a observar os acordos de paz, antes que sejamos obrigados a impor sanções", disse o polonês Zbigniew Wlosowicz.

Entre as medidas previstas pela ONU estão o bloqueio dos fundos financeiros da Unita e o fechamento de representações do grupo. Savimbi anunciou que devolverá as 145 áreas que controla, promessa em que poucos acreditam. A Unita controla e explora a região diamantífera de Angola e resiste a devolver estas preciosas áreas à administração do governo nacional.

Afeganistão



Cerco a talibãs

As tropas do general Ahmed Xá Masud iniciaram o cerco a Cabul, a capital afegã, onde a Milícia Talibã - islâmicos fundamentalistas - ainda mantém o poder. Na foto, um soldado de Masud prepara projéteis de artilharia em Kalakan, a apenas 15 km de Cabul. As tropas de Masud lutam em várias frentes simultâneas, desgastando as forças talibãs que perderam a iniciativa e passaram à defensiva.

Palestina Guerra econômica

O ministro de Economia e Comércio da Palestina, Maher al Masri, se disse preocupado com a guerra econômica determinada pelo governo israelense contra os palestinos. O bloqueio das fronteiras imposto pelo gabinete de Benjamin Netanyahu já provoca intenso desemprego na região de Gaza, pela paralisação de atividades em consequência da falta de insumos. Ao mesmo tempo, mais de 20 mil palestinos que trabalham em Israel estão tendo o acesso negado aos locais em que

exercem suas atividades.

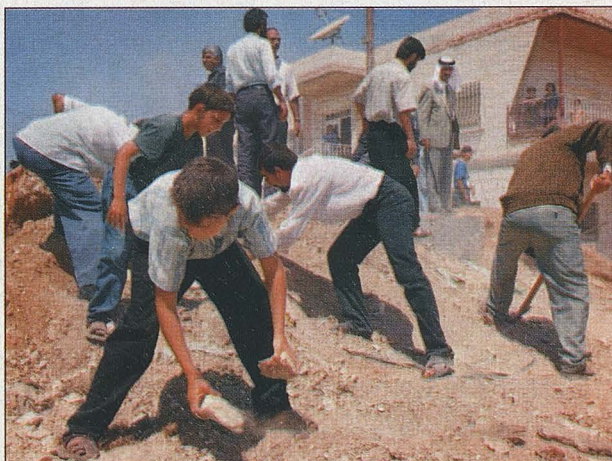
"É fundamental apoiar a indústria palestina, para que não seja paralisada por falta de insumos", disse Maher al Masri, que admite a possibilidade de os palestinos darem uma resposta no campo econômico, boicotando produtos de Israel.

Desde a subida ao poder do governo conservador de Benjamin Netanyahu, integrado também por setores fundamentalistas israelenses, entrou em deterioração o processo de paz - que evoluía de forma extra-

ordinária nos gabinetes dirigidos pelo Partido Trabalhista, com Yitshak Rabin e Shimon Peres.

A política adotada por Netanyahu e seus coligados já provocou atos de desespero e alguns atentados, politicamente comemorados pela direita israelense e que servem de argumento para violências, como o estrangulamento econômico a que vêm sendo submetidos os territórios sob administração palestina nos últimos dois meses, com pesado custo social.

Em Belém, palestinos tentam desbloquear a entrada leste da cidade, onde soldados de Israel ergueram montanha de entulhos, no final de agosto, para impedir o trânsito palestino. O mesmo foi feito em outras cidades palestinas. Soldados apareceram para impedir a retirada da barreira. No dia 3 de setembro, três homens-bomba imolaram-se numa rua de Jerusalém, provocando outras quatro mortes e 190 feridos. A tensão levou ao Oriente Médio a Secretária de Estado dos EUA, Madeleine Albright, que conferenciou com Yasser Arafat e Benjamin Netanyahu. Albright censurou Netanyahu pelas medidas desumanas que vem adotando.



Iraque Indenizações absurdas

O governo iraquiano está se queixando às Nações Unidas contra pedidos de indenização que considera absurdos. Vencido na Guerra do Golfo, no início de 1991, pela coligação comandada pelos Estados Unidos, o Iraque vem cumprindo um penoso calendário de pagamento de indenizações aos vencedores pelos custos do conflito. Países, empresas e mesmo pessoas, individualmente, podem pedir pagamento por danos que tenham relação com o confronto e pelos quais o governo iraquiano seja considerado culpado.

A Comissão de Compensações da ONU, em Genebra, julga as demandas e, em caso de aprovação, despacha a conta para Bagdá.

Mas, o embaixador Nizar Hamdun e o chanceler Mohammed Said Al-Sahaf acham que a ONU está aceitando exageros. Uma empresa, por exemplo, quer ser compensada pelos gastos com treinamento dos empregados, que foram mandados a capacitar-se em armas químicas num quartel inglês, no período da guerra.

Um kuwaitiano rico pediu milhões de dólares pelas jóias perdidas por sua mulher, mesmo sem exibir qualquer documento ou recibos comprovando a existência e a propriedade das pretensas jóias. Até um mulher tcheca solicitou o pagamento de um carro novo, alegan-

do que bateu com o seu, quando ouviu pelo rádio a notícia da invasão iraquiana.

Uma embaixada localizada em Tel Aviv quer ser reembolsada pelos gastos com remédios e equipamentos antigases e outras duas querem o pagamento das contas telefônicas internacionais de seus funcionários, alegando que eles se viram obrigados, com a guerra, a longos telefonemas para tranquilizar os parentes distantes. Outro queixoso quer ser reembolsado, alegando ter distribuído dinheiro a necessitados no Kuwait, no período da ocupação.

A conta iraquiana, só em março, chegou a 144 milhões de dólares, a maior parte para pagar trabalhadores que perderam o emprego com a guerra. Como a mão-de-obra na região é, em grande parte, estrangeira, milhões de dólares têm sido repassados pelo Iraque a outros governos para pagamento desses trabalhadores. Assim, o Egito recebeu, só em março, 58 milhões de dólares; Sri Lanka, 16 milhões; Índia, 15 milhões, e Bangladesh, 11 milhões.

O Iraque pode vender 1 bilhão de dólares em petróleo e derivados, por trimestre, sendo 30% desse total destinados a pagar reparações de guerra. Só a indústria petrolífera do Kuwait reclama indenizações que chegam a 100 bilhões de dólares.

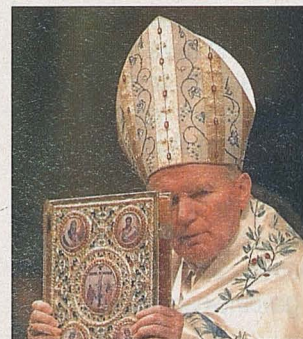


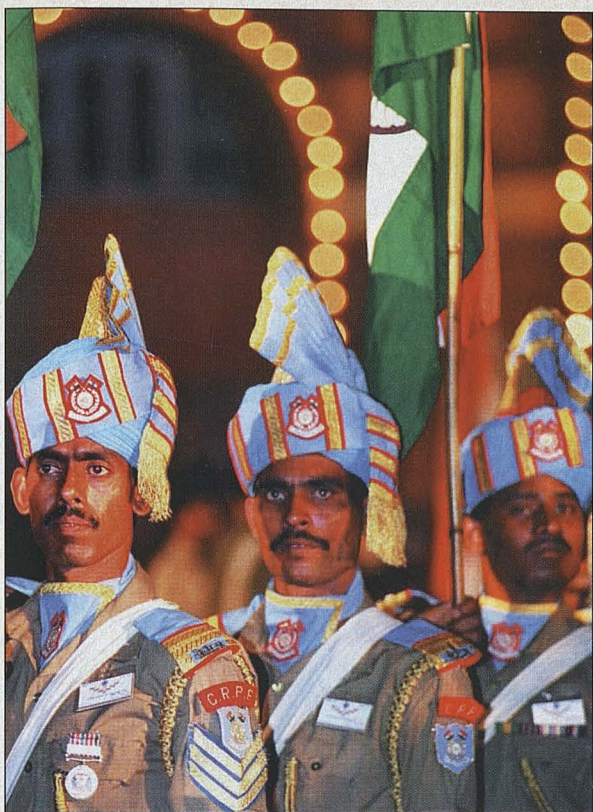
Morta em acidente de carro em Paris, a 31 de agosto, a Princesa Diana de Gales foi enterrada em 6 de setembro, na propriedade de sua família, após cerimônia em Westminster, Londres. Apontada como uma figura cujo comportamento contestava a realeza britânica, sua morte provocou comoção extraordinária entre os ingleses



Aos 87 anos, Madre Teresa de Calcutá, das Missionárias da Caridade, morreu na noite de 5 de setembro, no convento da cidade indiana, a cujos pobres dedicou sua vida. Laureada com o Nobel da Paz, a freira deixou um exemplo de fraternidade e solidariedade evangélicas. Sua sucessora é a Irmã Nirmala, ao centro, em primeiro plano

O Papa João Paulo II prepara-se para a segunda viagem ao Brasil, onde chegará a 2 de outubro. Sua nova visita se dá 17 anos após a primeira peregrinação pelo país, realizada em 1980. Desta vez, a passagem papal se fará sob a mensagem destinada à Família, valor no qual a Igreja identifica uma das saídas para a recuperação moral da sociedade





Tailândia Crise na crise

Setembro pode ser um mês decisivo para o futuro imediato da Tailândia. Ainda abalado pela crise econômica que o levou a pegar 16 bilhões de dólares emprestados, em julho, quando os Tigres Asiáticos mostraram que não têm aquela apregoada saúde, o país ameaça entrar numa crise política igualmente de proporções. Trata-se do debate em torno da nova Constituição, cujo projeto acaba de ser finalizado por uma comissão especial e irá a votação no parlamento. Se este o aprovar, a Tailândia dará mais alguns passos em direção à democracia: eleições diretas universais, comissão eleitoral independente e não mais controlada pelo próprio go-

verno, maior controle deste pela cidadania, entre outros pontos. Se o parlamento o rejeitar, haverá um plebiscito e também rejeição, por força da corrupção atuante nos currais eleitorais. Nesta hipótese, as forças identificadas com o avanço democrático prometem protestar.

Caso se dê o contrário e o projeto seja aprovado pelo parlamento, a rebelião será de todos aqueles que perderão privilégios e poder, a começar dos milhares de prefeitos, hoje indicados e que passarão a ser eleitos, assim como os senadores. Eles já prometem invadir a capital, Bangkok, no início de setembro, para pressionar pela rejeição do projeto constitucional. E deverão

Solenidades de gala marcaram os 50 anos de independência da Índia, em 15 de agosto, em meio a manifestações políticas que expressavam a preocupação dos setores sociais que consideram ainda muito longo o caminho e lento demais o processo de desenvolvimento do país.

A caminho do bilhão de habitantes, a Índia, apesar dos imensos desafios deixados pela dominação inglesa, é hoje um dos países em desenvolvimento com maior potencial de transformações econômicas, científicas e sociais.

encontrar pela frente os movimentos renovadores e os estudantes, que se posicionam pela mudança.

O clima político no país é instável, devido à crise econômica detonada em julho (a moeda - o baht - desvalorizou-se 30%, as exportações caíram, a economia estagnou, há centenas de empresas ameaçando falir, o desemprego chegou), e o primeiro-ministro Chavalit Yongchaiyud, no cargo há nove meses, está com a popularidade em baixa acentuada, acusado de incompetente.

Desde o fim da monarquia absoluta em 1932, a Tailândia já sofreu diversos golpes de estado e teve 15 constituições.



A presidente Chandrika Kumaratunga vem impondo derrotas à guerrilha tamil, após ver recusada sua proposta de pacificação, que incluía a participação administrativa dos rebeldes

Sri Lanka

Pacificação à vista?

A presidente do Sri Lanka, Chandrika Kumaratunga, se disse otimista com a possibilidade de derrotar militarmente a guerrilha tamil, em breve. Kumaratunga tinha tentado antes o caminho da negociação, iniciando conversações em 1994 que visavam a integrar os rebeldes - que lutam pela independência do norte da ilha - na vida política, inclusive com participação no gabinete que então se formava. Mas, ações unilaterais da guerrilha levaram à interrupção das negociações em 1995. Entre as atuais vitórias militares do governo, assinala-se o desmantelamento da estrutura da guerrilha na península de Jaffna, no extremo norte.

Os tamis são a mais importante minoria étnica do país (22% da população, em meio a uma maioria cingalesa de 70%).

Ernesto
Che Guevara



M o próximo dia 9 de outubro, lembra-se o trigésimo aniversário da execução de Ernesto Che Guevara, um nome que se tornou lendário nas lutas do Terceiro Mundo. Sua captura e assassinato na

Bolívia incorporaram-se à romanesca história das lutas dos povos oprimidos, como um capítulo em que se ressaltam a dedicação à causa social, o espírito de sacrifício, a generosidade e a valentia.

É capítulo especial escrito por personalidade única, neste romance em que os anseios populares freqüentemente amargam derrotas, mas nunca desaparecem e sempre ressurgem, com novos combatentes e novo ânimo, na certeza de que a roda da história não pára.

Enquanto houver injustiças, desigualdades, exploração, fome, miséria - a luta social gerará os inconformados capazes de arrostar todos os sacrifícios, impulsionados pela indignação ética que, de tempos em tempos, sacode a humanidade.

Neste 30º ano da morte de Guevara, **cadernos do terceiro mundo** recapitula sua vida e oferece aos leitores uma série de artigos - alguns escritos em 1967, logo após o assassinato do Che - que analisam a ação do revolucionário e seu tempo - uma reflexão útil para entendermos uma



parte importante da história de nossos tempos.

Neste apanhado de visões e interpretações - a maioria extraídas com exclusividade em língua portuguesa, da coletânea *Che siempre*, edição da Casa das Américas, 1997 - o leitor poderá recuperar a imagem política e humana de uma pessoa especial, que, desde a adolescência, mostrava uma revolta ativa contra os processos que perpetuam a desigualdade em nosso continente.



Uma biografia revolucionária

Ernesto Che Guevara encarnou o combatente inteiramente dedicado ao ideal de promover mudanças estruturais e forjar uma sociedade mais justa e fraterna



Quase 30 anos após tombar em terras bolivianas, a busca dos restos mortais do guerrilheiro cubano-argentino Ernesto Che Guevara multiplicou o interesse internacional pelos detalhes da sua vida e do seu ideário político.

Ernesto Guevara de la Serna nasceu em 14 de junho de 1928 na cidade de Rosário. Seu pai, Ernesto, arquiteto e homem de negócios, e Celia, sua mãe, formavam uma família de folgada situação econômica, com alguma ascendência de aristocratas e militares da independência argentina.

A personalidade vigorosa, que caracterizava a quem anos mais tarde seria o comandante Ernesto Che Guevara, começou a formar-se muito cedo, pois aos dois anos de idade manifestava-se a asma, doença que foi assumida mais como um desafio pela família e principalmente por Ernesto, do que como um obstáculo para o seu desenvolvimento.

O próprio Fidel Castro se lembra de que, quando o jovem argentino se preparava, no

México, para fazer parte da expedição do iate *Granma*, todas as semanas subia a ladeira do vulcão Popocatepelt, para atingir seu cume. Ao final, regressava sem atingi-lo e arfante de asma pelo intenso exercício, para tentar novamente dias depois.

Foi um agudo observador das coisas que ocorriam ao seu redor, com muito interesse em conhecer profundamente a realidade do continente latino-americano.

Este interesse o levou, quando já estava matriculado na faculdade de Medicina, a percorrer a América Latina em uma motocicleta, na companhia de seu amigo Alberto Granado.

Esta aventura abrangeu grande parte da Argentina, do Chile e do Peru, onde cruzaram a pé o altiplano e navegaram o Amazonas em balsa, até se estabelecerem em um local chamado San Pablo. Lá, Ernesto e seu amigo trabalharam em um leprosário, prestando serviços de assistência aos doentes. Em seguida, viajaram também para a Colômbia e a Venezuela. Em 31 de agosto de 1952, voltou a Buenos Aires para obter o título de doutor em medicina, com uma tese sobre alergia.

Em 7 de julho de 1953, menos de um mês

após a formatura, Ernesto Guevara partiu novamente para uma extensa viagem, cujo destino seria a Venezuela. Lá o esperava seu amigo Granado, com uma oferta de US\$ 800 mensais para trabalhar como médico em Caracas.

Agudo observador

Entretanto, do Equador, em vez de seguir rumo à Venezuela, continuou em direção ao norte, pela América Central, atingindo a Guatemala. Lá se posicionou decididamente ao lado do governo democrático de Jacobo Arbenz e, dentro dele, no grupo do Partido Guatemalteco do Trabalho (PGT), que era comunista. Ali viveu também o drama da intervenção da CIA e dos Estados Unidos e a derrubada de Arbenz.

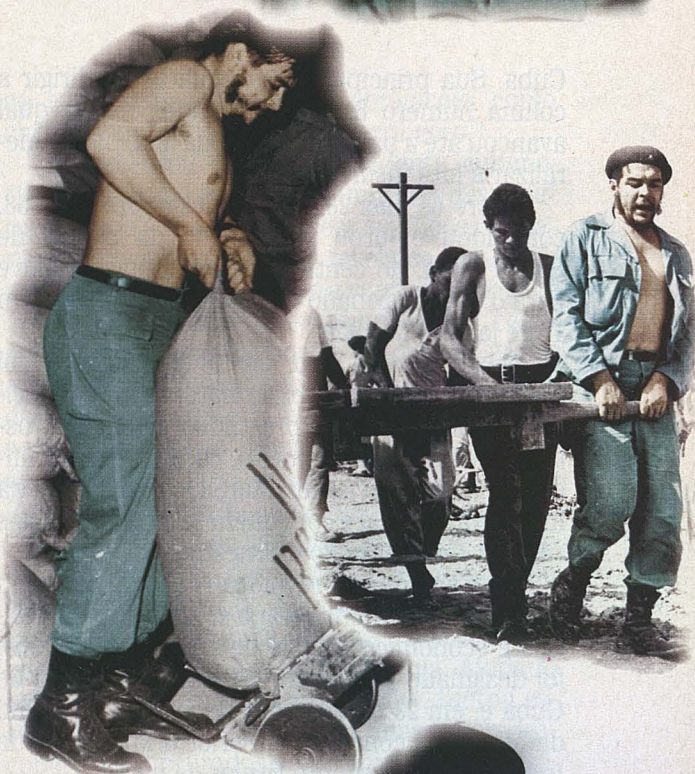
Entre janeiro e julho de 1954, conheceu Antonio (Nico) Lopes, militante do movimento revolucionário cubano 26 de julho, e outros dirigentes revolucionários da ilha do Caribe. Também nesta etapa, ficou amigo da exilada peruana Hilda Gadea, que seria mais tarde sua primeira esposa e mãe de Hilda, sua filha mais velha.

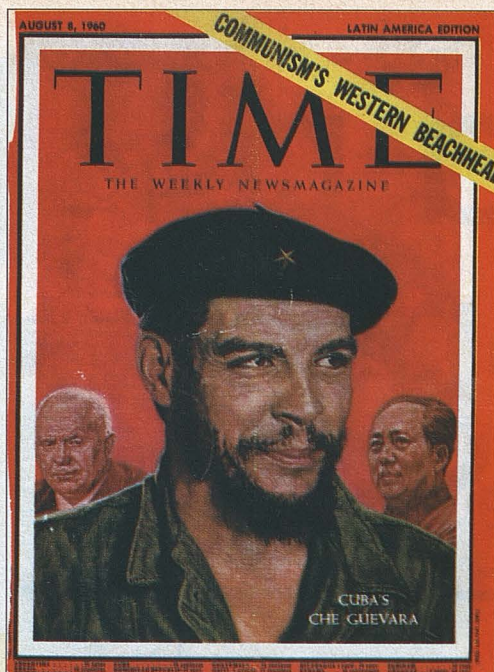
Em 1955, na Cidade do México, conheceu Fidel Castro, que na ocasião era um jovem advogado, que havia sido preso após o fracasso do ataque ao quartel Moncada, segunda fortaleza militar cubana, e preparava uma expedição armada contra a ditadura do general Fulgêncio Batista. Quase imediatamente se transformou no médico da guerrilha e, a partir deste momento, sua vida ficou vinculada à história da Revolução Cubana.

Após o desembarque do Granma, em 2 de dezembro de 1956, destacou-se nos combates de Uvero, Hombrito e Pino del Agua, nas montanhas de Sierra Maestra, na parte oriental de

**“Poucas vezes na história,
ou talvez nunca, uma
figura, um exemplo, tenham
se universalizado
com tanta celebridade
e apaixonante força”**

Fidel Castro





Na capa da revista 'Time', Guevara e o alerta: 'Ponta de lança do comunismo no Ocidente.' Na OEA, a submissão continental à vontade dos Estados Unidos para o bloqueio econômico contra Cuba

Cuba. Sua principal missão militar foi dirigir a coluna número 8, Ciro Redondo, com a qual avançou até a parte ocidental da ilha, para generalizar a luta insurrecional.

Entre os dias 28 e 31 de dezembro de 1958, comandou e lutou na tomada da cidade de Santa Clara, no centro do país, situação-chave para o triunfo armado da revolução, ocorrido em 1º de janeiro de 1959.

Neste mesmo ano, em 9 de fevereiro, foi declarado cidadão cubano nato, em reconhecimento aos serviços prestados ao país. Posteriormente, em 2 de junho, casa-se, em segundas núpcias, com Aleida March, companheira da luta insurrecional e com quem teria quatro filhos (Aleida, Célia, Camilo e Ernesto).

Com a vitória da revolução cubana, começou para Che uma intensa etapa como dirigente político e econômico. Em 26 de novembro de 1959, foi designado presidente do Banco Nacional de Cuba e, em 23 de fevereiro de 1961, o Conselho de Ministros concorda em criar o Ministério da Indústria, nomeando-o titular da pasta.

Em 1962, durante a Crise de Outubro (*questão dos foguetes soviéticos instalados na ilha, motivo pelo qual o presidente norte-americano John Kennedy ameaçava ir à guerra*) voltou a ocupar seu posto de defesa, desta vez como chefe militar da província ocidental de Pinar del Rio. Mais tarde, em 17 de março de 1964, representou Cuba em Genebra, Suíça, na I Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento. Neste mesmo ano, visitou a Argélia, a então União das

Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os EUA, onde presidiu a delegação cubana na Assembléia Geral das Nações Unidas.

Em novembro viaja de novo para a Argélia e em seguida para Mali, Congo, Suécia e Gana. Em março de 1965, visita a então República Árabe Unida (união do Egito e a Síria, que teve vida efêmera) e logo ingressa na clandestinidade, para participar da luta guerrilheira no Congo. Mais tarde, retornaria em segredo à Ilha, para preparar-se, durante meses, junto aos demais cubanos que o acompanhariam no planejamento e desenvolvimento do foco guerrilheiro na Bolívia, onde reapareceu em 3 de novembro de 1966.

Chefe fraternal e humano

Em 3 de outubro de 1965, no ato da instalação do Primeiro Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC), o comandante Fidel Castro leu a carta de despedida de Che Guevara ao povo de Cuba, o que contribuiu para deitar por terra as campanhas internacionais que foram urdidas sobre seu desaparecimento do cenário político cubano.

Em 7 de novembro de 1966, faz a primeira anotação em seu Diário da Bolívia. Em março de 1967, teve início a etapa das maiores ações guerrilheiras e, em abril, é publicada sua mensagem à Conferência Tricontinental que se realizava em Havana, na qual plasma suas concepções sobre as formas de enfrentar o imperialismo.



John Kennedy determinou o bloqueio econômico e autorizou uma fracassada invasão a Cuba. Seu sucessor, Lyndon Johnson, através da CIA, foi o implacável caçador de Che Guevara na Bolívia



Disse Fidel Castro: “Che não concebia a luta neste país sul-americano como um feito isolado, porém como fruto de um movimento revolucionário de libertação, que não tardaria a se estender a outras regiões do continente.”

“Quis ter ao seu lado, para ajudá-lo nesta missão junto aos bolivianos, um pequeno grupo experiente de guerrilheiros, que haviam sido, quase todos, companheiros seus em Sierra Maestra durante a luta revolucionária em Cuba, dos quais conhecia a capacidade, o valor e o espírito de sacrifício.”

Uma vontade de ferro

Aqueles que o conheceram afirmam que era um chefe fraternal e humano, ainda que soubesse ser, também, exigente e em certas ocasiões até severo, porém mais consigo mesmo que com os outros. Che baseava a disciplina na consciência moral do guerrilheiro e na força tremenda de seu próprio exemplo.

Não é à toa que, após a morte e o suposto desaparecimento das cinzas, a sua estrela não se tenha apagado, mas ao contrário, como expressaria Fidel Castro: “Poucas vezes na história, ou talvez nunca, uma figura, um nome, um exemplo tenham se universalizado com tanta celebridade e apaixonante força.”

Em 7 de outubro de 1967, na véspera de sua queda em combate, fez a última anotação em seu diário, que, no dizer de Fidel Castro, “foi escrito nos espaços escassíssimos de descanso, em meio a um épico e sobre-humano esforço fisi-

co e de suas extenuantes obrigações como chefe de um destacamento guerrilheiro.”

Acrescentou ainda o presidente cubano: “Na difícil etapa do início de uma luta desta natureza, que se desenvolvia em condições materiais incrivelmente duras, revela-se, uma vez mais, seu estilo de trabalho e vontade de ferro.”

Na madrugada de 8 de outubro de 1967, como o choque da guerrilha com o exército boliviano era iminente, Che resolveu estabelecer uma linha defensiva para conter o avanço das forças governamentais. Pouco depois do meio-dia, na Quebrada del Churo, ressoou com intensidade o fogo de fuzis, metralhadoras, morteiros e bazucas.

Che foi atingido por um disparo de metralhadora, em uma das pernas, mas continuou combatendo, até que o impacto de uma bala inutilizou sua carabina M-1, ao mesmo tempo que se esgotou a munição da pistola. Ajudado pelo boliviano Simeón Cuba (Willy), tentou escalar uma colina descampada, mas foram descobertos e capturados pelas tropas do exército.

Foram levados a uma pequena escola de La Higuera, onde muito ferido, Che passou a noite. Ao meio-dia de 9 de outubro, foi ali assassinado por um oficial embriagado. Tiveram a mesma sorte que o chefe guerrilheiro, de 39 anos, seus companheiros Willy e Juan Pablo Chang-Navarro (El Chino).

Os militares bolivianos anunciaram que seu cadáver fora incinerado e as cinzas espalhadas. Este procedimento, entretanto, não conseguiu fazer desaparecer da mente de milhões de pes-

Trinta e nove anos de paixão social

Uma vida breve, mas intensa, que estendeu seu sacerdócio médico à faina de revolucionário

1928 Nasce em 14 de junho, na cidade argentina de Rosário. É o mais velho dos cinco filhos do casal Ernesto Guevara e Celia de la Serna.

1930 Começa a sofrer de asma, enfermidade que o acompanharia por toda a vida.

1934 Sua família passa a viver em Alta Gracia, na província de Córdoba.

1941-1944 Matricula-se e conclui o ensino médio. Gosta de praticar esportes, principalmente rugby, e de dar longos passeios pelo campo. Lê muito e se interessa pela política do país.

1945 A família fixa residência em Buenos Aires.

1945-1951 Matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Durante seus estudos trabalha, como voluntário, em um instituto de pesquisas sobre alergias. Nas férias, costuma fazer grandes viagens. Percorre de bicicleta todo o norte e oeste da Argentina (em torno de 4.700 quilômetros).

1952 Realiza, com seu amigo Alberto Granado, durante vários meses,

extensa viagem, percorrendo o Chile, o Peru, a Colômbia e a Venezuela, regressando a Buenos Aires em 31 de agosto.

1953 Em 12 de junho, forma-se em medicina.

- Em 7 de julho, parte para a Bolívia, a caminho da Venezuela e passa pelo Peru e o Equador.

- Em 25 de agosto embarca no porto de Guayaquil para o Panamá.

- Em 20 de dezembro, chega à Guatemala procedente da Costa Rica e se incorpora ao processo democrático do governo de Jacobo Arbenz.

1954 No final de agosto, viaja de trem para o México, após a queda do governo de Arbenz.

1955 Em 18 de março, une-se à exilada peruana Hilda Gadea, que viria a ser a mãe de sua filha mais velha, Hilda. Relaciona-se, no México, com Raul Castro e outros revolucionários cubanos. Estuda intensamente marxismo-leninismo.

- Em julho, conhece Fidel Castro.

1956 Em 2 de dezembro, ocorre o desembarque do Granma na parte oriental de Cuba. Ernesto é um dos 82 expedicionários. A embarcação havia saído do

porto mexicano de Tuxpan.

- Em 5 de dezembro ocorre o batismo de fogo dos expedicionários, em um local conhecido como Alegria de Pio. Che é ferido.

- Em 20 de dezembro, após terem sido dispersados e quase dizimados durante o combate de Alegria de Pio, alguns dos sobreviventes da expedição se reencontram.

1957 No decorrer deste ano, participa dos combates de La Plata, Palma Mocha, El Uvero, El Hombrito, Pino del Agua e Mar Verde, entre outros.

- Em 5 de julho, é nomeado comandante da Coluna nº 2.

1958 Em 16 de fevereiro, participa do segundo combate de Pino del Agua.

- Em 21 de agosto, recebe a missão de conduzir, até o centro da ilha, a coluna nº 8, para combater na província de Las Villas, com ordens expressas de Fidel Castro.

- A coluna parte entre os dias 24 e 30 de agosto, saindo de Las Mercedes, em Sierra Maestra.

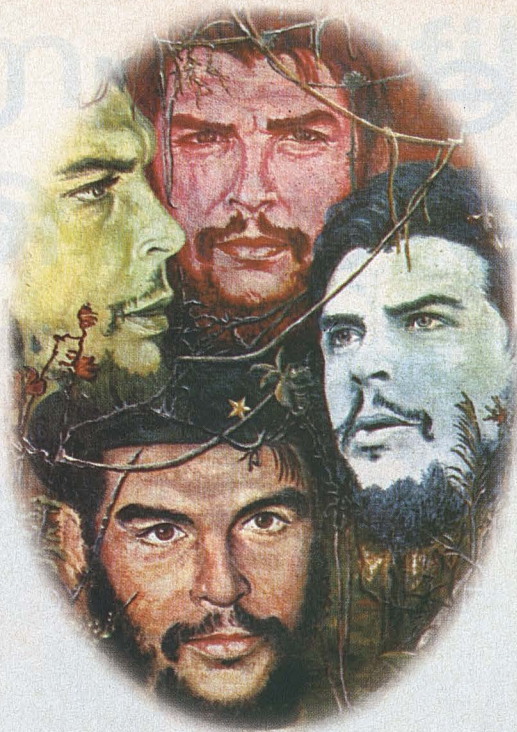
- Em 16 de outubro, chegam ao maciço montanhoso de El Escambray, no centro da ilha, após uma longa e penosa marcha. Começam a agir na província de Las Villas e protagonizam ações vitoriosas na tomada de importantes cidades e povoações da região.

- Entre 28 e 31 de dezembro, Che Guevara comanda a tomada da cidade de Santa Clara, uma das batalhas decisivas para a vitória da revolução contra a tirania do general Fulgêncio Batista.

1959 Entra em Havana à frente de suas tropas e ocupa a fortaleza de La Cabaña.

- Em 9 de fevereiro, é declarado cidadão cubano nato. O único precedente desta honraria refere-se ao dominicano Máximo Gómez, chefe do exército libertador nas guerras de independência do século XIX.

- Em 2 de junho, casa-se, em segundas núpcias, com Aleida March, mãe de seus filhos Aleida, Camilo, Célia e Ernesto.



"Tudo é parte de uma única luta. Só cabem duas posições na história: ou se está a favor dos monopólios ou se está contra. Todos, que lutamos pela libertação de nossos povos, lutamos, ao mesmo tempo, embora não o saibamos, para aniquilar o imperialismo"

- De 13 de junho a 5 de setembro, faz um longo percurso por várias nações africanas e asiáticas, representando o governo cubano.

- Fidel Castro anuncia sua designação como chefe do Departamento de Indústria do Instituto Nacional de Reforma Agrária (Inra).

- Em 26 de novembro, o Conselho de Ministros o nomeia presidente do Banco Nacional de Cuba.

1960 Em 21 de outubro, inicia sua primeira viagem pelos países socialistas, o que o leva à então Tcheco-Eslováquia, União Soviética, República Popular da China e Popular Democrática da Coreia.

1961 Em 23 de fevereiro, o Conselho de Ministros cria o Ministério da Indústria e o nomeia titular deste órgão.

1962 Em 8 de março, faz parte da Direção Nacional das Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), um dos primeiros passos dados pelas autoridades cubanas para atingir a unidade das forças revolucionárias do país.

- De 27 de agosto a 7 de setembro, realiza uma segunda viagem às então URSS e Tcheco-Eslováquia.

- Em outubro, ocupa seu posto de defesa como chefe militar da província ocidental de Pinar del Rio, durante a Crise de Outubro.

1963 De 4 a 17 de julho, realiza visita oficial à Argélia e assiste em Argel, como representante de Cuba, ao Seminário Internacional sobre Planejamento.

1964 Em 25 de março, realiza intervenções ante o plenário da Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento, em Genebra, Suíça.

- Em 11 de novembro, fala perante a XIX Assembléia Geral da ONU, em Nova Iorque.

- De 19 a 25 de novembro, visita novamente a Argélia.

- De 26 de dezembro a 2 de janeiro de 1965, visita Mali.

1965 De 2 a 7 de janeiro, visita o Congo (atual República Popular do Congo).

- De 8 a 14 de janeiro, visita a Guiné.

- De 14 a 22 de janeiro, Gana.

- De 22 a 24 de janeiro, Daomé (atual Benin).

- De 12 a 18 de fevereiro permanece na Tanzânia.

- Em 24 de fevereiro, realiza intervenções no II Seminário Econômico da Orga-

nização de Solidariedade Afro-Asiática, na Argélia.

- De 3 a 12 de março, visita a República Árabe Unida (RAU, formada pelo Egito e a Síria).

- Em 14 de março, retorna a Havana.

- Com data de 1º de abril, envia carta aos pais, onde assim se expressa: "Volto ao caminho, com meu escudo no braço..." Neste dia, sai de Cuba rumo ao Congo.

- Em 24 de abril, chega à localidade congoleza de Kibanda, junto ao lago Tanganica.

- Em 3 de outubro, durante o ato de instalação do primeiro Comitê Central do Partido Comunista Cubano, em Havana, Fidel Castro lê a carta de Che, de despedida do povo cubano.

- Em 20 de novembro, deixa o Congo, via Kibanda.

1966 Em 21 de julho, chega a Cuba, onde, na localidade de San Andres de Caiguanabo, na parte ocidental da ilha, estão em treinamento outros integrantes do futuro foco guerrilheiro da Bolívia.

- Em 3 de novembro, chega a La Paz, capital da Bolívia.

- Em 7 de novembro, em Nancahuazo, faz a primeira anotação no diário de campanha.

1967 Em 8 de outubro, ferido e esgotada sua munição, é capturado pelas forças do exército boliviano, durante o combate de Quebrada del Yuro.

- Em 9 de outubro, em uma humilde escola do povoado de La Higuera, para onde havia sido levado junto com outros guerrilheiros feridos ou mortos em combate, foi assassinado.

- Entre 10 e 11 de outubro, seu cadáver e o de outros companheiros, são enterados, em segredo, em uma área do aeroporto do povoado de Vallegrande. O mistério sobre o destino final de seus restos mortais foi mantido em segredo durante quase 30 anos.

1997 Em 4 de julho, após longa e metódica busca, são encontrados seus restos mortais por uma comissão de especialistas cubanos e argentinos.





Biografia revela u de líder de carne

Jornalista retrata o lado humano da epopéia do maior mito das Américas neste século

Lula Corrêa

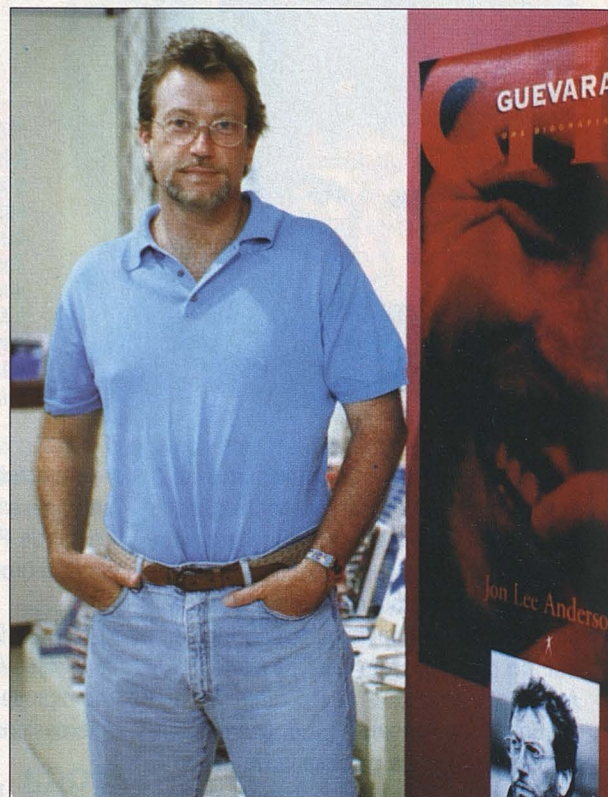


Um rigoroso comandante revolucionário e um poeta que invejava Pablo Neruda. Esta é a figura que emerge de Che Guevara: uma biografia, do jornalista norte-americano Jon Anderson, que, em recente passagem pelo Rio de Janeiro, discorreu sobre traços ainda pouco conhecidos da personalidade mítica do guerrilheiro.

O começo do trabalho como repórter no Lima Times, no Peru, revelou a Anderson a conturbada realidade política da América Latina. Uma dose de curiosidade, acerca dos movimentos de resistência armada aos regimes autoritários das décadas de 70 e 80, resultaram na confecção do livro *Guerrilheiros*, publicado em 1993. Estava germinando aí a semente da biografia de Che, que obrigou o autor a se mudar para Cuba e a caçar informações sobre esta personagem durante cinco anos.

Em sua busca, descobre um Che fruto da união de um homem com espírito aventureiro e de uma mulher à frente de seu tempo. Nascido numa casa boêmia, passou a infância imerso nas fantasias das aventuras de Alexandre Dumas, o autor de "Os três mosqueteiros". A opção por medicina, segundo Anderson, decorreu da crônica batalha do jovem de classe média alta argentina contra a asma.

O despertar da consciência política aconteceu durante uma viagem pela América Latina. Quando o passeio chega ao centro do conti-



Anderson: Che Guevara, paixão pela causa do socialismo

nente, o futuro guerrilheiro é surpreendido pela derrubada do governo progressista da Guatemala em 1954 e, já envolvido politicamente com os que se batiam por mudanças sociais, se vê forçado a seguir viagem até o México. Tem contato com Fidel Castro e os combatentes que lutavam contra o regime de Fulgêncio Batista, em Cuba.

Datam desta ocasião importantes cartas enviadas à sua mãe, na Argentina, dando conta da descoberta de um mundo em que urgiam transformações políticas radicais.

O período seguinte é ricamente ilustrado como um passo decisivo na vida de Guevara: as incursões em território cubano. Apesar do malogro inicial, o detalhamento dos fatos já mostra a disposição que levaria os combatentes ao poder no início de 1959.

m perfil e osso

Um perfil humano e generoso

A colaboração da viúva de Che, Aleida March, que a princípio desconfiou das intenções de Anderson, foi fundamental. Ela possibilitou o conhecimento pormenorizado deste período, ao liberar para o jornalista os diários escritos pelo guerrilheiro em Sierra Maestra. Nele, aparece um Che Guevara ainda assustado com a crueza da morte, mas já consciente do fecho trágico que teria sua vida.

A busca do perfil real de Che levou o biógrafo atrás de amigos e pessoas que conviveram com o retratado. Ele foi à Argentina, e em Cuba entrevistou os que estiveram ao seu lado como presidente do Banco Central e do Ministério das indústrias cubanos.

O imparcial Jon Anderson, que se diz longe de qualquer ideologia, confirmou durante suas palestras, como a proferida no auditório do jornal carioca O Globo, a crença de que o maior mérito de seu livro é mostrar um homem de carne e osso, com suas angústias e incertezas, convivendo com o corajoso rebelde das serras latino-americanas. O lado humano do líder guerrilheiro se evidencia, mais ainda, no capítulo que trata do período em que ele tenta espalhar a revolução pelo mundo. Seja no antigo Congo belga, seja nas matas bolivianas, a paixão cega pela causa, que o faz mostrar rigor nas operações militares e as dúvidas diante de

insucessos, aparecem sem retoques no livro.

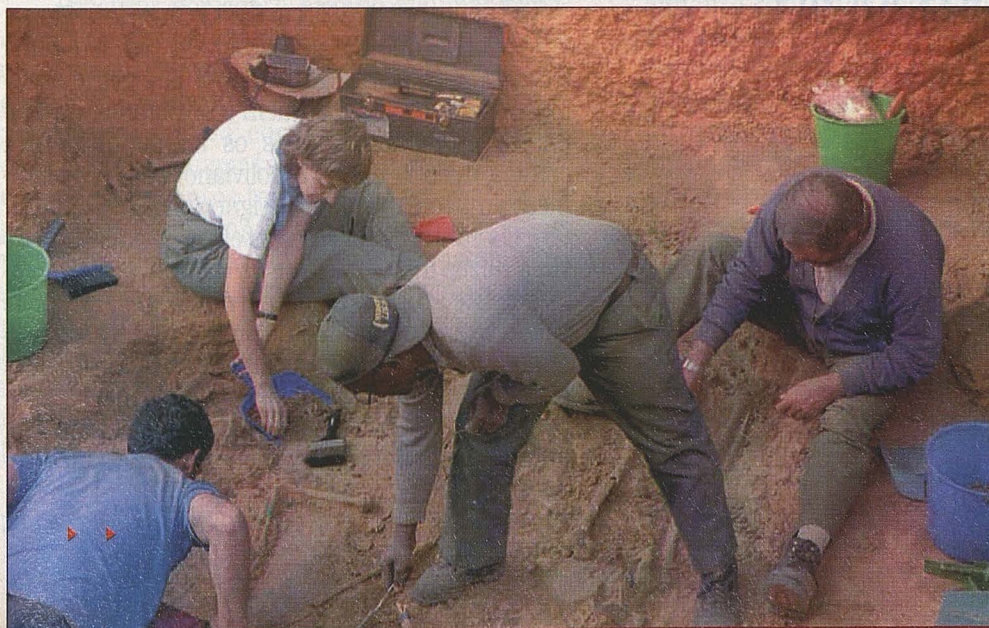
Até mesmo entrevistas, que serviram de base para o desenrolar do relato sobre os derradeiros momentos da vida de Che, reservaram surpresas para o autor.

As revelações feitas pelo general Mario Vargas Salinas, sobre o destino do corpo do guerrilheiro, foram uma mostra disto. O militar participou da execução de alguns dos resistentes armados encontrados no interior da Bolívia e estava presente, quando houve o fuzilamento de Guevara em Vallegrande. Com as confissões de Salinas, creditadas a uma bebedeira incentivada pelo jornalista, o fim do mistério sobre o destino do corpo de Che possibilitou a recuperação de seus restos mortais e pôs por terra o segredo dos documentos sobre o tema em terras bolivianas.

Hoje, vítima de intensa associação de sua imagem a um universo de consumo incensado pela mídia internacional, o retrato de Che encontra, na biografia de Anderson, a moldura ideal para os que ainda sonham com horizontes de igualdade e justiça social.

Uma passagem bastante ilustrativa disto vem do período pré-revolucionário na Venezuela. O ainda jovem médico ouviu de um europeu, também em visita ao país: "Você morerá com as mandíbulas cerradas. Um espírito distraído fala através de você. Não sabes a ajuda que prestarás à humanidade".

O destino heróico que o esperava não poderia encontrar tão perfeito vaticínio.



Vallegrande:
inconfidência do general
Mário Vargas Salinas
permitiu localizar ossada
de Guevara, sob pista
do aeroporto,
em julho último



'S. Ernesto de La Higuera'

Pablo Guadarrama González

Uma viagem no tempo pelos locais por onde passou Guevara, em busca de algumas explicações do por quê daquele acontecimento

Era a oportunidade de realizar um grande desejo: conhecer o local onde foi assassinado um dos homens que mais comoveram a consciência mundial deste final do segundo milênio, tão proclamadamente cristão. Acabava de chegar, em abril de 1996, a Santa Cruz de la Sierra, cidade que me impressionou por seu clima tropical, mas, acima de tudo, por sua gente amigável e comunicativa, a quem a lembrança de Che parece acompanhar todos os momentos, assim como à maioria do povo boliviano: com um sentimento misto de vergonha e ignorância.

Os santacruzeses sentem-se orgulhosos de suas raízes indígenas que os diferencia significativamente - por seu temperamento, sentido de vida e visão do mundo - dos naturais do altiplano andino. Nunca estive totalmente de acordo com o determinismo geográfico de Montesquieu, pelas conotações racistas que dele podem advir. Porém, quanto mais conheço a diversidade étni-



ca e ambiental deste continente, mais me convenço de que há razões suficientes para argumentar sobre as diferenças de índole que existe entre os povos e no seio de cada um deles. Em vez de tanto trabalho em busca de determinada identidade cultural abstrata, os povos deveriam dedicar seus esforços à procura de raízes e de valores que possam mostrar a outros, com o mesmo orgulho com que possam também de outros aprender. Definitivamente, é mais necessário e útil serem autênticos do que serem idênticos.

Perguntas sem respostas

Se há alguma coisa que impressiona fortemente o visitante, é que o desejo de conhecer melhor a vida e o pensamento de Ernesto Guevara, assim como o destino da Revolução Cubana, não se reduz aos setores da esquerda tradicional, que hoje reconhece que suas disputas ancestrais entre pró-chineses, pró-soviéticos, pró-cubanos contribuíram também para levar a perder a luta revolucionária na Bolívia.

Encontrar-se com setores de uma geração jovem, motivada pelo paradigma de Che, inclusive com grupos formados profissionalmente nos Estados Unidos é, mais que surpreendente, alentador. Foi no meio desta diversidade de gerações e ideologias que encontrei apoio e entusiasmo para me ajudar a cumprir esta espécie de promessa, se não manifesta, latente em cada coração de cubano revolucionário, de conhecer as estações do calvário daquele mártir, herege de religiões e filosofias.

Procurar por conta própria algumas explicações do por quê daquele acontecimento, era o que eu me propunha. Já em dezembro de 1988, enquanto sobrevoava os áridos Andes bolivianos, me perguntava: como fora possível que Che escolhesse este lugar tão inóspito para vir lutar? Que conhecimentos teria das características da população da região? Foram, então, múltiplas as perguntas que não encontraram respostas, mesmo havendo provado o significado do caráter passivo com que a maioria da população fazia honra ao nome de La Paz. Aquela estadia ainda não me serviu para compreender a extraordinária diversidade regional, étnica e cultural do controvertido e por isso mesmo apaixonante país.

As causas continuam presentes

Nesta nova ocasião, cheguei a maior conhecimento sobre suas guerras de fronteiras, nas quais perdeu partes de seu território, entre elas sua saída para o mar; sobre as duras lutas dos mineiros, estudantes e professores; sobre a penetração norte-americana e japonesa nos setores básicos da economia nacional; sobre as idílicas soluções neoliberais na tentativa de imitar o "milagre" chileno, e, acima de tudo, sobre a questão indígena, cuja explosividade se manifesta em cada uma das esferas da vida boliviana.

Tudo isso me fez refletir melhor e orientar a compreensão das razões que fazem com que muitos pensem que as causas que produziram a luta guerrilheira nos anos 60, não somente estão vigentes, como até se agravaram, ainda que os tempos sejam outros e talvez outras possam ser as vias para resolver os conflitos sociais. (...)

Ao abandonarmos a cidade de Santa Cruz, que há apenas três décadas atrás era um povoado de uns trinta mil habitantes e agora se depara com um impetuoso crescimento que a aproxima dos milhões, devido a uma imigração acelerada, nos chamou violentamente a atenção o início dos contrastes climáticos e sociais. (...)

Havíamos decidido madrugar para visitar, bem cedo, a lavanderia do Hospital de Valle Grande, para onde foram trasladados os corpos de Che e seus companheiros. Assim o fizemos, e a chegada naquele lugar coincidiu com os primeiros raios de sol. A sensação foi eletrizante ao observar o leito de morte, de cimento frio, onde foi colocado para exibição tão célebre troféu de guerra. Através de um enorme buraco que o povo de Valle Grande abriu no muro de tijolo, foi retratado por um fotógrafo, que captou, naquele rosto de olhos entreabertos, uma espécie de nova imagem de Cristo crucificado. Alguma razão parecem ter aqueles que estabeleceram, em sua religiosidade interior, tal ligação.

Contam que o padre de uma igreja próxima de La Higuera correu incansavelmente, quando soube que Che estava ferido e prisioneiro na escolinha, mas, chegou tarde. A ordem de Washington para a sua execução contava, entre outras vantagens, com as da velocidade tecnológica.



O povo da região onde o Chê foi abatido hoje o reverencia como santo

Chegar a La Higuera é viajar na máquina do tempo

O povo parece que deteve seu ritmo naquele outubro de 1967. Só algo é diferente: a escolinha, na qual se cometeu o crime e que agora é um posto médico atendido por um doutor enviado de Cuba. Em frente a ela, no que parece ser uma intenção de praça, construída precariamente de pedras pelos vizinhos, ergue-se um pequeno obelisco com um busto quase irreconhecível de Che. Lembra as esculturas dos gregos antigos, que eram pintadas para dar vitalidade às imagens de seus deuses, assim como as dos santos que em diversas igrejas mostram rostos muito diferentes, ainda que se refiram à vida e obra de uma mesma pessoa histórica.

Aquele monumento sensível me fez recordar aquele que se ergue colossal, na praça que leva o nome de Che na minha cidade de Santa Clara. Dispus-me a cumprir o prometido a um ex-combatente da coluna de Che durante a luta insurreccional cubana: depositar uma simples flor em sua memória. Dirigi-me até a única casa, onde, naquela triste rua, vi flores

cuidadosamente cultivadas atrás de múltiplas cercas de arame farpado. Tendo em vista a ausência de seu dono, perguntei aos vizinhos, que atentamente me observavam, se podia colher uma delas. Com seu silêncio e seus olhares cúmplices, pude apenas alcançar com minha mão uma rosa tão vigorosa quanto seus espinhos, que se cravaram nos meus dedos, como oferenda de pagador de promessas, por minha incômoda posição e o esquecimento de minha faca.

Antes de depositar a rosa no chão, em frente ao busto, olhei novamente para ele e, em vez de me deter em suas desproporcionadas feições, fiquei lembrando da única imagem pessoal de Che que guardo em minha memória: um dia em que vestíamos uniformes de instrução de guerrilha da Brigada Conrado Benítez, ele nos exortou a lutar contra o analfabetismo. Esta vez não me apertou tanto a garganta como naquela ocasião, porém senti que meu peito se enchia de uma certa mistura de dor e asfixia, embora isso pudesse ser por causa da altitude. Foi então que comentei com meus companheiros bolivianos: "Alguma religiosidade sempre fica no homem."

Legalistas por razões políticas, religiosas e culturais

Nossa intenção era chegar até a Quebrada del Churo (que em quíchua significa encaracolado) e não a Quebrada del Yuro (confusão que se tornou comum) e com isso empreendemos a caminhada auxiliados por dois guias. Um deles, já mais velho, tinha sido autoridade judicial do vilarejo na época da guerrilha. O outro, mais calado, deixava ao primeiro a narrativa de tantas histórias sobre Che, quem sabe se verdadeiras ou não.

Avançávamos por um terreno muito árido e frio - talvez mais favorável, pela altura, à asma do Che-, e de escassa vegetação, apesar de estar-

mos na estação das chuvas. Deste modo, podíamos imaginar a falta de proteção para se ocultar que tinha a guerrilha, quando operava nesta região durante os meses de maior seca.

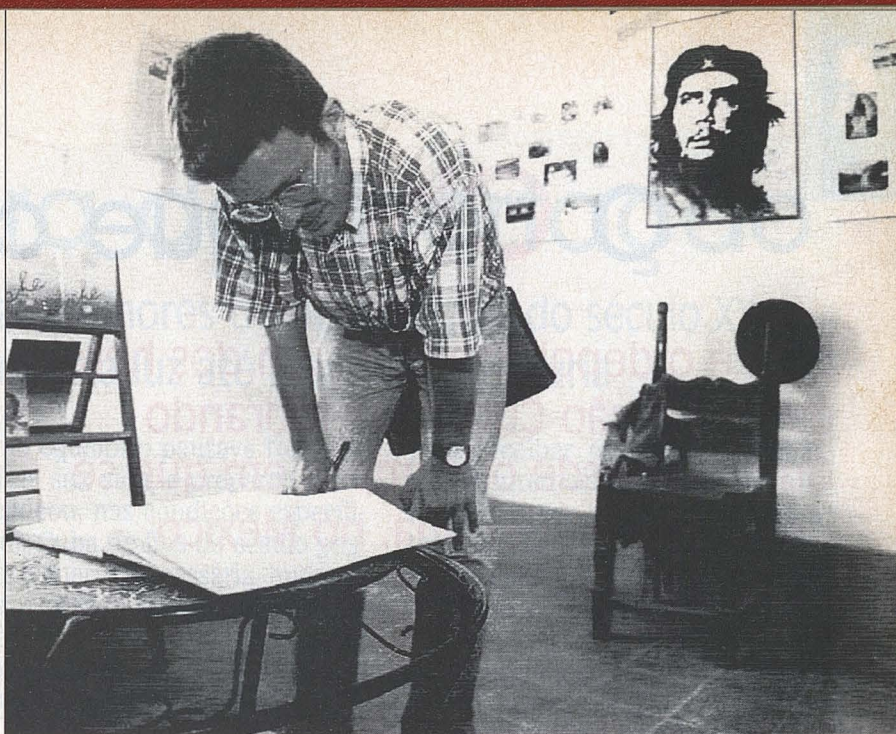
A descida continuada até a Quebrada terminou, ao cruzar o riacho e chegar até um isolado montículo de pedras, onde se diz que o Che se entrincheirou em seu último combate. Ali havia sido ferido e inutilizada sua arma.

Dali há pouco, se aproximou o companheiro da anã pastora de cabras, com a qual o grupo guerrilheiro se encontrou antes do combate decisivo. O camponês cultivava batatas e rememorou, incoerentemente, algumas ocorrências vivenciadas naquela época. Decidi tirar - além das imprescindíveis fotos - uma pedra daquele lugar, que saturada de mica, poderia ser um bom presente para o nosso museu do Che em Santa Clara, ao qual finalmente a entreguei.

Falando com os camponeses da região, percebi que, devido a razões históricas, não era uma área de grandes conflitos de terra, desde a reforma agrária desenvolvida pelo processo revolucionário de 1952. Também descobri outros fenômenos, como a grande preocupação em cumprir a ordem legal estabelecida: por razões políticas, religiosas e culturais. Observa-se, inclusive, o orgulho varonil dos jovens camponeses em participar do serviço militar obrigatório.

Muitas foram as novas noções, que somadas às extraídas pelos pesquisadores do assunto, me ajudavam a compreender alguns dos fatores que, de algum modo, incidiram negativamente na sorte adversa da guerrilha de Che na Bolívia. Mas, o meu trabalho ali não era o do historiador ou do sociólogo. Não tinha pretensões de pesquisar, embora tenha chegado à conclusão pessoal de que a escolha da região para estabelecer a guerrilha não havia sido devidamente considerada.

Somente aspirava a captar as vivências do lugar e o ambiente social. Isto me foi o suficiente, quando, depois de regressar da tão penosa subi-



Vallegrande: museu relembra Guevara e exibe a cadeira na qual foi executado por um oficial que se embriagou para cumprir a ordem da CIA, que outros recusaram

da, na qual nos ajudou o mascar folha de coca oferecida por um dos guias, voltamos ao povoado de La Higuera, e fui observando atentamente, em cada casa, a clássica imagem de Che junto às de alguns santos e à do próprio Cristo.

Nossa caminhada terminou com a refeição que havíamos encomendado para o nosso regresso, em uma daquelas casas humildes que rodeiam a precária pracinha, cujo único objeto é o pequeno monumento, também cercado de arame farpado, em sinal de devota - ainda que frágil - proteção ante os possíveis novos ataques dos usuais iconoclastas. A dona daquela modesta casa, enquanto servia à mesa sob os olhares curiosos de outros vizinhos, que se interessavam em conhecer nossa intimidade, lembrava, entre outras coisas, do dia em que levaram algo de comer a Che, na escolinha, e ele compartilhou a comida com seu companheiro. De repente, com profundo fervor religioso, comentou: "A alma do Che é muito boa e milagrosa. Todos fazemos pedidos a ele e ele a todos concede."

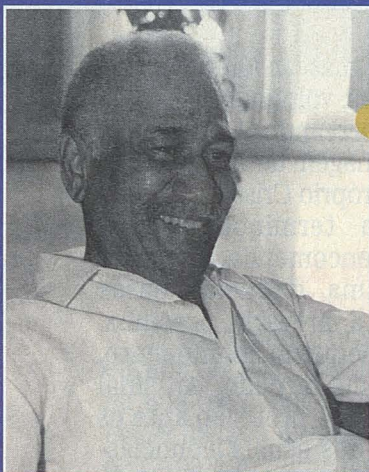
Neste momento, meu olhar deixou de se dirigir ao busto - que estava em frente a mim e que continuava observando detidamente - e não sei por que razão se desviou, primeiro para a escolinha e depois, ao final, para as ruas empoeiradas e os tetos de adobe das humildes casas, que desafiam as leis da gravidade, neste pequeno povoado que parece parado no tempo.



O Che que conheço

Este é o depoimento de um dos heróis da Revolução Cubana, lembrando Guevara desde os tempos em que se preparava a guerrilha, no México

Juan Almeida



"Este é o Che que conheço, porque, como disse Fidel, de Ernesto Guevara nunca se pode falar no passado"

Juan Almeida

Membro do Birô Político
do Partido Comunista de Cuba

Assim que cheguei à Cidade do México, em fevereiro de 1956, meu primeiro encontro com Che foi no ginásio, na rua Bucarelli nº 118, entre as ruas General Prim e Lucerna, onde estávamos, como parte do nosso treinamento e preparação para a expedição do Granma. Ele, médico argentino também exilado, vinha da Guatemala. Muito asmático, com seu inalador no bolso. Sempre vestido com traje de cor cáqui, afável, compartilhava conosco os exercícios e as diversões. Depois ia para o hospital, onde trabalhava.

Posteriormente, o encontro no rancho Santa Rosa, em Chalco, onde passamos por um treinamento mais rigoroso, em contato direto com um território agreste, onde ele tinha a função de chefe de pessoal, sem que por isso fosse excluído dos seus deveres de treinamento, das marchas, das vigilâncias, do atendimento aos doentes. Voltamos a nos encontrar como presos, na cadeia da rua Miguel Schultz nº 27, acusados de violar as leis imigratórias do México, e ele, ameaçado de ser deportado para a Argentina.

Fizemos juntos a travessia rumo a Cuba no iate Granma, onde o vejo atender os que sofriam de enjôo, quando assim o permitia a asma que muito o atacava.

A partir do desembarque em Las

Coloradas, em 2 de dezembro, nossa vida em comum de guerrilheiro fica marcada por três feitos transcendentais: quando nos surpreendem em Alegria de Pio, eu o encontro ferido no pescoço e o levo comigo até Fidel, em Cinco Palmas; na emboscada aos soldados da tirania, em Llanos del Infierno, em 22 de janeiro de 1957, onde deu prova de arrojo, valor e ousadia, ao sair da trincheira para apanhar o fuzil e a cartucheira de um soldado inimigo derrubado, arma que depois, sob prévia consulta a Fidel, me entrega, em um gesto de delicadeza que a todos nos emocionou; e finalmente, quando, como médico, lhe cabe cuidar daqueles de nós que ficássemos feridos no combate de Uvero, em 28 de maio do mesmo ano.

A estas vivências, poderíamos acrescentar a emoção que sentimos, quando o fizeram chefe da coluna 4 e Fidel o nomeou Comandante; os graves e importantes momentos enfrentados e compartilhados no confronto com a ofensiva da tirania, em julho e agosto de 1958, e a alegria ao nos encontrarmos em Camagüey, em 5 de janeiro de 1959, já derrotada a tirania, quando chegou com Fidel a Havana.

Vieram depois os dias, semanas e meses convulsos da Revolução, organizando o novo Estado Socialista, onde Che desempenhou importantes missões, até a sua saída definitiva para outras terras do mundo - primeiro a África, e depois, a Bolívia.

Além da admiração que sinto pelas suas qualidades como revolucionário, guerreiro, dirigente e como pessoa, ele ganhou também meu mais profundo sentimento de amizade, companheirismo, fraternidade, carinho mais sincero e respeito.

Este é o Che que conheço, porque, como disse Fidel, de Ernesto Guevara nunca se pode falar no passado.

Uma cultura de libertação

Guevara é um marco das melhores tradições éticas do século XX e se projeta com esta luz até a próxima centúria

Armando Hart Dávalos

A partir dos históricos acontecimentos em Quebrada del Yuro, o comandante Che Guevara se transformou num mito da justiça universal entre os homens e da solidariedade entre os povos. Longe de se extinguir com os anos, cresce e crescerá mais ainda no futuro.

Ter gozado de sua saudosa amizade é uma honra à qual não se renuncia sem cair na ignomínia.

Para cumprir cabalmente com o dever de lhe ser fiel, estabelecemos como exigência científica e cultural descobrir as raízes sociais e econômicas do paradigma que representa. Assim poderemos encontrar os novos caminhos do socialismo. Isto somente se pode compreender a partir de um conceito integral e universal de cultura. Ela está de acordo com o procedimento revolucionário do autor de "La guerra de guerrillas". E trata-se de uma cultura de libertação.

Subestima-se o valor da cultura, quando é abordada como exclusivo trabalho intelectual, alheia às exigências da prática, ou enfocando-a de modo descuidado e superficial, que paralisa a ação e subtrai todo empenho de rigor. Seu alcance e riqueza são diminuídos, se é identificada exclusivamente com propósitos de conciliação. A de libertação não concilia. Promove a busca democrática de equilíbrio. Equilibrar não é conciliar.

Martí assinalou que a aspira-

ção ao equilíbrio pautava todos os atos de sua vida, e preparou e desencadeou, nas condições específicas de Cuba de fins do século passado, a guerra "necessária, humanitária e breve", iniciada em 1895. O conceito martiano da guerra de independência de Cuba tem um embasamento cultural.

Cultura da emancipação

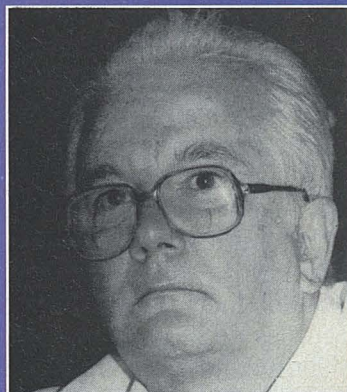
Como pano de fundo da ação de Guevara, está a cultura latino-americana, que estimula e orienta em direção à emancipação de nossos povos, a forjar "a República moral na América" marcada pelo móvel ideológico da utopia universal do homem. Se o pensamento pragmático impediu a América do Norte de chegar a uma idéia tão abrangente de cultura, na América ao sul do Rio Grande germinam como aspiração a integração e a síntese universal dos valores culturais. O ponto mais alto deste pensamento está em Martí.

As formas de ação escolhidas pelo Che para a realização deste ideal são, obviamente, muito diferentes das que devemos adotar hoje, mas a essência do seu pensamento tem vigência crescente. Seu pensar e seu atuar revolucionários se moveram em dois planos inter-relacionados: o da história da libertação da América Latina e de todo o Terceiro Mundo, e o de seu empenho como construtor de uma sociedade socialista.

Emociona relembrar que o senador e depois presidente Salvador Allende deslocou-se de Santiago do Chile até a fronteira com a Bolívia,

para recolher os últimos combatentes internacionalistas que tiveram que sair deste país após a tragédia. Quaisquer que venham a ser os caminhos entrecruzados do futuro, as sementes de Che e Allende estarão presentes nos sucessos da história da América.

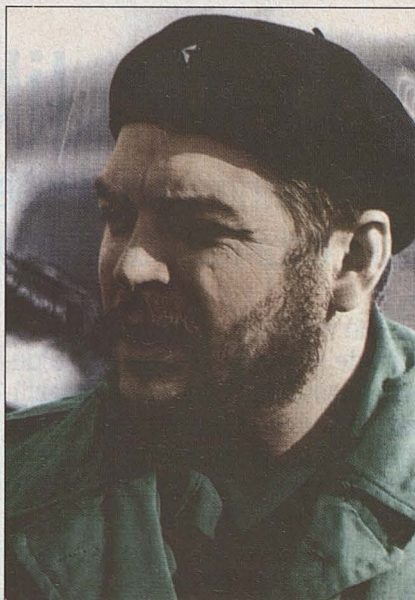
A lição principal e dolorosamente aprendida nestes anos, está em que a alternativa não era entre caminhos pacíficos ou violentos. A questão é mais sutil. Allende e o Che são dois símbolos superiores



"Foi o primeiro que falou sobre a necessidade de forjar o homem do século XXI"

Armando Hart Dávalos

Membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba



Salvador Allende e Che Guevara, síntese da luta latino-americana pelas transformações sociais

desta sutileza. O entrecruzamento de suas concepções de luta é o ensinamento mais importante que estes dois homens deixaram para a história americana. O futuro dirá como se produz esta articulação e há de ser, desde já, infinitamente complexa e adequada a cada situação particular; porém, nos dois símbolos se expressa uma vontade de transformação social na América, que a necessita, objetivamente.

Nas formas complexas em que se apresentem na vida, o enlace das concepções de luta que tiveram o Presidente Mártir e o Guerrilheiro Heróico revela uma síntese política, à qual a América não pode renunciar. As duas imagens mostram o mais elevado do espírito ético da cultura política da América na segunda metade do século XX.

Fatores éticos e morais

Apreciemos agora o segundo plano do pensamento do Che.

Na década dos anos 60, não ouviram suas advertências aqueles que estavam obrigados a fazê-lo, nem foram ouvidos os conselhos de Fidel, expressos em seu discurso ante os dramáticos acontecimentos

da Tcheco-Eslováquia em 1968. Disse, então, nosso comandante que alguma coisa tinha andado errado no socialismo, quando aqueles fatos ocorreram. O socialismo europeu se tornara tão "real", que acabou perdendo, nos anos 80 e princípio dos 90, toda realidade.

Devemos estudar o sentido mais radical das idéias que se expressam na "Segunda Declaração de Havana", em "O socialismo e o homem em Cuba" e na "Mensagem à Tricontinental", de 1966.

Precisamente na idéia de Che sobre o papel central que desempenham na história os fatores éticos e morais, e na busca que empreendeu quanto a caminhos eficazes para uma sociedade socialista, estão as chaves essenciais para entender os dramáticos processos da Europa do Leste e na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

A insuficiência ou limitação cultural, e especialmente ética, impediram o "socialismo real" de dar, internamente, coesão aos povos e de combater, de forma eficaz, externamente, os inimigos irreconciliáveis da libertação humana.

Um grande déficit da idade mo-

derna, cujo ponto mais elevado é o pensamento socialista, está no fato de que não reconheceu, com todas as consequências, que a vida espiritual do homem se acha no sistema nervoso central das civilizações.

Enquanto não se abordar com rigor científico a questão da ética e, em geral, da superestrutura e portanto da cultura, não se encontrarão as vias eficazes para se ir adiante em favor da Revolução e do Socialismo. Para traçar uma política eficaz em defesa dos explorados, deve-se, em primeiro lugar, decifrar a questão da moral e seu papel na luta revolucionária.

O homem do século XXI

O comandante Ernesto Che Guevara é um marco das melhores tradições éticas do século XX e se projeta com esta luz até a próxima centúria. Foi o primeiro que falou sobre a necessidade de forjar o homem do século XXI.

Hoje, vésperas do novo século se aproxima, nos apercebemos de que chegamos a ele em meio à mais profunda crise ética da história da civilização ocidental. Desde os tempos da queda do Império Romano, não se observava uma situação semelhante.

A evolução posterior da história poderá conduzir, a médio e longo prazos, a um colapso de proporções incalculáveis, se não se tomar consciência e não se agir sobre pressupostos de uma política baseada em uma cultura ética, profundamente humanista.

Muito se falou de forma retórica e superficial sobre o humanismo. Entretanto, a civilização poderá sucumbir em suas próprias malhas, se não retomar e assumir a herança espiritual daqueles que, ao longo dos séculos, possuíam sensibilidade, imaginação e talento para sonhar, ou seja, se não se exaltar e aprofundar o espírito que alentou os grandes criadores, desde Prometeu até Ernesto Che Guevara.

Pequenos, fixos, penetrantes olhos

Haydée Santamaría

Nesta carta a um amigo, escrita sob a emoção da morte ainda recente de Che Guevara, Haydée Santamaría comenta a trajetória do guerrilheiro e destaca, no exemplo dele, o espírito revolucionário de doação e compromisso social

Imagine, Rama, quantos não criticaram Che, quantos não o criticaram, porque não podem ser o Che, vê que coisa tão pequena. Outros não o criticarão, mas dirão: nem ele pôde? Com isso, muitos acreditarão que se diz dele algo grande, mas com isso estarão fazendo uma crítica muito sutil às suas idéias.

Porque ele, sim, pôde e, talvez para continuar podendo, lhe faltaram homens, que não foram junto com ele porque sabiam que não podiam ser como ele: esses são alguns; outros, porque em verdade preferem esta vida pequena na faixa diária e não fazer algo que possa brilhar pouco, mas que é grande ao lado da pequenez cotidiana.

Por isso, creio que devemos estar alertas, se não somos capazes de fazer coisas, feitos, e sim ter honestidade para com aqueles que tudo deram, sem pedir nada, para quem, tendo tudo, história, um povo que o fez seu, o poder para criar coisas grandes, porém mais comodamente filhos, crias como dizia ele, uma companheira que era amada por ele e que o adorava, que mais podia pedir da vida?

O que não sabem os pequenos é que ele não pedia nada à vida, o que desejava era dar, tudo lhe deu e tudo nos deixou.

Talvez se farão justificados monumentos de bronze, de mármore, de pedra, não sei de que o farão, o que,

sim, eu sei, é que algum viajante chegará ao anoitecer, e sem mesmo sacudir a poeira do caminho, não perguntará onde se come e onde se dorme, mas como se vai até a estátua, ali renderão tributo gerações e gerações "A todos: ao herói famoso e ao último soldado, que é um herói desconhecido", porém nunca tão desconhecido que não se lhe renda este tributo.

Não posso negar-lhe, Rama, que a dor empana por momentos a indignação, e sabendo que este viajante chegará, um dia, ali até a sua estátua, quanto daríamos para ver seus olhos abertos, por que se a tantos não importaria que estivessem abertos ou fechados, pois nada vêem, poderão estar muito abertos, mas sem luz, e a luz que podem apagar, ainda que seja por uns tempos, sabemos muito bem que outros iluminarão, quando podiam ter iluminado estes pequenos, fixos, penetrantes olhos. Mas, de qualquer forma, sabemos que iluminarão e diremos: "Agora é o vento, agora é o Che brigando para sempre no ar do mundo".

A rigor, 'Página salva'. Este fragmento é de uma carta dirigida a Angel Rama, datado de 23 de novembro de 1967 - mês e meio após a morte de Guevara. (Cópia do original encontra-se nos arquivos da Casa das Américas, em Havana.)



"Ele não pedia nada à vida. O que desejava era dar, tudo lhe deu e tudo nos deixou"

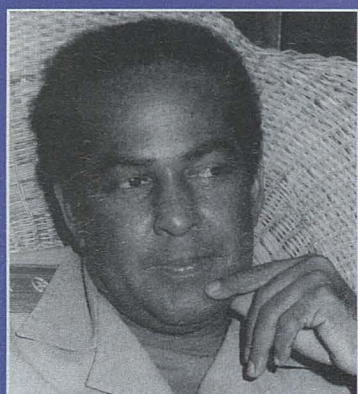
Haydée Santamaría

Fundadora da Casa das Américas e heroína do Moncada e Sierra Maestra



A partir de Yara

Sua exigência
sempre tinha
uma finalidade
e se baseava
na justiça



" Via os jovens
como a argila da
revolução. E nos
forçava, para nos
tornarmos mais
fortes "

Harry Villegas, Pombo

Acompanhou Guevara: é general-de-brigada e no momento chefia a Seção Política do Exército Ocidental de Cuba

Harry Villegas, Pombo

Yara, povoado testemunha de feitos históricos que marcaram para sempre o destino ou a rota a seguir pelo caminho da vitória, está nas imediações da Sierra Maestra, cenário de toda uma luta que poria Cuba no lugar que hoje ocupa, livre e independente. Nasci em Yara.

Com apenas dezessete anos, tinha idade suficiente para julgar que aquela vida que nos impunham era injusta. Então pensei que eu também devia fazer o que muitos jovens haviam decidido: mudar o sistema brutal ao qual estávamos submetidos. Já ouvira falar de Fidel, de suas ações, de sua valentia, de sua defesa dos pobres para libertá-los da miséria, e isso aumentou ainda mais minha decisão de incorporar-me à luta e contribuir com alguma coisa, por pouco que fosse, para apoiar suas ações.

Comecei na clandestinidade. Com outros rapazes do povoado, desligávamos a iluminação elétrica e pintávamos as paredes com frases contra o governo. Isto trouxe, como consequência, a minha prisão por três ou quatro vezes. Já estava ficando muito difícil continuar assim, mas não nos davam autorização para subir a Sierra Maestra. Diziam-nos que devíamos permanecer ali.

Um dia, junto com outros companheiros, em uma manifestação de indisciplina, achando-nos em um baile popular, dissemos: - Vamos para a Sierra. E o fizemos. Primeiro, nos unimos a um grupo de artilharia

no Valle del Cauto, depois fizemos contato com a tropa do Chino Figueredo e, quando estávamos ali, chegou Che. Isto foi em Canabacoa. Che já era uma lenda, um símbolo. Causou-me uma impressão muito grande aquela figura desajeitada, montada em um burro, com um físico bem mais fraco, e no rosto uma expressão que me lembrava Cantinflas.

Trago esse dia vivo em minha memória. Com seu sotaque argentino característico e seu olhar fixo, sem vacilação, com firmeza, Che me perguntou o que fazíamos ali, e nos disse que tínhamos que ir embora. Porém, insistimos e lhe respondemos que estávamos ali porque queríamos lutar pela liberdade de Cuba e que tínhamos vindo por decisão própria. Então, ele me olha, vê meu fuzil 22 e diz: - Você acredita que com este fuzilzinho pode fazer uma guerra? Olhem, voltem à sua cidade, pois ali há muitos soldados, vigiem-nos, dêem-lhes uma surra e desarmem-nos, e voltem cada um com uma arma nas mãos.

A empreitada foi difícil, tivemos vários tropeços, mas não voltamos de mãos vazias. Acredito que o Che nos permitiu ficar mais pela decisão que demonstramos do que pela qualidade do armamento capturado. Comecei como mensageiro, em seguida fui com ele para Minas del Frio, onde me acostumei com os frequentes bombardeios da aviação de Batista.

Ali, em Minas, recebi a primeira demonstração de como a disciplina era tida em alto conceito por Che. A comida era pouca e um companheiro iniciou uma greve de fome. Eu estive entre os cabeças. Ao chegar, nos acusou de sublevação, ameaçou fuzilar o responsável

e me castigou com três dias sem comer. Por sorte, Fidel apareceu e amenizou o castigo.

Não estive isento de outros castigos. Tudo que caracterizava disciplina ele punia severamente, porque sabia que a disciplina era um fator determinante para a sobrevivência da guerrilha. Para ele, era importante que os erros ou delitos cometidos não ficassem impunes. Acreditava que o único caminho para o autoconhecimento era obrigá-lo a meditar sobre a falta cometida. Aliás, começava por ele mesmo e com dureza.

Che lidava conosco como se fôssemos seus filhos, cuidando de nossa formação em todos os sentidos. Criticava-nos e nos advertia quando necessário. Porém, sempre justo, tinha a equidade em alta conta e um altruísmo sem limites, o

que fazia com que eu mais o admirasse e me sentisse cada vez mais comprometido com ele.

Via os jovens como a argila fundamental da revolução. Por isso, nos tempos livres, aprendíamos espanhol e matemática e liamos textos de história. E nos forçava, para nos tornarmos mais fortes. Exigia muito de nós. Em cada ação, estava sempre presente sua sabedoria, sua integridade, seu valor e sua lealdade para com Fidel.

Triunfa a Revolução e eu continuo a seu lado, como chefe de sua escolta. Intei-rei-me disso, diga-se de passagem, de uma forma que somente seu senso de humor o permitia. Ao chegar a Havana, esta grande cidade me assustou. De La Cabaña, eu olhava a cidade a distância, da estátua do Cristo, pois não me atrevia a sair. Então, um dia ele aparece e me diz que, se eu, seu chefe de escolta, pensava em ficar vagabundando sem trabalhar, não companheiro, isso somente se consegue no capitalismo. Assim tomei conhecimento do meu cargo. Subi com ele no carro e finalmente saí. Como membro da escolta, vivi vários anos junto dele e da família.

Um estudioso incansável

Um dia, me delegou a responsabilidade de cursar a Escola de Administração e dirigir a Empresa Sanitários Nacionais. Isto me obrigava a me superar, técnica e culturalmente. Então, me dei conta de que eu cometia um erro: pensar que, porque terminara o primário e havia estudado um pouco na Escola de Comércio de Manzanillo, não necessitava mais. Mas, não era assim. Lembro-me que sempre que saía com ele, na garupa de seu cavalo, me perguntava sobre algumas

coisas, por exemplo, me apontava uma plantação de café, de manga ou de tabaco, e perguntava: O que é isso? Ao lhe responder, me dizia: Vê-se que é diplomado pela Universidade de Yara.

Era um estudioso incansável. Quando fez sua viagem pela Ásia e África, deixou organizados os estudos dos membros da sua escolta. Castellanos e eu aprendemos a pilotar. Na volta do Che, estávamos no aeroporto e o primeiro que ele chamou foi o professor. Perguntou-lhe se havíamos passado. Como o professor lhe respondeu que não havíamos freqüentado as aulas, ele, como prêmio, promoveu os outros e nos mandou, a mim e a Castellanos, trabalhar no campo. Hoje, eu compreendo a importância da auto-superação, e me arrependo de não ter compreendido o exemplo que o próprio Che nos dava.

Na África

Para mim, entre os aspectos mais importantes da personalidade de Che, estão sua grande sensibilidade humana e sua extraordinária preocupação com o próximo. Uma demonstração disso foi sua luta no Congo. Realmente, foi uma grande experiência. Era muito difícil compreender a psicologia dos chefes africanos. Era muito complexo entender aquele povo que se encontrava em estados sociais diversos: desde as relações familiares de uma comunidade primitiva até manifestações modernas.

Entretanto, apesar do pouco apoio que recebíamos e da instabilidade dos chefes africanos, Che não queria ir embora dali. Decidiu que a solicitação de nossa retirada do local fosse feita por escrito, para que o prestígio de Cuba se mantivesse íntegro. Mas, além disso,



nos doía deixar os combatentes que nos haviam acompanhado. Para ele, foi extremamente difícil, do ponto de vista humano. Então, lhes pediu que eles mesmos decidissem quem viria a Cuba para estudar, mas teriam que ser uns vinte companheiros, pois não cabiam mais na lancha. Sei o quanto lhe doeu tomar esta decisão.

Outro aspecto admirável nele era a sua audácia. Era extremamente corajoso. Creio que uma característica que o diferenciava de Camilo consistia em que ele era menos temerário que Che, o que deixou bem claro em seu livro *La guerra de guerrillas*, onde esquematiza seus conceitos de guerra não convencional. Afirmava que o combate só devia ser aceito, quando seu êxito fosse garantido. Citemos um exemplo: a batalha de Santa Clara, na qual o Che se formou como estrategista e se consolidou como líder militar. Foi contra as leis da guerra, que estabelecem a superioridade numérica para o ataque. Calculou que a surpresa era um fator de enfraquecimento psicológico. Explicando sua coragem, entrou em primeiro lugar na cidade, apenas na companhia de Aleida, Parra e eu. Enquanto avançávamos, o povo saía às ruas e dizia: *Aí vem o Che, com três mulheres*. Confundiam o Parra e a mim, porque tínhamos os cabelos compridos.

Disciplina e exigência

Poderíamos ficar durante horas, falando das minhas opiniões sobre o Che, mas acredito que agora é importante esclarecer algumas coisas. Uma delas, que para este momento do nosso país e acima de tudo para a juventude é extremamente importante, é o fator "disciplina e exigência."

Uma ocasião, me encontrava

em uma unidade militar, na qual fazíamos uma espécie de palestra sobre Che. Imediatamente, um soldado me fez uma pergunta, que pela primeira vez me faziam. Vejam só: que defeitos eu havia encontrado em Che, argumentando que sempre ouvira falar nas suas virtudes e nunca nos seus defeitos. Eu, sem vacilar, respondi que do meu ponto de vista, podia apontar apenas um defeito em Che: que era extraordinariamente exigente. Entretanto, a exigência sempre tinha uma finalidade e se



Che e Fidel Castro

baseava na justiça, pois não era capaz de exigir dos outros uma tarefa que ele próprio não pudesse cumprir. E embora pareça contraditório, este defeito era uma grande virtude. Creio que a ninguém esta virtude - sua exigência - afetou tão diretamente quanto a mim, pelas minhas reiteradas indisciplinas.

Tenho muitos exemplos a narrar de indisciplinas cometidas, pelas quais recebi o rigor de seus castigos, porém agora vou apenas relatar este: durante a Invasão, Che tinha me proibido de montar a cavalo, e eu desobedeci. Mas, tive tanta falta de sorte que tropecei, e ao tropeçar, deixei escapar

um tiro. Eu não sabia se ele havia ouvido o tiro ou não, mas me apresentei a ele e narrei o ocorrido. Imediatamente fui punido: enviou-me para o Pelotão dos Descamisados, onde me deram uma panela gigantesca, vasilhas, cantis, para andar com tudo isso jogado em cima de mim. Uns três ou quatro dias depois, me mandou buscar e me reincorporei à Coluna. Hoje, medito sobre as consequências que aquele ato de indisciplina poderia ter causado à tropa. Se houvesse soldados nas proximidades, o disparo nos teria colocado em suas mãos, pois poderiam facilmente nos localizar e armar uma emboscada.

Reformador social

Che, sob este aspecto, era um chefe militar, um condutor de tropas, e a disciplina tinha um alto sentido político para ele. Entendia o guerrilheiro como um reformador social. Mas, não é possível convencer, se não se está convencido. Isto levava Che a suprimir seus defeitos e erros, para poder cumprir com dignidade seu dever, em conformidade com sua concepção de revolucionário.

Reunia as virtudes que se podem definir como a mais cabal expressão das qualidades de um revolucionário íntegro de conduta. Não sei se é possível encontrar-se nele uma única mancha. Por todas as suas virtudes, pode-se designá-lo, como dissera Fidel, modelo de revolucionário. Isto explica, na justa medida, porque um dia na Bolívia, precisamente quando analisava a disciplina da guerrilha, nos disse: "Este tipo de luta nos dá a oportunidade de nos graduarmos revolucionários - o escalão mais alto da espécie humana".



Homem do século XXI

Sua mensagem, trinta anos depois, é uma tocha que continua queimando neste escuro e frio final de século

Michael Löwy

Muitos o chamam "o último revolucionário do século XX". E se Che fosse um precursor das revoluções do século XXI?

Os anos passam, mudam os modismos, aos modernismos sucedem os pós-modernismos, as ditaduras são substituídas pelas "democraduras", o keynesianismo pelo neoliberalismo, o muro de Berlim pelo muro do dinheiro. Entretanto, a mensagem de Che Guevara, trinta anos depois, é uma tocha que continua queimando neste escuro e frio final de século.

Em sua "Tese sobre o conceito de história", Walter Benjamin - o pensador marxista judeu-alemão, que se suicidou em 1940 para não cair nas mãos da Gestapo - escrevia que a memória dos antepassados vencidos e assassinados é uma das mais profundas fontes de inspiração da ação revolucionária dos oprimidos. Ernesto Guevara - juntamente com José Martí, Emiliano Zapata, Augusto César Sandino e Farabundo Martí - é uma destas vítimas que caíram de pé,

lutando com armas nas mãos e que se tornaram, para sempre, sementes do futuro na terra latino-americana, estrelas no céu da esperança popular, brasas ardentes sob as cinzas do desencanto.

Solidariedade e fraternidade

Che não foi somente um combatente heróico, mas também um pensador revolucionário, o portador de um projeto político e moral, de um conjunto de idéias e valores pelos quais lutou e morreu.

O tom radical que dá às suas opções políticas e ideológicas, sua coerência, sua cor, sua temperatura, é de um profundo e autêntico humanismo revolucionário. Para Che, o autêntico comunista, o autêntico revolucionário é aquele que considera sempre os grandes problemas da humanidade como seus problemas pessoais. Inimigo mortal do capitalismo e do imperialismo - e também dos burocratas que não pensam senão em imitar o sistema de produção mercantil - Ernesto Guevara sonhava com um mundo de justiça e liberdade, no qual o homem deixe de ser o lobo dos outros homens. O ser humano desta nova sociedade, que Che chamava de "o homem novo" ou "o homem do século XXI", seria o indivíduo



Da época colonial aos dias da globalização, a história latino-americana exhibe a chaga da pobreza inaceitável, que desperta o inconformismo e com frequência a ação política direta dos melhores filhos destes povos



nalises

Vázquez: Che, exemplo
de vida, palavra e ação

que rompeu os grilhões da alienação e que se relaciona com os outros através de laços de efetiva solidariedade, de concreta fraternidade universal.

Existe uma frase de Martí, que o Che citava com frequência em seus discursos e na qual via "a bandeira da dignidade humana": "Todo homem de verdade deve sentir na face o golpe desfechado contra a face de qualquer homem."

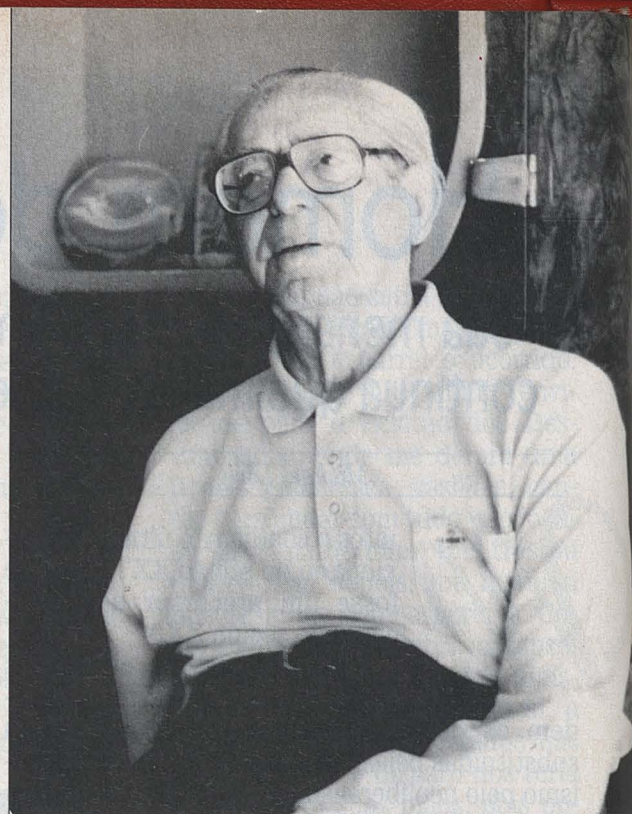
A luta por esta dignidade é o princípio ético que vai inspirar Ernesto Guevara em todas as suas ações, desde a batalha de Santa Clara até a última tentativa desesperada nas montanhas da Bolívia. Tem talvez sua origem no "Don Quixote", obra que o Che lia em Sierra Maestra, nos "cursos de literatura" que dava aos camponeses recrutados da guerrilha, e herói com o qual se identificava, ironicamente, na última carta a seus pais. Porém, nem por isso é alheio ao marxismo. Não escreveu o próprio Marx que "o proletariado necessita de sua dignidade, talvez ainda mais do que de pão"? ("O comunismo do Observador Renano", setembro de 1847).

8 de outubro de 1967: data que ficará para sempre no calendário milenar da caminhada da humanidade oprimida, até sua auto-emancipação. As balas podem assassinar o combatente da liberdade, mas não seus ideais: estes sempre sobrevivem, quando germinam na consciência das gerações que retomam a luta. Foi o que descobriram, com raiva e decepção, os miseráveis que mataram Rosa Luxemburgo, Leon Trotsky, Emiliano Zapata e Che Guevara.

O mundo de hoje, depois do fim do chamado "socialismo real" e do triunfo da globalização capitalista, o mundo da idolatria do mercado e da religião neoliberal, parece que está a muitos anos-luz da época em que lutou e sonhou Ernesto Guevara.

Porém, para os que não acreditam no "pseudohegeliano fim da história", nem na eterna perenidade da exploração capitalista; para os que rejeitam as monstruosas injustiças sociais geradas por este sistema e a marginalização dos povos do Sul pela "nova ordem mundial" - a mensagem humanista e revolucionária de Che é hoje, mais do que nunca, uma janela aberta para o futuro.

Sua estrela continuará iluminando, no século XXI, as lutas por justiça e fraternidade.



A grande lição

O ano de 68 foi,
de certo modo,
o ano de Che

Adolfo Sánchez Vázquez

Em um dia como o de hoje, do ano de 1967, fazia somente 15 dias da morte de Che. Os jornais do mundo inteiro continuavam informando, até onde lhes era possível, sobre as dramáticas circunstâncias em que foi assassinado. Os comentários brotavam também em todos os cantos do mundo. Diferiam, claro, de acordo com as posições ideológicas e políticas que os inspiravam: desde os que viam em sua morte um sacrifício generoso, porém inútil, até os que exaltavam seu heroísmo revolucionário, passando pelo elogio cauteloso daqueles que estabeleciam um abismo intransponível entre o herói e o político.

A figura do Che, entre a realidade e a lenda, iria crescendo cada vez mais, até entrar esplen-

dorosa em 1968, ano que, por muitos motivos, seria crucial. No Congresso Cultural de Havana, de fevereiro daquele ano, a saga continental do Che em toda a sua grandeza seria predominante. Mas, o que predominou, na verdade, foi sua derrota e sua morte. Entretanto, Che, como El Cid, haveria de obter claras vitórias depois de morto. O ano de 68 foi, de certo modo, o ano de Che, e o foi principalmente para as multidões de jovens que, ao conjurar seu nome, sua palavra, sua ação, se viam sacudidas por um novo e arejado espírito revolucionário. O nome de Che era freneticamente dito em coro, durante manifestações, e a sua imagem erguida com orgulho, em pôsteres e cartazes. Não era aquilo um simples desafio juvenil. Novas forças sociais, especialmente estudantis, tomavam consciência de sua própria força, atuando como verdadeiros estopins a estremecer estruturas políticas e sociais que pareciam de rocha. E tudo isso vinha, de certo modo, sob a influência do herói derrotado e sacrificado na Bolívia.

Um exemplo de vida, palavra e ação

Entretanto, os sonhos de 68 se acabaram, ao se chocarem com a dura e implacável realidade. Da detonação à revolução, há uma grande distância. A revolução não é algo assim como um raio de luz em um entardecer cinzento, mas uma luz que, para ser acesa, requer longos, cotidianos, anônimos e descoloridos esforços que nem sempre reclamam um tom heróico.

O radicalismo pequeno-burguês repele esta face da moeda e vê o revolucionário pelo seu lado heróico, no seu sentido desesperado e trágico. A figura de Che parecia encarnar perfeitamente esta visão radical pequeno-burguesa. Já em um artigo escrito três semanas após a sua morte, tratávamos de desmontar esta mistificação: "Che", dizíamos então, "é o herói revolucionário, consciente das possibilidades e dificuldades da luta, e não o herói desesperado, trágico, que se debate na escuridão, tentando realizar o impossível." E acrescentávamos: Che não é um herói trágico e muito menos um utópico ou aventureiro.

Entretanto, não era apenas por este lado

**"Che", dizíamos então,
"é o herói revolucionário,
consciente das possibilidades
e dificuldades da luta,
e não o herói desesperado,
trágico, que se debate
na escuridão, tentando
realizar o impossível. Che não
é um herói trágico e muito menos
um utópico ou aventureiro"**

que já chegava - e chegou acima de tudo, depois - a desfiguração da imagem de Che. Para outros, os cautelosos estrategistas burocratizados, ele era o chefe guerrilheiro que havia pago com a vida por sua equivocada intenção de buscar novos caminhos de luta. Nele identificavam, simplesmente, sua concepção de luta com o esquema delirante de Debray em sua "Revolução na Revolução".

Certamente, Che cometeu erros na Bolívia, mas entre eles não está o de haver aderido à linha dos estrategistas burocratizados que o criticavam disfarçadamente. Seus erros práticos não foram também uma cópia a carbono dos erros teóricos de Debray.

Pois bem, nada disso empana a grandeza de Che aos olhos daqueles que participam, de um modo ou de outro, de tarefas apagadas ou deslumbrantes, na transformação radical da injusta sociedade atual.

Estes dez anos transcorridos desde sua morte não fizeram mais que aumentar o que Fidel Castro viu nele: "Um dos exemplos mais extraordinários de lealdade aos princípios revolucionários, de integridade, de valor, de entendimento, de desprendimento, de abnegação que a história já conheceu."

Com efeito, hoje é, como antes foi - e será amanhã - um exemplo, uma grande lição e, por isso, um reconfortante estímulo, para todos aqueles que lutam pela criação de um novo homem e que fazem desta criação, não um sonho, mas um projeto viável. Por tudo isso, Che oferece, a cada dia, o exemplo de sua vida, de sua palavra e de sua ação.

Che

em nosso mundo hoje

Jaime Mejía Duque

Dissolver a mensagem

"Uns querem desmoralizá-lo, e outros banalizá-lo..." Estas palavras de Roberto Fernández Retamar caracterizam, sem dúvida, o feito histórico-político, com certeza de grande alcance em nosso tempo, que identifica o processo de absorção da lendária imagem de Che Guevara (do seu próprio rosto, naquela imagem tão inspirada do fotógrafo cubano que o surpreendeu no enterro das vítimas da sabotagem de La Coubre) pelo aparelho ideológico-publicitário do Sistema Mundial, através de uma espécie de mito excêntrico (em seu duplo sentido: como originário da "periferia" e como representativo unicamente de "o ideal").

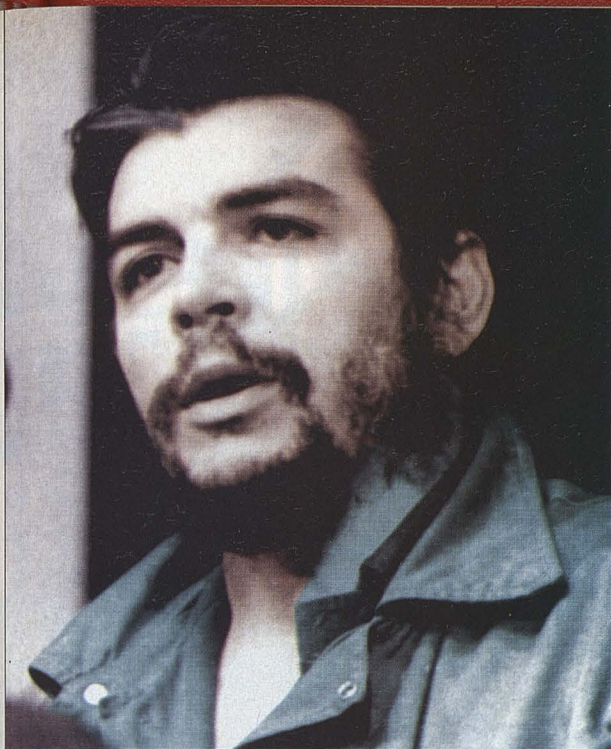
A globalização que estamos presenciando colabora para maior eficiência do dito metabolismo banalizador, ao qual, de alguma forma, já havia se referido Marx no início do "18 Brumário". As implicações múltiplas e combinadas deste processo, na ética e na política, absorvidas finalmente pelo cotidiano capitalista desde os dias do "68" francês, foram confinadas pela corrente trivializadora da mídia nos redutos ou guetos contestatórios-boêmios e estudantis das grandes cidades. Ali encontraremos, mais ou menos entronizada, a efígie heróica de Che, com seu olhar voluntarioso e abismado sob a boina de eterno miliciano e eternamente jovem, decorando pobres paredes ao lado do pôster de Marilyn Monroe: o heroísmo com seu halo de tragédia, por um lado, e, por outro, o Eros da inocência imolada nos altares do mercantilismo hollywoodiano.



Trata-se, finalmente, das formas como a sociedade oficial, em cada época, distorce e usa em seu próprio proveito (em nosso caso, o da liberdade convertida em piada) o sentido de certos futurismos, cujas conotações verdadeiramente revolucionárias se veem assim dissolvidas e enfumaçadas até o limbo das "causas nobres". O que por baixo desta escuridão continua comandando é o reino do pragmatismo, quer dizer, o império da alienação e o engano, a injustiça e os despojos universalmente consentidos.

Entre o asséptico e o demoníaco

Freqüentemente se começa aniquilando fisicamente o portador da idéia, mas, em todos os casos, se conspirará intensamente para neutralizar sua influência. Os avanços das técnicas publicitárias permitiram um refinamento dos métodos. Mas, apesar de tudo, a pessoa e as idéias do maldito alcançaram um consenso junto à juventude e a alguns outros setores da população, a tal ponto que já não seria sensato reprimi-lo. Então, se procederá à idealização da imagem do rebelde, abstraindo-a da ligação com o que há de necessário e objetivo nas mudanças, para despojá-la de sua virulência inicial e "culturizá-la" até a exaustão. Uma espécie de lirismo tendencioso irá transmudando, deste modo, em decorativo e simbólico o que era e continuará sendo seu, o enérgico chamado a uma consciência mais elevada, a uma solidariedade mais generosa, a uma libertação fundamental. Eis aí a metodologia da vulgarização. Entretanto, se ela



*O sistema mundial
tenta diluir a mensagem
de Che, limitando-o
a um idealista
inconsequente
ou pintando-o
como demônio*

for colocada em uma perspectiva mais leal e mais séria, se verá que apenas encobre o drama de um grande malogro: o do ainda possível e desejado projeto de um mundo mais justo, mais digno, mais humano.

Nos umbrais deste novo mundo, por mais remoto que nos possa parecer atualmente, ergue-se viva, rotunda, ameaçadora, a figura de Che.

No outro extremo da desfiguração ideológica, tem-se um Che "demonizado". Ante o olhar desta direita tensa e belicosa, fundamentalista, o Che seria a encarnação do Mal. É o Outro.

Entretanto, por isso mesmo, continua sendo também "Nós". Isto, porque essencialmente se confunde com nossos mais íntimos anseios de modificar radicalmente a Vida, para que o homem seja alguma vez o que deve ser. Não há nada mais válido nem mais lícito que esta velha ambição.

Mantém-se a idéia libertária e coletivista

Durante estas três décadas vertiginosas, corridas desde que Che - já ferido em combate - foi assassinado na Bolívia, houve tempo suficiente para muitas desgraças. Houve tempo, por exemplo, para que, daquele maravilhoso entusiasmo que durou cerca de vinte anos, se chegasse a atual apatia. Também houve tempo para que as heróicas guerrilhas surgidas nos países pobres, sob o impulso das grandiosas histórias do Vietnã e Cuba, se precipitassem finalmente

na mais lamentável decomposição.

Certamente, há que se admitir agora, com os olhos bem abertos, que os ciclos das revoluções a ferro e fogo, tão fecundas antigamente em determinadas conjunturas, passaram ao arquivo da História. Ao expirar o século XX, a célebre "parteira" parece ter-se convertido em cego agente da Contrafinalidade.

A causa do que estamos suportando é apenas o movimento da história, das peripécias sociais em seu conjunto - nacional e internacional -, é a dialética imanente aos processos. Quer dizer, o resultado não previsto da soma das ações dos homens.

Isto demonstra, além do mais, esta verdade sem adornos: que ainda esteja longe o dia em que se há de cumprir a formidável previsão de Marx, no sentido de que os homens conduzirão conscientemente sua história.

Porém, nada do que aconteceu até agora invalida, no seu cerne, a idéia libertária e coletivista que, de Marx e Engels até Fidel e o Che, não deixou de ser uma verdade única. Porque o capitalismo, com tudo e mais sua impetuosa globalização, com tudo e mais sua deslumbrante tecnologia, continua exibindo sua violenta destrutividade, no campo da ética, da economia, da ecologia, enfim, em toda a extensão e variedade da convivência humana.

A mensagem e o paradigma de Che e da Revolução Cubana continuarão incólumes, para além das alternativas estritamente instrumentais.

Esse exemplo de coragem, de dignidade e de altruísmo se consolidou como patrimônio de todos os povos. Finalmente, quaisquer que sejam os avatares atuais, na trama da História há que se discernir novos caminhos - sob pena de se aniquilar a vida no planeta - para realizar este único sonho.



Na pobreza injusta do Terceiro Mundo, em especial da América Latina, continuam presentes as causas das lutas de Guevara

A ética da unidade

Claudia Korol

O chamado de Guevara à unidade, ao fim das querelas inúteis, não é somente uma mensagem política profunda, mas também um mandamento ético para este tempo

No dia 26 de julho de 1967, Che Guevara escreveu em seu Diário da Bolívia: “De noite, falei um pouco sobre o significado do 26 de julho: rebelião contra as oligarquias e contra os dogmas revolucionários.”

No coração da selva boliviana, Che não disparava suas balas apenas contra os exércitos oligárquicos, dirigidos pela CIA, que na região promoviam a principal caçada humana deste século, mas também contra os dogmas que paralisam e esterilizam a luta revolucionária. Guevara havia comprovado em sua experiência que o dogmatismo tinha se tornado um útil aliado da dominação. Conhecemos muito bem essa história, nós, comunistas argentinos. (...)

Tanto no desenvolvimento da teoria como em nossa prática, negávamos a essência subver-



siva do marxismo, com uma política reformista que conduzia à integração pura e simples no sistema de dominação, à convivência com as forças políticas que reproduzem o consenso em favor desse sistema e ao distanciamento daqueles setores que aspiravam a transformar a sociedade com um sentido revolucionário. (...)

Quando indagamos das causas daquele desvio oportunista de direita, soubemos que esses enfoques eram parte de um acervo cultural subsidiário do pensamento desenvolvido principalmente na União Soviética, que havia transformado o marxismo e o leninismo em letra morta, em um catálogo de crenças que pregavam o imobilismo, aliado útil da política exterior soviética, que propunha naqueles anos "não fazer ondas", quer dizer, não abalar o mundo, nem em dez dias nem mais, com novas revoluções. Não chegávamos a perceber, em meados dos anos 80, as trágicas consequências que teriam estas deformações no próprio processo soviético, as quais conduziram finalmente a sua liquidação.

Em sua versão local, a posição do Partido Comunista argentino tinha como base filosófica o materialismo vulgar, pré-marxista, que confiava o "advento da revolução" ao determinismo das "leis do desenvolvimento social". Um pensamento de raiz positivista, metafísico, que desvalorizava profundamente o papel do fator subjetivo na criação histórica.

Ao nos entrincheirmos no dogma, recusávamos a contribuição dos marxistas mais lúcidos da América Latina, entre os quais se encontram Mariátegui, Fidel Castro e Che Guevara.

Também recusávamos as contribuições de outras experiências, como o nacionalismo revolucionário e a Teologia da Libertação. E subestimamos o potencial de enriquecimento da teoria revolucionária proveniente do desenvolvimento das ciências sociais no século XX. Isto fortaleceu um enfoque impregnado da tradição liberal argentina, negadora do popular, do nacional e das raízes combativas de nosso continente. (...)

A incompreensão do peronismo, processo que marca a história argentina até o presente e que é dado essencial da identidade nacional, acentuava um tipo de ação que combinava forte ideologismo, que anuncia os objetivos finais,

com uma prática economicista no dia-a-dia. Por essa trilha, nos anos 60, nós, comunistas argentinos, nos desencontramos das novas forças revolucionárias que se formavam em nosso país e se nutriram, predominantemente, de jovens que queriam continuar o impulso da Revolução Cubana, como esforço continental pela segunda independência. E nos desencontramos tragicamente de Che, nosso compatriota. (...)

Recuperar Guevara

São muitas as contribuições de Che, que argentinos e latino-americanos precisamos recuperar. Quero destacar apenas um tema que me parece de máxima transcendência para o momento: a ética da unidade. Em sua mensagem aos argentinos, Guevara insistiu no tema, mais de uma vez. Mas, até agora a divisão continua e a desagregação de nossas forças aumentou.

O terrorismo de Estado destruiu as principais organizações de esquerda nascidas nos anos 70, massacre só comparável à Campanha do Deserto, com a qual a então nascente República Argentina esmagou a resistência dos índios e a exterminou.

A força repressiva e militar exercida pela ditadura apoiou-se na derrota ideológica que nos aplicaram, previamente. Esta derrota ideológica, que determinou nossa incapacidade coletiva para compreender a realidade e as exigências da luta de nosso povo, teve base em vastos setores da esquerda argentina, entrincheirado cada um em sua verdade absoluta, em sua auto-proclamação de vanguardismo, em sua negação do diferente, em sua condenação do pensamento crítico e criador, em sua dificuldade para respeitar a pluralidade e também a contradição como possibilidade de crescimento coletivo.

O extermínio torna mais difícil a reflexão sobre esta etapa dolorosa cujas conclusões, no fundamental, foram elaboradas pelos vencedores e por aqueles que se passaram para o lado deles e que expressam, de forma patética, o resultado vivo da derrota. São os reprodutores do não se pode, do arrependimento, do possibilismo, golpeando com suas pregações as possibilidades de recuperação do movimento popular.



Muitos caminhos, uma só luta

No dia 25 de maio, celebra-se na Argentina um momento decisivo na batalha pela independência. Naquele 25 de maio, em Havana, como em todos os anos desde o triunfo da revolução, Che Guevara se reuniu com os argentinos residentes em Cuba. Em um discurso pouco conhecido e divulgado, ele disse, entre outros pensamentos:

“Tudo é parte de uma única luta. É verdade, quando o imperialismo nos chama de denominador comum, porque, mesmo quando as ideologias são diferentes, mesmo quando alguém não se reconhece comunista, ou socialista, ou peronista ou de qualquer ideologia política em determinado país, só cabem duas posições na história: ou se está a favor dos monopólios ou se está contra os

monopólios. E a todos os que estão contra os monopólios, a todos esses se pode aplicar um denominador comum. Nisto, os norte-americanos têm razão. Todos nós, que lutamos pela libertação de nossos povos, lutamos igualmente, embora às vezes não o saibamos, pelo aniquilamento do imperialismo; nisto somos todos aliados, embora às vezes não o saibamos, embora às vezes dividamos nossas próprias forças por disputas internas, embora às vezes por discussões estéreis deixemos de formar a frente necessária para lutar contra o imperialismo. Mas todos, todos os que lutamos honestamente pela libertação de nossas respectivas pátrias, somos inimigos diretos do imperialismo. Neste ponto, não cabe outra posição que a luta direta ou a colaboração.”

Também enfraquecem estas possibilidades a ausência de autocrítica, o estéril debate sobre quem está mais à frente numa corrida em, por enquanto, todos perdemos.

O sectarismo e a disputa dentro da esquerda são sintomas de um débil e ineficaz compromisso com nosso povo, com suas dores e suas torturantes necessidades. Portanto, o chamado de Guevara à unidade, ao fim das querelas inúteis, não é somente uma mensagem política profunda, mas também um mandamento ético para este tempo.

O neoliberalismo é a cultura do individualismo, da fragmentação, do salve-se quem puder.

A pessoa nova, proposta fundamental a que Che Guevara consagrou sua vida, é a conjugação dos valores que negam a cultura alienante do capitalismo de fim de século. Criar o homem novo, a mulher nova, este é o desafio

Sobre a base da destruição produzida pela ditadura, e da devastação econômica e social que o capitalismo promove, nesta fase em que a exploração se somou à exclusão e à marginalização de vastos setores de nosso povo, querem nos impor a cultura da adaptação e a resignação. (...)

Um novo homem, uma nova mulher

A pessoa nova, proposta fundamental a que Che Guevara consagrou sua vida, é a conjugação dos valores que negam a cultura alienante do capitalismo de fim de século. Criar o homem novo, a mulher nova, este é o desafio. E precisamos realizá-lo nas difíceis condições da cidade pós-moderna, cujo cimento sepulta as paixões e onde reinam a mentira informatizada, o consumismo como proposta de realização individual (mesmo para quem não pode consumir), a pequena corrupção que se torna o mecanismo de cumplicidade para evitar o questionamento da corrupção grande, aquela que permite que dois terços da população vivam em condições desumanas, para que se reproduzam o capitalismo e o poder dos que exercem brutalmente a dominação nestes tempos.

É nestas condições que temos que assumir o desafio de nos formarmos como novos homens e novas mulheres, resgatando a essência de nossa identidade, reintegrando-nos na cultura popular, desprezando o elogio do egoísmo e a alienação quotidiana do salve-se quem puder, recuperando a dimensão da solidariedade para viver e não para sobreviver, irmanados na causa da reconstrução de um projeto autenticamente humano. (...)

Uma madrugada de fevereiro

Jornalista uruguaio descreveu impressões em Sierra Maestra

*Carlos Maria Gutiérrez****

Uma madrugada de fevereiro, tirando em meio ao nevoeiro da Sierra Maestra que envolvia as árvores queimadas por napalm, vi, pela primeira vez, os guerrilheiros do 26 de julho. Era a coluna de Che Guevara retirando-se do combate de Pino del Agua, uma tropa íntegra e vigorosa, com o fogo da luta ainda nos olhos e envolta em uma atmosfera de sacrifício e fervor revolucionário, que fazia emudecer a quem com respeito estava presenciando os passos da história.

Depois, no acampamento de La Mesa, conversei muitos dias com Che e comprovei de onde seus soldados adolescentes copiavam aquela pureza, que lhes tornava o semblante angelical.

Passaram-se muitos anos, desde os tiros que ressoavam na neblina de Pino del Agua e desde aquele sol da Sierra Maestra. Esta semana, vi as terríveis fotografias que inflamam os corações revolucionários com uma promessa inextinguível de ódio e vitória: o cadáver maltratado, porém o rosto infantil, os olhos abertos que permaneceriam nos olhando. E deste corpo, que jazia martirizado e exposto ao escárnio de seus assassinos, se desprendia ainda a serenidade imponente da verdade. Entretanto, era também uma verdade maior, à qual Che filiou sua vida e sua morte: a verdade de uma luta que vai deixando estes cadáveres pelo caminho, apenas para fazê-los viver de outro modo.

Esta morte e sua dor, que comove a todos os povos e a todos os homens de boa vontade, anunciam que acaba um mundo e nasce outro. Em 1958, havia um som nos lábios dos guerrilheiros de Sierra Maestra: "Sai desta calçada / Olha que te derrubo /que aqui vem Che Guevara /acabando com o mundo."

Gutiérrez, já falecido, prestigioso colaborador do semanário uruguaio "Marcha" escreveu este artigo, em outubro de 1967

Imagem e símbolo



Rigoberta: Che, consciência internacionalista

Rigoberta Menchú

Assim como muita gente do meu povo, meu primeiro conhecimento a respeito de Che foi mais por sua imagem e símbolo que por seus escritos e sua obra. Nos tempos mais difíceis desta longa luta pelo respeito a nossos direitos humanos e como povos indígenas, a imagem de Che encarnou a consciência e a determinação de ser fiel, até a morte, às idéias nas quais acreditamos.

Nos tempos atuais, nos quais para muitos a ética e outros valores profundos são miudezas que se compram e se vendem, o exemplo de Che ganha ainda uma dimensão maior.

Como mulher indígena, faço uma leitura nova do pensamento de Che, face aos gigantescos esforços dos povos indígenas, em todo o mundo, para conseguir o reconhecimento e o respeito a seus direitos e valores milenares. Certamente, iremos encontrando melhores enfoques sobre as idéias e a ação deste homem exemplar.

Há que se ressaltar a profunda sensibilidade que teve Che em relação aos problemas do mundo, bem como à necessidade de mudanças.

No coração dos povos, viverá sempre a consciência internacionalista de Che.

Líder indígena guatemalteca e Prêmio Nobel da Paz

O nascedor

Por que será que Che tem este perigoso costume de continuar nascendo? Quanto mais o insultam, o manipulam, o atraíam, mais nasce. Ele é o mais nascedor de todos.

Não será por que Che dizia o que pensava, e fazia o que dizia? Não será por isso que continua sendo tão extraordinário em um mundo onde as palavras e os atos muito raras vezes se encontram, e, quando se encontram, não se cumprimentam, porque não se reconhecem?



Galeano:
Che, o
maior
nascedor
de todos

Eduardo Galeano
Escritor uruguaio. Autor do clássico "As veias abertas da América Latina"

Está para acabar...

Está para acabar "o século de Che", porque ninguém no século XX traz em si tanto dos sonhos, das lutas, dos revezes, da vontade de superar a exploração, a dominação, a alienação, a segregação, a discriminação; ninguém traz em si tanto de solidariedade, de humanidade, como ele. Por isso, este século não pode ser pensado sem ele e nem mesmo estaremos em condições de enfrentar os desafios do próximo, sem levar o que de melhor ele nos deixou.

Emir Sader
Cientista político brasileiro

Che

**Guevara pode
mostrar-se aos
pensadores do
Terceiro Mundo
como um modelo
de intelectual
revolucionário**

Raul Roa
ex chanceler de Cuba *****

@ onheci Che durante meu desterro no México, numa noite em que fui visitar seu compatriota Ricardo Rojo. Ele acabava de chegar da Guatemala, onde exercitara suas primeiras armas revolucionárias e antiperlistas, sem sucesso.

Parecia e era muito jovem. Sua imagem fixou-se em minha retina: inteligência lúcida, palidez ascética, respiração asmática, fronte protuberante, cabeleira farta, humor seco, queixo enérgico, atitude serena, olhar curioso, pensamento atilado, fala tranquila, sentimentos vibrantes, riso claro e uma espécie de irradiação de grandes sonhos envolvendo sua figura.

Começava a trabalhar no Departamento de Alergia do Instituto de Cardiologia. Nossa conversa girou em torno da Argentina, Guatemala e Cuba e de seus problemas como problemas da América Latina. Che já havia transposto o horizonte estreito dos "nacionalismos" crioulos para tornar-se um revolucionário continental. Nossa América é a suprapátria comum e a luta por sua emancipação do domínio imperialista é una e indivisível. A velha e nova rota de Bolívar, de San Martín, de Martí.

Seu conhecimento da dramática situação existente em Cuba e da estratégia revolucionária elaborada por Fidel Castro com o assalto ao quartel de Moncada decorria de suas conversas, na Guatemala, com Níco López, sobrevivente daquela ação audaz. O episódio heróico e a firme decisão de Fidel de prosseguir a luta até conseguir a vitória firmaram-lhe a convicção e abriram-lhe novas perspectivas. Seu posterior encontro com Fidel decide sua total e definitiva incorporação à Revolução Cubana. Nos anais da história revolucionária inscreve-se um nome tão curto, quanto potencialmente cheio de ressonâncias descomuns: Che. Em Sierra Maestra, primeiro ato de sua biografia de revolucionário sem fronteiras, encontraria Che seu verdadeiro caminho, o qual já vislumbrara, confusamente, em suas andanças pela América Latina. Cronista da epopéia em que ele próprio se insere, como um dos protagonistas egrégios, Che nos dá sua medida humana e seu valor guerreiro, ao referir as proezas dos outros e descrever a campanha sob sua responsabilidade, a qual rivaliza, em coragem e arrojo, com as de Antônio Maceo e Máximo Gómez. As páginas que dedicou à invasão simultânea de sua coluna e da de Camilo Cienfuegos figuram já, pela linguagem direta, sóbria e expressiva, perpassada por sutil ar poético, como modelo do gênero. Seu estilo inconfundível revela o homem.

Intelectual revolucionário

No campo da ação e da teoria revolucionárias, a contribuição de Che é particularmente valiosa, pela profundidade e alcance: são numerosos ensaios, artigos e discursos. Foi, igualmente, consumado ativista e teórico da guerra de guerrilhas, e também um pensador profundo e vital que, à luz das peculiaridades do processo revolucionário cubano, insuflou espírito novo e tonificante à teoria marxista-leninista, aplicando suas concepções criadoras às múltiplas e complexas tarefas que lhe confiaram.

Entre seus méritos extraordinários está o de ser um dos arquitetos da nova sociedade socialista e comunista que o povo cubano edifica, sem fazer concessões ao inimigo.

Che pode mostrar-se aos intelectuais do Terceiro Mundo como um modelo de intelectual revolucionário. Che praticou, com espantosa naturalidade, o que pregava, servindo-lhe de



Roa: Che, ativista e teórico da guerra de guerrilhas

epitáfio as próprias e premonitórias palavras, que são um ato de fé revolucionária e uma exortação à continuação do combate:

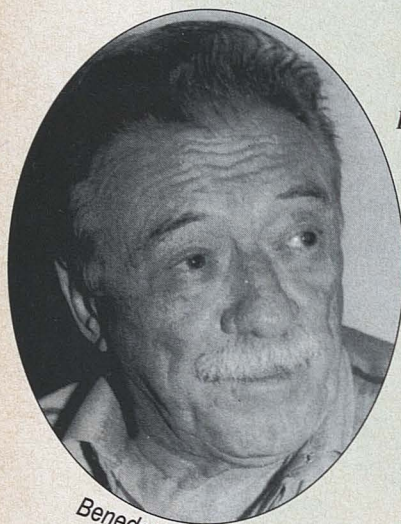
“Toda a nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte. Onde quer que a morte nos surpreenda, benvinda seja, sempre que nosso grito de guerra tenha alcançado um ouvido receptivo e outra mão se estenda para empunhar nossas armas, e outros homens se apremem para afinar os cantos de luto com o pipocar das metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória.”

A estremeceadora repercussão de seu holocausto antecipa sua posteridade militante. Como todos os guias revolucionários caídos no cumprimento do dever, uma vida nova - transformada em símbolo atuante e dirigente - inicia-se para Che, personagem lendário da revolução em marcha nos três continentes que o imperialismo saqueia, escraviza e humilha.

Raul Roa escreveu este artigo em outubro de 1967



Che 1997



Benedetti

Mario Benedetti

*Lo han cubierto de afiches / de pancartas
de voces en los muros
de agravios retroactivos
de honores a destiempo*

*lo han transformado en pieza de consumo
en memoria trivial
en ayer sin retorno
en rabia embalsamada*

*han decidido usarlo como epílogo
como última thule de la inocencia vana
como anelo arquetipo de santo o satanás*

*y quizás han resuelto que la única forma
de desprenderse de él
o dejarlo al garete
es vaciarlo de lumbre
convertirlo en un héroe
de marmol o de yeso
y por lo tanto inmóvil
o mejor como mito
o silueta o fantasma
del pasado pisado*

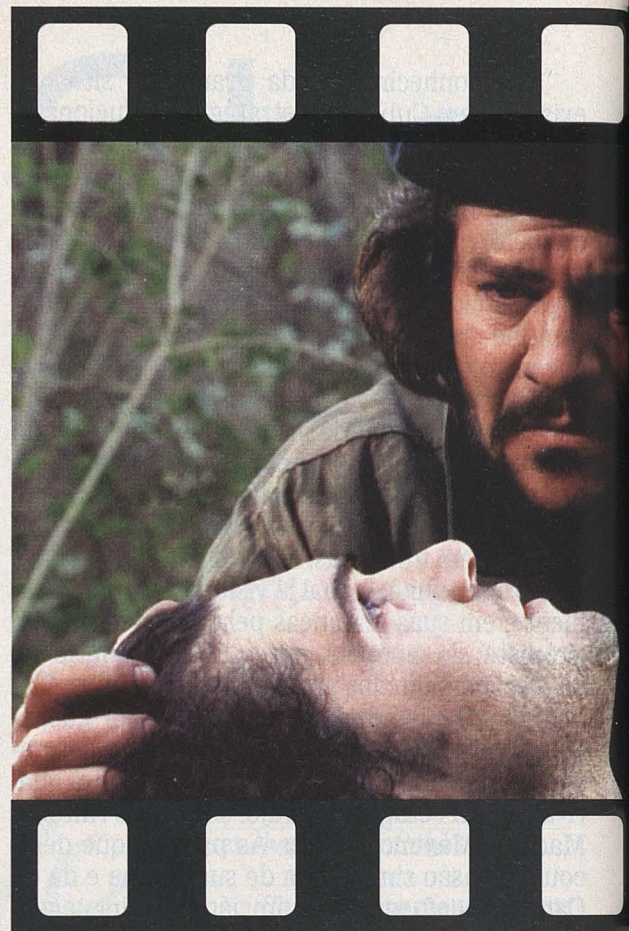
*sin embargo los ojos incerrables del Ché
miran como si no pudieran no mirar
asombrados tal vez de que el mundo no entienda
que treinta años después sigue bregando
dulce y tenaz por la dicha del hombre*

*Cobriram-no de faixas/de cartazes/ de vozes nos muros/
de ofensas retroativas/ de honras fora de hora*

*Transformaram-no em artigo de consumo/ em memória trivial
em ontem sem retorno/ em raiva mumificada*

*Decidiram usá-lo como epílogo/ como um véu final da inocência inútil
como aspiração arquetípica de santo ou satanás*

*E ainda resolveram que a única forma/ de desprender-se dele
ou deixá-lo à deriva/ é vazá-lo de luz
convertê-lo em um herói/ de mármore ou de gesso
e assim imóvel/ ou melhor como mito
ou silhueta ou fantasma/ do passado esmagado/
Mas, os olhos do Che que não se fecham/ observam como se não pudessem
deixar de observar/ assombrados talvez de o mundo não entender
que trinta anos depois ainda sustenta a luta / doce e tenazmente pela felicidade do homem*



Na tela, os

Mariano Franco

**Filme argentino mostra
a epopéia nas selvas
bolivianas e enfatiza
a visão humanista do
lendário guerrilheiro**

Cena de "El Che":
Miguel Ruiz Díaz, como
Che, e Luciano Casaux
como um guerrilheiro
moribundo

dias finais

Mos 30 anos da morte de Che Guevara, num momento histórico em que o mundo parece cambalear como bêbado sob a pressão da pós-modernidade, chega às telas de cinema o primeiro filme argentino sobre a figura de Guevara, igualmente a primeira de uma série de produções esperadas até o fim de 1997.

Em entrevista exclusiva a **cadernos do terceiro mundo**, Agustín Pérez Pardella, escritor, roteirista e diretor-geral do Centro Cultural General San Martín, de Buenos Aires, e Aníbal Di Salvo, diretor cinematográfico com mais de 50 anos de trabalho, revelam alguns episódios dos bastidores da filmagem de *El Che*, produção que aborda os últimos onze meses de vida do guerrilheiro, na selva boliviana.

Como o filme virou realidade?

Agustín Pérez Pardella - O projeto nasceu há quatro anos, quando uns italianos me propuseram a confecção de um livro. Depois de quase um ano de pesquisa e redação, o convênio se rompeu e a obra ficou em meu poder. Uns amigos insistiram em apresentá-lo ao Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais, para conseguir patrocínio para um filme. Apesar de meu pessimismo - Che Guevara sempre foi figura-tabu para o situacionismo argentino -, o patrocínio foi obtido e fomos atrás de um diretor e de atores. Finalmente, depois de várias trocas de diretor, optamos por Aníbal Di Salvo, homem com grande experiência e conhecimento e de excelente trato com as pessoas. Foi ele quem, afortunadamente, começou e terminou o filme.

Aníbal Di Salvo - Para mim, tudo começou em 1996. Exigi ver o livro, já que, apesar de admirá-lo, o personagem é nada fácil de abordar. No entanto, ao ler o livro de Agustín e comprovar seu rigoroso fundamento histórico, não tive dúvidas em aceitar a proposta.

No filme, como a vida de Che é recriada?

ADS - Seus últimos meses de vida, mais precisamente do instante em que chega clandestinamente à Bolívia até o momento em que é assassinado. Pessoalmente, creio que abordamos os momentos mais ricos de sua existência, quando já tinha deixado o cargo de ministro da Indústria em Cuba, havia renunciado à presidência do Partido Comunista e tinha se separado de seus familiares e amigos. Tudo isso para enfrentar o exército boliviano, a CIA e seus helicópteros, sem comida nem medicamentos, e com um grupo de apenas 47 homens! Preocupamo-nos com alguns detalhes, como, por exemplo, em mostrar a maneira como andava pela selva e de que forma lidava com sua asma. E também com anedotas, como o dia em que um de seus homens lhe improvisou umas sandálias com pneus e couro.

APP - Para muitas pessoas, com o triunfo da revolução cubana, a fase revolucionária de Che havia chegado ao fim. E por isso que sua etapa final, na selva boliviana, desperta tanto interesse. Nesse tempo, renunciou às homenagens e entregou-se de corpo e alma a servir ao próximo.



Houve preocupação com o aspecto subjetivo do personagem?

ADS - Não aprofundamos a questão política. Poderíamos dizer que enfocamos seu aspecto humano e humanista, embora isto, de alguma maneira, tenha conotações políticas.

APP - Che era um homem que, em meio àquele inferno, levava em sua mochila um livro de poesia. Há muitas coisas que todos já sabem a seu respeito. Então, seria novidade explicar por que ele andava armado? Isso é novo? O que me interessa mais é o que ele dizia, o que explicava aos camponeses, o que falava a seus mortos e como o fazia. A fonte principal, na qual se baseia o roteiro, são as impressões do dia-a-dia, que Che anotava em suas andanças pela selva, as quais chegam até nós com a edição de seu Diário da Bolívia.

Quais as locações usadas no filme?

ADS - O filme foi rodado inteiramente na província de Salta, no noroeste argentino.

Qual a reação provocada nas pessoas desses lugares?

APP - Eu só participei de algumas gravações, mas, nos poucos momentos em que estive presente, pude ver a adesão dos atores e atrizes. Eu os vi tremendo sob o frio intenso da região e encharcados. Mas notei que participar desse filme significava muito para eles, tanto do ponto de vista artístico quanto moral. Ainda me lembro da cena em que uma camponesa dá de comer a Che, antes de seu fuzilamento: estavam todos chorando!

ADS - A reação das pessoas de Salta foi impressionante. No noroeste, eles adoram Che Guevara. Vinham de todas as partes, falando coisas do tipo: "Eu estava na Bolívia quando tudo isso aconteceu." Ou, então, pediam para trabalhar como figurantes ou em qualquer outra coisa. Houve casos de pessoas dispostas a trabalhar de graça! Eu fiquei maravilhado!

Che Guevara continua despertando a simpatia dos jovens do mundo inteiro, ainda mais quando a apatia ideológica parece ser a marca de nosso tempo. A que vocês atribuiriam este fenômeno?

ADS - Bem, creio que a passagem dos 30 anos de sua morte influenciou muito. Mas também intuo que a juventude tomou Guevara como referência, diante do avanço selvagem do capitalismo no mundo.

APP - Além disso, há um fenômeno cultural muito importante. A relação da juventude com ele é entusiasta, emocional, forte. E não é a emoção que pode suscitar um ideólogo. Na verdade é algo mais: eles se sentem identificados com Che.

Acha que Guevara, no período que passou na Bolívia, sofreu um certo desencanto e um impulso de enfrentar, sozinho, o sistema, numa atitude que teria tido algo de desespero?

APP - Não. Havia um plano para tudo: um plano que, de fato, falhou. E o que o fez falhar foi o Partido Comunista, já que as relações de Guevara com Moscou eram muito ruins, assim como eram ruins as relações dele com tudo que fosse oficial. Então, quando o Partido Comunista boliviano o abandonou, na preparação do levante dos sindicatos e do campesinato, Che soube que havia fracassado e teve a oportunidade de confirmar isto, ao tentar, por conta própria, o levante de, pelo menos, um pequeno povoado: aproximava-se da população e esta o olhava e se afastava. As pessoas desses lugares não sabiam quem eram aqueles caras de barba que vinham ajudá-los e, claro, temiam e desconfiavam.

Ele era marxista?

APP - Penso que o marxismo foi para ele como um barco, no qual poderia "cruzar o pântano". Mas ele ia mais além: não pretendia uma mudança no padrão de consumo ou na mentalidade econômica. Ele trazia uma mensagem universal, quase espiritual que, lamentavelmente, teve que transmitir como David o fez: com uma grande pedra na funda.

Terá Che, na selva boliviana, no momento em que se converteu em uma espécie de lobo ferido à deriva, perdido de vista as razões que o levaram até lá?

APP - O que ele manifestava era o contrário: um grande otimismo, ele fazia piada com seus



Cena de "El Che":
Alberto Benegas,
Hugo Arana, Marco
Wornsky e Omar
Tiberti - o alto coman-
do discutindo a ação
contra a guerrilha

inimigos... mas creio que era um discurso duplo. Creio que Guevara escondia um pensamento que nunca manifestou a ninguém, um grande monólogo trágico dentro de si mesmo. Daí aqueles acessos de asma, que eram violentíssimos... Havia nele algo como uma solidão abissal: era difícil atravessar seu olhar ou extrair-lhe uma palavra. Era de uma frieza, de uma serenidade extraordinária para consigo mesmo e os demais.

A que se atribui o fato de Che, sendo oriundo de família da alta sociedade argentina, inclinar-se tão resolutamente por uma vida dura e sacrificada?

ADS - Acredito ter descoberto a resposta para essa questão, lendo o Diário de Viagem do estudante de medicina Ernesto Guevara Lynch. Ainda quando lhe faltavam algumas matérias para a graduação, o jovem Ernesto iniciou, com um amigo, uma viagem de moto até a Venezuela, passando pelo Chile, a Bolívia, o Peru e o Equador. Conheceu a realidade dos camponeses latino-americanos, de uma miséria extrema, e entrou em leprosários... Acho que foi nesse momento que encontrou sua autêntica vocação. Até então havia sido simplesmente o filho de uma família ilustre da Argentina.

Voltando ao filme, El Che gerou alguma expectativa no mundo cinematográfico?

APP - O interesse é muito grande. Apesar de ser um trabalho quase artesanal - Di Salvo é um artesão maravilhoso -, muito distante de uma

grande produção hollywoodiana, o filme foi vendido para a Colômbia, o México, a Inglaterra, a Itália, a Espanha e já foi encomendado por países da Ásia.

Na sua opinião, o que ficará do legado de Che Guevara daqui a 15 anos, por exemplo?

APP - Atualmente, na Itália, as universidades pesquisam tudo que diz respeito a Guevara: há especialistas na forma que adotava em suas cartas, no que dizia para a sua família, para os soldados, suas idéias sobre economia. Creio que, afortunadamente, ele "foge" de tudo isso. Não poderá ser patrimônio de nenhum historiador, pensador, ensaísta ou jornalista. O bisturi de dissecação poderá ser aplicado a personalidades como Marx ou Trotsky, mas não com Che.

Talvez no futuro, músicos, poetas e grandes dramaturgos poderão dar a chave de sua personalidade, da mesma forma que, por exemplo, a expressão do horror vivido na Espanha surgiu de um homem inesperado, não de um escritor, mas de um pintor, Picasso, com o seu célebre quadro Guernica. Ocorreu o mesmo, quando da explosão de Hiroxima e Nagasaki: nada melhor do que a arte concreta e abstrata para refletir o mundo terrível em que vivemos. Talvez tenhamos que fazer muitas coisas incoerentes, para explicar uma coerência interior. Acho que esse é também o caso de Che Guevara. □

Piratas da vida amazônica

Carlos Gondim

*S*etenta mil sementes de seringueiras (*Hevea brasiliensis*), embarcadas clandestinamente no navio inglês, com o sugestivo nome de "Amazonas", talvez seja o caso mais famoso - porém, nem primeiro ou único -, de pirataria biológica ocorrida no Brasil, especialmente na Amazônia. Seu autor foi o botânico inglês Alexander Wickham. Era o ano de 1876. Decretou o início do fim do Ciclo da Borracha.

Ultimamente, toda a imprensa tem noticiado casos de biopirataria. O mais grave deles, por se tratar do gênero humano, informa a comercialização de culturas de tecidos obtidas a partir de células sanguíneas, de dois grupos indígenas da Amazônia - os suruí e os karatiana, de Rondônia. No Congresso nacional, existe uma comissão investigando o caso. Se investigassem mesmo, constatariam que piratear, contrabandear ou simplesmente surrupiar materiais biológicos da Amazônia é uma prática comum. Algumas vezes, maquiadas e até certificadas oficialmente.

Segundo Berta Ribeiro, em seu livro *Amazônia Urgente*, 1990, Charles Darwin, para formular a sua famosa teoria da evolução e seleção natural, serviu-se de uma coleção de mais de mil espécimes de plantas e animais, levados da Amazônia para a Inglaterra por

Henry Walter Bates, que aqui viveu 11 anos. Isto se passou lá pelos idos de 1849 e 1859.

Nas academias e nas instituições científicas oficiais, vigora um procedimento originalmente salutar e eticamente correto, que é o intercâmbio de materiais científicos e depósito de exemplares duplicados, entre organismos nacionais e também destes com institutos, universidades, centros de pesquisas e outros, internacionais.

Na metade da década de setenta, lembro-me de um fato acontecido, quando da realização de meu mestrado no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus. Existia um entomologista (estudioso de insetos), especialista daqueles bichinhos encontrados nas várzeas e igapós amazônicos. Era alemão. O seu nome: Joaquim! Verdade. Alemão com nome de português!

Terminado seu tempo de pesquisa de campo, o mesmo retornou a sua terra natal, a Alemanha. Na bagagem, uma quantidade enorme de material biológico. Com toda certeza, insetos coletados, especialmente nas várzeas e igapós dos rios Solimões e Negro. "Com todo este material, ele vai ter trabalho para o resto da vida!" - foi um dos comentários que ouvi, na ocasião. Tenho dúvidas se ocorreu o depósito das duplicatas. Mesmo porque muitas espécimes eram então desconhecidas, zoológicamente.

Com o avanço da tecnolo-

gia, especialmente da informática, da biotecnologia e da engenharia genética, talvez seja de menor importância este tráfico de materiais biológicos - pensam alguns.

Mas, se observarmos que por trás de tudo isso pululam enormes interesses econômicos, veremos consequências aterradoras. Vale lembrar, a propósito, que na Conferência Mundial de Meio Ambiente, a Eco Rio-92, o presidente George Bush negou-se a assinar o Tratado da Biodiversidade, porque "era contra interesses econômicos dos Estados Unidos".

O patrimônio genético de microorganismos, plantas e animais, que é comum à humanidade como um todo, e em especial dos povos de onde os mesmos foram roubados, pirateados ou simplesmente retirados, passa a ser propriedade particular e exclusiva de empresas. É a lei das patentes biológicas!

Benvindos sejam os estrangeiros com seus recursos. Mas, é fundamental estabelecer regras e procedimentos, para assegurar que a ciência, o conhecimento, a tecnologia, gerados a partir dos materiais biológicos nativos da Amazônia, sejam aplicados e revertam em melhoria da qualidade de vida dos povos que aqui vivem e que são os verdadeiros guardiães da vida amazônica. □

O autor é engenheiro agrônomo, mestre em Ecologia, professor da FCAP e presidente da ONG Novos Curupiras (091) 233-0241

EDITORIA TERCEIR MUNDO Online

Bem-vindo a Editora Terceiro Mundo Online - uma casa editorial com a visão do Sul.

Venha conhecer melhor nossa história e nosso propósito



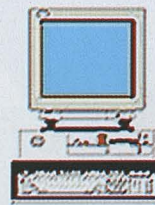
Agenda
■ ■ ■ ■



NOVIDADES



Agenda
■ ■ ■ ■



Home

Revistas

Publicações

Centro de
Documentação

Serviços

Fale conosco

Visite o nosso site na Internet

<http://etm.com.br>



Natural de Niterói



PREFEITURA DE NITERÓI